

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS UNIÃO DA VITÓRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO**

**DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONFLUÊNCIAS ENTRE FILOSOFIAS E INFÂNCIAS**

UNIÃO DA VITÓRIA -PR

2024

RAFAEL COSTA DE LIMA

**DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONFLUÊNCIAS ENTRE FILOSOFIAS E INFÂNCIAS**

Dissertação apresentada para banca de defesa no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Área de concentração: Prática de Ensino de Filosofia
Orientadora: Prof.^a. Dra. Giselle Moura Schnorr

UNIÃO DA VITÓRIA – PR

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Costa de Lima, Rafael
Docência na Educação Infantil: Confluências entre
Filosofias e Infâncias / Rafael Costa de Lima. --
União da Vitória-PR, 2024.
122 f.: il.

Orientador: Giselle Moura Schnorr.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Filosofia) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2024.

1. Infâncias. 2. Ensino de Filosofia. 3. Prática
Docente. 4. Interculturalidade. 5. Educação
Infantil. I - Moura Schnorr, Giselle (orient). II -
Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Giselle Moura Schnorr – UNESPAR
Orientadora

Prof. Dr. Samon Noyama - PROF-FILO UNESPAR/UFABC
Examinador interno

Prof.^a Dr.^a Márcia Baiersdorf - UFPR
Examinadora externa

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 06 do mês de setembro do ano de 2024, às 19h30, de modo remoto, foram instaladas as atividades pertinentes à defesa da dissertação do mestrando Rafael Costa de Lima, intitulada: “Docência na Educação Infantil: confluências entre Filosofia e Infâncias”, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Giselle Moura Schnorr. A banca examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. Samon Noyama (PROF-FILO UFABC), Prof^ª. Dr^ª. Márcia Baiersdorf (UFPR) A presidência iniciou a sessão, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da banca examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela **aprovação**. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 21h45 e eu, Prof^ª. Dr^ª. Giselle Moura Schnorr, presidente da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora e pelo candidato. O candidato está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 06 de setembro de 2024.

Banca examinadora	Instituição	Assinatura
Prof ^ª . Dr ^ª . Giselle Moura Schnorr	UNESPAR	 Documento assinado digitalmente GISELLE MOURA SCHNORR Data: 10/09/2024 15:38:09-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Prof. Dr. Samon Noyama	UFABC	
Prof ^ª . Dr ^ª . Márcia Baiersdorf	UFPR	 Documento assinado digitalmente MARCIA BAIERSDORF Data: 10/09/2024 16:03:47-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Candidato	Assinatura
Rafael Costa de Lima	 Documento assinado digitalmente RAFAEL COSTA DE LIMA Data: 10/09/2024 15:50:01-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

No processo formativo no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) as confluências não são apenas com os autores ou as autoras que lemos, mas também com as pessoas que convivemos. Na práxis cotidiana por vezes esquecemos que aqueles e aquelas que nos cercam influenciam de muitas maneiras, achar pessoas que nos trazem boas confluências é um desafio e uma alegria.

Agradeço ao meu filho Miguel que em suas especificidades traz outra maneira de viver a vida.

Agradeço à Rafaela, companheira de lutas e alegrias do existir.

À Prof.^a Giselle Moura Schnorr que em suas orientações ampliou as possibilidades de aprendizagens e de escrita.

Agradeço à banca examinadora que contribuiu enormemente na escrita.

Aos colegas Renan Rodrigues e Karine Costa cujas conversas profícuas ainda reverberam.

À Capes/CNPq que através da bolsa de mestrado confluiu na execução dessa pesquisa.

Aos colegas de trabalho no CMEI que do cotidiano ajudaram a gestar essa narrativa. Um agradecimento especial as crianças que com suas infâncias ensinaram confluências com a filosofia como prática intercultural.

Agradecer a todos e todas nesse tempo ficaria inviável, para todos que de uma maneira ou de outra auxiliaram, meu muito obrigado!

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que objetivou traçar confluências entre infâncias e filosofia como reaprendizagem da docência. A escrita adota a perspectiva de pesquisa autobiográfica ao narrar aprendizados e reaprendizados movidos pelo compromisso em acolher as crianças como sujeitos de pensamentos e de cultura. Observações, reflexões, inquietudes, planejamentos e registros de práticas que se inspiraram na educação como ação intercultural implicada na comunicação entre o adulto (professor) e as crianças foram fios que teceram processos de filosofar sobre a docência na educação infantil. Acolher, se solidarizar e aprender com as infâncias com as quais desenvolvemos este trabalho permeou as narrativas aqui apresentadas como práxis intercultural da filosofia. Este caminho procurou valorizar expressões filosóficas das crianças por meio da escuta para que suas perguntas não se percam. Este *quefazer* ocorreu desde o território, a Região do Contestado Paranaense de modo que o filosofar com as infâncias se constituiu como experiência desde nosso *solo*. As vozes das crianças se expressam em desenhos, em relatos de brincadeiras, contações de histórias que ocorreram desde o chão de uma escola e nos moverem a problematizar os espaços, a história, as políticas de educação infantil e a prática da docência. O filosofar como um processo de diálogo convida a repensar o humano que habita em nós e inspira a romper com a monocultura de pensamentos e a pobreza de experiências. Como *quefazer* humano filosofia e educação se fazem desde culturas e experiências contextuais, portanto, podem ser vivenciadas em todas as idades e regiões do mundo, mas requer a criação de espaços e temporalidades acolhendo as diversidades. Imaginar outros mundos possíveis, construindo inéditos viáveis com as infâncias, envolve abrigar as infâncias que nos habitam e cuidar das infâncias com as quais convivemos, criando boas memórias e experiências.

Palavras-chave: Infâncias. Filosofias. Prática Docente. Interculturalidade.

ABSTRAT

This dissertation is the result of research aimed at tracing the confluences between childhood and philosophy as a relearning of teaching. The writing adopts the perspective on autobiographical research by narrating learnings and relearning, driven by the commitment to acknowledge children as subjects of thoughts and culture. The work includes observations, reflections, concerns, planning, and records of practices inspired by education as an intercultural action involving communication between the adult (teacher) and the children. These elements intertwined to create a process of philosophizing about teaching in early childhood education. The act of welcoming, sympathizing with, and learning from the children involved in this study permeates the narratives presented here as an intercultural praxis of philosophy. The research aims to value children's philosophical expressions through attentive listening, ensuring to preserve their questions. This philosophical endeavour took place from the territory, the Contestado Region of Paraná, so that philosophizing with children were constituted as an experience from our soil, grounding the experience in a specific locality. Children's voices expressed in drawings, retellings of their play time and children's tales that happen in school moved us to problematize the spaces, history and policies of early childhood education and teaching practices. Philosophizing as a dialogue process invites us to rethink the human being within us and inspires us to break with the monoculture of thoughts and the poverty of experiences. As a *que-fazer*, philosophy and education come made from cultures and contextual experiences and can therefore be experienced at all ages and regions of the world, but it requires the creation of spaces and temporalities that embrace diversities. Imagining other worlds, building unprecedented viable futures with children, involves embracing the childhoods that inhabit us and caring for the childhoods with which we live, creating good memories and experiences.

Keywords: Childhoods. Philosophies. Teaching Practice. Interculturality

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de una investigación que tuvo como objetivo trazar confluencias entre la infancia y la filosofía como un medio de reaprendizaje de las prácticas docentes. La escritura adopta la perspectiva de la investigación autobiográfica al narrar los procesos de aprendizaje y reaprendizaje impulsados por el compromiso de acoger a los niños como sujetos de pensamiento y cultura. El trabajo incluye observaciones, reflexiones, inquietudes, planificaciones y registros de prácticas inspiradas en la educación intercultural, enfocándose en la comunicación entre adultos (profesores) y niños. Estos elementos se entrelazan para crear un proceso de filosofar sobre la docencia en la educación infantil. El acto de acoger, solidarizarse y aprender de los niños involucrados en este estudio permea las narrativas presentadas aquí como una praxis intercultural de la filosofía. La investigación busca valorar las expresiones filosóficas de los niños a través de una escucha atenta, asegurando que sus preguntas sean preservadas. Este esfuerzo filosófico se llevó a cabo en la Región del Contestado Paranaense, fundamentando la experiencia en una localidad específica. El juego, diseños y las expresiones de los niños llevaron a reflexiones críticas sobre los espacios, la historia, las políticas de educación infantil y las prácticas docentes. Filosofar como un proceso dialógico invita a reevaluar la condición humana que reside en nosotros e inspira a romper con la monocultura del pensamiento y la pobreza de experiencias. Como quehacer humano, la filosofía y la educación están arraigadas en experiencias culturales y contextuales, lo que las hace aplicables a todas las edades y regiones del mundo. Sin embargo, esto requiere la creación de espacios y temporalidades que acojan la diversidad. Imaginar otros mundos posibles y construir futuros inéditos y viables con los niños implica acoger las infancias que residen en nosotros y cuidar de las infancias con las que convivimos, creando así recuerdos y experiencias significativas.

Palabras clave: Infancias. Filosofías. Práctica Docente. Interculturalidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.1 A Região do Contestado	33
1.2 A Educação Infantil: o espaço em que experienciamos confluências	37
1.3 Narrativas e infâncias	50
2. FILOSOFIA E SEU ENSINO	55
2.2 O Desafio de aproximar as Filosofias e as Infâncias	63
2.3 Brincar com a Memória	72
3. BRINCAR COM A FILOSOFIA E AS INFÂNCIAS	79
3.1 Algumas possibilidades do Brincar	79
3.2 Pobreza de narrativas	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	99
PLANOS DE ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS	99
IMAGENS DE ATIVIDADES DAS CRIANÇAS	101

Índice das imagens

Figura 1	37
Figura 2	39
Figura 3	40
Figura 4	40
Figura 5	41
Figura 6	41
Figura 7	46
Figura 8	46

SIGLAS CITADAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CMEI: Centro Municipal de Educação Infantil

DCNEF- Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

PROF-FILO – Programa de Mestrado Profissional em Filosofia

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

NEFI/ UERJ – Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SACI – Projeto de Pesquisa Saberes Anticoloniais e Interculturais em Educação.

“En general la técnica para pensar viene al cabo del proceso y no al principio. El filosofar mismo es, en cierta manera, independiente de la técnica para filosofar.? ¿Pero por qué entonces el requerimiento de una técnica?”

Rodolfo Kush

Introdução

Esta dissertação é resultado de confluências¹ entre Filosofias² e Infâncias na construção da docência na educação infantil. Dialogando com autores e autoras, enquanto inspiração para ações filosóficas e educativas, procurei fazer uma pesquisa que se apresenta na forma de narrativa autobiográfica com a intenção de demonstrar uma experiência em torno da rede de saberes que são as Infâncias e as Filosofias, constituindo à docência na educação infantil. Saberes que formando um mosaico³ se entrecruzam. A prática em sala de aula e as filosofias são pontos de partida e de chegada de afecções que têm me constituído como professor e ser humano.

O conceito de confluência que trazemos para esta pesquisa se inspira nas análises de Nêgo Bispo, Antonio Bispo dos Santos, intelectual quilombola, lavrador, poeta, escritor, professor, militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra. Junto com o conceito de contracolonialismo, filosofia que reforça a cultura, práticas, organização social e as demais manifestações coletivas dos povos colonizados contra os esforços da imposição dos colonizadores, Nêgo Bispo, destaca o conceito de confluência para expressar o movimento de compartilhamento, reconhecimento e respeito, em que os diferentes se somam e se fortalecem: “A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia”. Trata-se da lei que rege a relação de convivência entre elementos da natureza e que ensina que “nem tudo o que se ajunta se mistura”, “nem tudo o que se mistura se ajunta”. (Santos, 2015, p. 88-89)

Nas confluências entre Filosofias e Infâncias venho tecendo minha docência, compartilhando mundos com as crianças, saberes, buscando fortalecer e reconhecer que nas diferenças entre adultos e crianças é possível aprender e reaprender sobre educação e infâncias para contribuir na educação infantil. Confluências de filosofias e de infâncias, também, expressam que por vezes estas relações são difíceis, que a

¹ SANTOS, A. B. Colonização, quilombos. Modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

²Ao longo do texto o termo filosofias significa uma maneira de ver essa maneira de conhecer da humanidade de forma plural.

³ Benjamin é conhecido por suas análises profundas e complexas, onde frequentemente utiliza imagens e constelações para descrever a interconexão entre os elementos artísticos e filosóficos. Segundo Michael Lowy, (2002) Benjamin busca uma nova compreensão da história humana, onde seus escritos sobre arte e literatura só podem ser plenamente entendidos dentro dessa visão abrangente. Sendo o mosaico um exemplo dessa imagem de pensamento.

convivência exige sentir, acolher e refletir para aprender com as filosofias, com as infâncias e estar sendo professor. Esta pesquisa teve como objetivo analisar confluências entre filosofias e infâncias. Observações, reflexões, inquietudes, planejamentos e registros de práticas que se inspiraram na educação como ação intercultural implicada na comunicação entre o adulto (professor) e as crianças foram fios que teceram processos de filosofar sobre a docência na educação infantil.

Acolher, se solidarizar e aprender com as infâncias com as quais desenvolvemos este trabalho permeou as narrativas aqui apresentadas de forma autobiográfica e em perspectiva intercultural na e com as filosofias. Este caminho procurou valorizar expressões filosóficas das crianças por meio da escuta para que suas perguntas não se percam. Este *quefazer* ocorreu desde o território, a Região do Contestado Paranaense de modo que o filosofar com as infâncias se constituiu como experiência desde nosso *solo*.

As vozes das crianças se expressam em desenhos, em relatos de brincadeiras, contações de histórias que ocorreram desde o chão de uma escola e nos moverem a problematizar os espaços, a história, as políticas de educação infantil e a prática da docência. O filosofar como um processo de diálogo convida a repensar o humano que habita em nós e inspira a romper com a monocultura de pensamentos e a pobreza de experiências. Como *quefazer* humano filosofia e educação se fazem desde culturas e experiências contextuais, portanto, podem ser vivenciadas em todas as idades e regiões do mundo, mas requer a criação de espaços e temporalidades acolhendo as diversidades. Imaginar outros mundos possíveis, construindo inéditos viáveis com as infâncias, envolve abrigar as infâncias que nos habitam e cuidar das infâncias com as quais convivemos, criando boas memórias e experiências.

Narrar de modo autobiográfico⁴ constituiu um método de pesquisa e no percurso nos perguntamos: as crianças têm a ensinar sobre infância e a educação infantil? Que confluências tenho experienciado na docência em educação infantil?

A escolha do método autobiográfico partiu de várias reflexões, desde o fato de não ser comum termos docentes do sexo masculino na educação infantil, menos

⁴Autobiografar é registrar e sobretudo pensar sobre experiências, se refere a memórias individuais situadas em memórias coletivas. Neste trabalho este método busca compreender e ressignificar as experiências como professor na educação infantil em diálogo com as filosofias que tem contribuído nesta trajetória.

ainda com formação em filosofia, bem como a busca de autoformação acerca da práxis que temos construído. Conforme as pesquisadoras Victória Sabbado Menezes e Roselane Zordan Costella (2021):

O método (auto)biográfico permite o resgate da história de vida, uma vez que abrange a memória de experiências vividas, sua manifestação e interpretação através das narrativas, o que propicia conferir novos sentidos a estas vivências. Sendo assim, os fatos rememorados do passado passam por um processo de reconfiguração no presente, pois ao serem relatados em outro contexto e período de vida são atribuídos novos significados, os quais estão em consonância com as intencionalidades e desejos do exato momento do ato narrativo. Por intermédio das narrativas (auto)biográficas, a dinâmica de formação e as características próprias do fazer docente dos professores são reveladas. Dessa forma, torna-se possível visualizar e analisar os saberes e fazeres que compõem seu exercício profissional.

Comecei professor no município de União da Vitória, no Ensino Fundamental, com crianças de 5 e 6 anos. Entrei concursado, após concluir o curso de nível médio profissionalizante de magistério. Apesar da formação inicial para docência não me percebia adequado ao trabalho, por achar que não tinha as qualificações necessárias para ser um bom profissional. Isso me acompanha desde então e nos treze anos de docência tenho buscado estudar e constantemente repensar minha prática.

Desistir e procurar outros caminhos era uma ideia, mas fui ficando e percebendo que a prática em sala de aula nos ensina, assim como as teorias que nos são apresentadas nos cursos de graduação. E percebi que oportunizar momentos para que as crianças se expressem muitas vezes é esquecido no cotidiano escolar. Na prática tenho percebido que a educação bancária (Freire, 1987) que silencia o outro está vigente.

Concluí a graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR em 2013 e encontrei as primeiras confluências entre filosofia e infância ao trabalhar como professor supervisor, entre 2014 e 2016, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) que articulava filosofia, infância e literatura.

Na graduação em Filosofia inicialmente tinha a impressão de haver dois tipos de pensadores: os que não aceitavam ouvir ninguém por serem muito inteligentes e que se colocavam como seres com papel de iluminar nosso pensamento e outros que ouviam as pessoas, dialogavam, procuravam fazer perguntas e interagir de

modo que através das respostas aprendêssemos. Disso ainda, os primeiros seriam pessoas que as ideias apareciam, depois de muito estudar num exercício individual, construindo complexos sistemas de pensamento. Esse modo de produzir filosofia seria para quem tem o dom, portanto, para poucos. Na época da graduação não tive contato com escritos de filósofos. Já os segundos, que expressavam em suas filosofias o gosto em conversar, dialogar e interagir associei a imagens de mestres, professores, portanto gostavam de gente e de estar no contato com diversas maneiras de pensar, ouvindo o que cada um tem a dizer, analisando contextualmente o tempo em que viviam iam e tecendo fios que permitiam supor o que seria ou não a “verdade”, os desafios da condição humana no mundo. Desses dois tipos, na minha visão ingênua e estereotipada do filosofar, gostava mais do segundo, apesar do apelo estético do primeiro, o pensador, solitário que sabe das coisas e por isso, às vezes, é visto como louco, desajustado. Com o tempo fui percebendo que estas percepções são reducionistas, ingênuas, por vezes reproduzidas na academia no ensino de filosofia, principalmente a questão de um tipo de intelectual que não escuta, não acolhe os outros.

Em paralelo aos devaneios instigados pelo filosofar surgem uma maneira de agir com as crianças no cotidiano do trabalho como professor. Por um lado, não tinha uma pedagogia para “aplicar”, para “saber” ensinar, mas com o tempo percebi que fui criando algo próprio, nascida de erros, de interações, de práticas cotidianas e baseadas nas leituras de filosofia, principalmente de pensadores e pensadoras que são tidos no espaço acadêmico como marginais ou pouco filosóficos, como Paulo Freire.

Após a graduação me deixei levar pela docência, ensinando na periferia da cidade para crianças carentes de tudo, mas principalmente de atenção, de afeto. No convívio percebia a necessidade de escutar e fui tecendo com elas uma maneira de construir a docência, onde podiam falar, se expressar de modo que procurava estar acessível para ouvir sem interrupções, sem julgamentos.

Aos poucos fui delimitando os tempos e os espaços, organizando os momentos de fala, para que não se percam no burburinho. Para ter valor a palavra precisa de um tempo e um espaço, não é qualquer coisa dita que se torna *Palavra*⁵, se todos falam ao mesmo tempo, ninguém escuta ninguém e a palavra se perde.

⁵ Freire, Paulo; Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Isso as crianças precisam aprender, ouvir e falar, dar vazão ao seu pensamento e escutar. Enquanto professor precisei aprender a falar, a ouvir e a mediar. Dessa relação dialógica que surge a minha escrita.

Ao longo dos anos, no trabalho cotidiano, as dúvidas se fazem presentes. De que maneira posso agir para não silenciar as vozes das crianças? Como criar espaços e tempos para escutar e falar, dialogar? Como acolher as perguntas das crianças para que não se percam e possam semear no meu *quefazer*⁶ educativo?

Algumas pessoas criticam esse modo de praticar à docência, esse *quefazer* pela atenção central as crianças, as deixando à vontade, permitindo certas perguntas que para muitos parecem banalidades. Diante disso me pergunto: deveria impedir que falassem na escola? Quando alguma criança faz uma pergunta pouco comum ou dá uma resposta mais complexa: deveria ouvir ou cobrar que não fizessem observações questionadoras? Como por exemplo, em uma manhã de calor em que estavam particularmente agitados:

(eu-professor): - Pelos deuses da educação! Está muito alto o barulho! – todos pararam e uma voz surgiu no interior desse silêncio.

(resposta): - Mas nós somos crianças professor! A gente gosta de conversar e brincar!

(eu-professor): - Mas está muito alto, vocês precisam aprender a controlar o tom de voz, nem sempre a gente pode falar alto – me segurando para não sorrir perante esse desafio intenso da minha autoridade.

(resposta): - É verdade né professor, está doendo meus ouvidos com essa gritaria! – falando para todos os colegas.

Esse exemplo, demonstra um detalhe, se houvesse pouca compreensão isso seria tomado como um desafio ruim, um castigo, mas a maneira de lidar com essa resposta e com a observação da criança possui um sentido filosófico mais profundo, quantos não são os pensadores que desafiaram os seus mestres com respostas diretas e observações audaciosas, que repensando aquilo que estava dado

⁶ Raúl Fornet-Betancourt (2016), ao tratar de metodologia para filosofia intercultural utiliza o termo *quefazer*, em contraponto a metodologia instrumental. Este modo de vivenciar a filosofia inspira esta escrita e nossa prática. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vd06526NzU0> Acesso 20/03/2023.

mudaram nossa maneira de pensar enquanto seres humanos? E por que não podemos permitir que uma criança não tenha o mesmo direito ao pensamento que um adulto? Seria ele *menor*?

Dessas dúvidas foram surgindo outras: será que nesse trabalho as crianças estão aprendendo alguma coisa comigo? Qual o sentido da minha prática enquanto professor?

Me reaproximei dos estudos acadêmicos em 2020 no início da pandemia de Covid-19 como aluno especial no mestrado e fui aprovado como aluno regular para turma de 2022-2024. No processo seletivo propus a pesquisa aqui apresentada. Importante dizer que neste programa de mestrado a centralidade dos trabalhos se voltam para o ensino de filosofia no Ensino Médio, resultado de um longo percurso de lutas pelo lugar da filosofia no currículo. Como meu trabalho se dá com crianças, na educação infantil, o desafio foi pesquisar como as filosofias e as infâncias contribuem no *quefazer* da docência.

Considero que tive sorte no percurso acadêmico, a primeira foi ter se tornado professor enquanto me formava para ser um. Isso permite me encontrar sempre incompleto, que estou sempre em formação e as angústias, dúvidas, permitem questionar minha prática cotidiana.

Tive sorte de encontrar a professora Giselle e o professor Samon, isso porque o segundo permitiu que eu escrevesse de modo ensaístico minha monografia de final de curso, o temido TCC, e a primeira por me apresentar a Filosofia no Brasil e na América Latina e mulheres filósofas. Dessas interações pude repensar minha prática em sala de aula e no mundo enquanto ser humano. Isso sem contar o tempo do PIBID onde pude até mesmo participar de um Congresso Internacional de Filosofia da Libertação em Porto Alegre. A partir dessas experiências de formação venho amadurecendo sobre filosofia na educação infantil.

Precisava de alguns anos para amadurecer, talvez por isso tenha demorado algum tempo para dar prosseguimento na minha formação na pós-graduação. Muitas vezes sentia que devia calar sobre o que pensava e que minhas atitudes em sala de aula não eram bem vistas por colegas de profissão. No entanto, nunca deixei de ouvir as crianças no compromisso de construir com elas boas experiências e memórias. Depois tomei conhecimento sobre o Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias (NEFI), na UERJ, no Rio de Janeiro, coordenado pelo filósofo Walter Kohan e li algumas publicações. Somada aos estudos iniciais e participação no Projeto de

Pesquisa Espaço Memorial Saberes Anticoloniais e Interculturais – SACI, vinculado ao Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura da UNESPAR, percebi caminho para a pesquisa.

O processo formativo no mestrado foi de descoberta de que posso falar, que tenho o direito a palavra e a dissertação é resultado disso, buscando confluências que me formam, autores/as, professoras e as crianças que estiveram em contato com a minha escuta e, saindo da “bolha” que muitas vezes se torna a prática em sala de aula, ampliei minha visão da escola e suas possibilidades.

Antonio Novoa (1995, p. 17) em sua análise sobre formação docente destaca que “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Esta é a principal contribuição da pesquisa autobiográfica na educação, pois a práxis docente, as escolhas epistemológicas, metodológicas e pedagógicas que realizamos como professor estão relacionadas à maneira que somos, ou seja, a maneira de ensinar e desenvolver as práticas pedagógicas revela maneiras de ser. Autobiografar à docência é reaprendizado.

Sempre tive um gosto especial pelo método maiêutico, pelas perguntas, por ouvir os outros. Se Walter Benjamin (1987) estava chocado que depois da primeira guerra mundial as pessoas estavam mais caladas com relação as experiências compartilháveis, talvez seja porque enquanto *européu*, não se deparou com os horrores da escravidão, do colonialismo ou da colonialidade (Quijano, 2005).

Aníbal Quijano criou a categoria colonialidade para explicitar formas de dominação e de exploração que seguem presentes para além do colonialismo. Colonialidade se refere a lógica do capital-colonial que classifica populações do mundo em termos de raças. A racialização das relações entre colonizadores e colonizados/as segundo o autor foi condição para dominação de territórios e culturas. Desse modo o capital articulou o controle via trabalho assalariado e escravizado, marcado pela racialização, tendo o eurocentrismo como o modo de produção e controle econômico, político e cultural.

A categoria colonialidade ajuda na compreensão que histórias, formas de vida, saberes e subjetividades colonizadas foram e são gestadas dentro de padrões de pensamentos binários, dualistas, oriente-ocidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-razional, tradicional-moderno.

Trabalhar com infâncias tem sido um caminho no me sinto realizado em experimentar e parece que a colonialidade pode ser estendida ao modo de relação

adulto e criança no qual são objeto de intervenção verticalizada das pessoas e instituições. As experiências como professor na educação infantil têm agregado a minha formação conhecimentos importantes, pois trabalho diretamente com infâncias enquanto estudo filósofos e filosofas. No cotidiano percebemos que as interações entre as crianças e a teorização é congruente, tudo está envolto em teoria e prática de modo que o costume de pensar sobre o que estou fazendo, de teorizar juntos com elas o porquê das coisas serem dessa ou daquela maneira são tecidos alguns fios que podem nos conduzir em alguns sentidos inéditos, ouvir as crianças em suas filosofias. Tornar possível essa práxis vem sendo meu objetivo, enquanto professor, criar espaços para as perguntas, para as crises existenciais, teorizar enquanto sujeito e enquanto coletivo.

Colegas de profissão percebem a teoria, ou a “falação” como se referem, como perda de tempo. São muitos conteúdos que são determinados que devemos ensinar, mas, se perdemos esses momentos de convivência, diálogo, a educação não vai atender a um dos seus objetivos que é o da formação humana. Criando apenas massa para o mercado de trabalho.

Mas qual o sentido da discussão se dar entre as infâncias e as filosofias? Ou ainda qual a importância de pensarmos em como as filosofias podem contribuir para a Educação Infantil? De que forma a teoria pode ser importante para uma fase da vida onde precisamos brincar? O que é o brincar? Podemos pensar, junto com bell hooks que a teoria é importante na medida em que nos permite tecer caminhos de resistência.

Insisti em que precisávamos de novas teorias arraigadas na tentativa de compreender tanto a natureza da nossa situação atual quanto os meios pelos quais podemos nos engajar coletivamente numa resistência capaz de transformar nossa realidade. (bell hooks: 2013, p. 93)

Resistir nesse caso é oferecer as crianças o tempo e o espaço para o exercício livre de pensamento, para o sentir, aproveitar os instantes da vida na práxis, experimentar a vida em formação. E esse espaço vem diminuindo, pois na pós pandemia teve o aumento do uso de telas, seja por parte dos pais, seja por parte das crianças e percebemos que estas se tornaram mais dispersas, menos propensas ao diálogo, mais caladas, algumas com atraso de desenvolvimento da fala e, se antes não falavam por não ser permitido, hoje não falam porque

aprenderam apenas a assistir passivamente telas. Não sabem brincar livremente! Desde quando as crianças esqueceram isso? Deste ponto nos lembramos que o brincar, que esse tempo da infância é uma construção social (Ariès 1986) que precisa que os adultos promovam, esse tempo e espaço, ou seja é nossa responsabilidade permitir esse tempo, assim como ensinar as crianças como interagir, isso fazemos com diálogo, principalmente através do exemplo.

Pesquisas sobre filosofia na educação infantil, são relativamente recentes e o caminho escolhido nesta pesquisa foi a autobiografia em virtude do modo como tenho construído minha docência, de forma conscientemente autoral. Segundo António Nóvoa (2014), o método autobiográfico é uma abordagem que permite ao sujeito refletir sobre sua própria trajetória de vida, integrando experiências pessoais e profissionais. Este método é utilizado para compreender e narrar a própria história, promovendo uma autoformação contínua e uma maior consciência sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Pensar as infâncias⁷ é um exercício que realizamos desde o cotidiano na docência na educação infantil e neste processo de pesquisa relacionamos nosso *quefazer* com contribuições de filósofos, de filósofas e pensadores/as de outras áreas de conhecimentos. Na narrativa autobiográfica dialogamos com Walter Benjamin, Paulo Freire, bell hooks, Raul Fornet-Betancourt, Wanderson Flor do Nascimento, Walter Kohan, Antonio Bispo (Nêgo Bispo), Enrique Dussel, Augusto Boal, Sônia Kramer, entre muitos outros e outras que foram confluindo no meu percurso de pensamento sobre a docência.

Na escrita procuro expressar olhares sobre as infâncias com as quais convivemos na cidade de União da Vitória. Acolhendo leituras de mundo das crianças da turma do Infantil IV de modo que estas expressões compõem a escrita por meio da transcrição de falas e desenhos realizados ao longo das atividades no período de março de 2023 a julho de 2024.

⁷ A infância é um período de descobertas constantes, e o ambiente em que uma criança cresce tem um impacto profundo em suas referências culturais e, conseqüentemente, em sua visão de mundo. Como experiência e memória a infância nos acompanha ao longo da vida. Cada experiência, interação e aprendizado contribui para formar uma perspectiva única e individual. Cohn, C. (2013). Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 13(2), 221–244. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

No contexto educacional em que temos maior incidência de políticas educacionais neoliberais é comum a lógica tecnicista se contrapor ao pedagógico, por exemplo, o brincar é pensado como um meio para atingir um fim, uma maneira de adquirir habilidades e competências que são necessárias no futuro no mercado, a escola serviria como um lugar para treinar mão de obra. E a educação infantil seria um tempo em que a pré-escolarização permitiria que o ensino fundamental pudesse treinar outras habilidades, para “ganhar tempo”, não para ensinar, ou porque a curiosidade foi instigada.

Nos desafiamos a pensar filosoficamente à docência que desenvolvemos com crianças pequenas, ou seja, que se encontram na faixa etária de 3 a 4 anos. Este exercício de pensar está implicado com uma atitude filosófica com as crianças, ou seja, ouvir o que tem a dizer, perguntar, dialogar, para que possam através de suas perguntas e seus pensamentos, investigar e compreender suas leituras de mundo. Este exercício tem sido um princípio na prática docente ao longo no mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO) tomamos como objetivo aprofundar teoricamente aspectos destes princípios e pesquisar sobre filosofias e infâncias visando nutrir este campo de conhecimento.

Um dos pensadores que nos inspiram é Paulo Freire, sua maneira dialógica de ensinar, ouvindo o que as crianças e adultos trazem, seus conhecimentos, sua cultura, nos permite ampliar as possibilidades do fazer educativo, agora não mais como mera reprodução dos conteúdos, sejam filosóficos ou não, mas um pensar coletivo sobre alguns temas que são relevantes para os contextos em que cada um vive.

Com Walter Benjamin percebemos que cada criança produz cultura e que isso se atravessa com a experiência, com os adultos e o mundo. Para problematizarmos a docência que temos constituído consideramos como este *quefazer* se banha na filosofia de Benjamin e na filosofia intercultural.

A Educação Infantil é um lugar e um tempo diverso no qual as crianças estão começando a construir suas relações com a instituição escolar, a língua e a linguagem. Um tempo díspar da educação, cujo objetivo é a formação integral do ser humano, não apenas enquanto ensino, mas do cuidar e do educar. Valorizar as culturas das infâncias, é saber de onde falamos, de quem, qual é a história da ancestralidade das crianças, cada existência no mundo se realiza com outras pessoas e para isso precisamos nos geolocalizar, partindo de algumas perguntas,

como por exemplo: qual/is o/s evento/s recente/s que marcou/marcaram profundamente nossa geração? E poderemos então traçar algumas linhas sobre isso e possuir uma noção interessante de como pensam as pessoas a mais tempo no mundo e como isso interfere na maneira como as crianças pensam e interagem.

Se trata de uma pesquisa que dialogou com as crianças e suas infâncias por meio de círculos de diálogos, desenhos, filmes, histórias, escritas e leituras tomando como caminho a prática da interculturalidade na filosofia no tempo da educação infantil.

A Filosofia Intercultural aqui parte do filósofo cubano-alemão Raúl Fonet-Betancourt (2004) que define a interculturalidade como ruptura com pensamento monocultural, portanto, não somente antieurocêntrica, mas que visa a libertação do pensamento das amarras de vínculo com uma única tradição sendo crítica a dependência exclusiva do conhecimento a um eixo cultural. Neste sentido, tomamos a relação com as infâncias de modo intercultural não só pela valorização das diversidades próprias das infâncias, mas também, no diálogo intercultural entre adulto e crianças buscando interconexões, de intercomunicação e abrir espaços uma razão inter-discursiva.

Vamos à escola para que? Essa foi uma pergunta de uma criança de 4 anos, com saudades de sua mãe que estava no trabalho, mas poderia ser de um pesquisador⁸, afinal, por que precisamos da escola? Aprender a ler e escrever bem? Saber as palavras, aquilo que está escrito, fazer parte da cultura letrada? Isso é apenas uma parte da leitura, da formação humana. Para ler, antes é preciso aprender a ler o mundo, da forma que conseguirmos, para então ler as palavras. Um letramento que não termina na escola, uma maneira de ver as coisas que vai permitir uma formação crítica do pensamento, não apenas enquanto reproduzidor do que pensadores ou pensadoras falam, mas o pensamento em seu início, da pergunta, vamos as questões mais amplas, às respostas, aos entendimentos, sempre no coletivo. Entender que as perguntas fazem parte do humano, da nossa curiosidade enquanto ser, faz com que a filosofia possa ser pensada nas infâncias, não como instrumento para pensar melhor (Lipman, 1988) mas como possibilidade

⁸ Young, M. (2007). Para que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, 28(101), 1287–1302.

de ação, perguntar e questionar as perguntas, assim como as respostas permite um diálogo mais profundo com as crianças e suas ideias.

O filosofar das crianças desde a educação infantil se implica com o direito a pergunta, questão própria das crianças e de suas curiosidades. Ouvir, interagir, questionar é algo que as filosofias fazem e as crianças, do seu modo, também. Suas perguntas estão presentes em muitos momentos, ou seja, crianças filosofam à sua maneira. Paulo Freire ao se referir a isso denomina curiosidade epistemológica. Eis então o que precisamos permitir na sala de aula, não porque iremos salvar a educação com isso, mas porque é nosso dever enquanto seres humanos: “Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar.” (Freire, 1987, p. 29).

Não temer o diálogo é escutar com ouvidos atentos, com o corpo, com todos os sentidos e saberes. É permitir que as perguntas tenham um caminho. Algumas das perguntas podem parecer óbvias, para um adulto, mas para as crianças é cheia de significados, por isso precisam ser ditas, ouvidas e se possível respondidas. E assim das perguntas ouvidas, da interação com os saberes da infância podemos tramar a educação como prática de liberdade.

É necessário que cada ser humano, que está em contato a educação realizasse uma pedagogia da pergunta (Freire, 1985), tendo a possibilidade de se libertar, de pensar autonomamente, de imaginar inéditos viáveis⁹ com as outras pessoas e construir outras possibilidades de estar no mundo. Não cabe ao professor apresentar esse mundo mágico, mas junto com as crianças ajudar a tecer esse mundo, a sonhar. Liberdade para pesquisar, perguntar, pensar fazem parte de nossa humanidade, todos somos curiosos, mas dependendo da classe social apenas alguns podem ser, outros são impedidos. Isso é um ultraje para a humanidade, todos os seres humanos são dignos de sua curiosidade e na relação dialógica vamos construindo o caminho onde ela aparece, onde cada ser tem a possibilidade de humanizar-se no processo educativo, não como mero receptor, mas como construtor,

⁹ Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987) utiliza-se do termo *inéditos viáveis* para se referir ao futuro a ser construído desde o presente, na ação-reflexão-ação, resistindo diante de “situações-limites”, de desesperança que podem ser superadas, atuando na história desde o contexto, produzindo novas percepções de mundo e novos conhecimentos, transformando, intervindo.

como ser autônomo de pensamento e ação que vai permitir o mundo onde todos sejam respeitados.

Essa atitude ajuda a ler o mundo e a se alfabetizar. Pensar as culturas das infâncias significa ouvir ao infante¹⁰, que segundo uma tradição europeia ocidental não teria voz e desse silenciamento há o não falar, porque para que existam enquanto voz no mundo, precisam ser respeitadas desde a tenra idade, esse costume, de ouvir aos outros só é permitido a algumas crianças. As operárias, da roça, pobres, as oprimidas são esquecidas, silenciadas, através de palavras, mas principalmente através do exemplo que vem dos mais velhos, mais uma vez, o exemplo dos adultos implica da forma como as crianças apreendem o mundo. Fruto de uma sociedade que vem silenciando pessoas que não estão no centro. O subalterno, pode falar? (Spivak, 2010).

Aprender é, também, ouvir o outro, relacionar-se dialogicamente com as diversas culturas, com a diversidade de formas de estar no mundo. É preciso tempo e espaço para que isso aconteça, mas as filosofias podem fazer isso? O que as diversas teorias que são apresentadas auxiliam realmente no trabalho, permitindo que as crianças tenham uma educação dialógica e libertadora?

Ao atingir determinadas faixas etárias fica mais difícil o processo de ressignificação do mundo opressor e acabamos nos tornando peça desse mundo, para subverter esse modelo opressor, vamos às origens, às infâncias, para que delas possamos criar essa sociedade democrática que a Constituição de 1988¹¹ propõe. Ao realizarmos a docência na educação nos perguntamos: como as filosofias e as infâncias gestam confluências no *quefazer* docente? O que caracteriza este *quefazer*? Ou seja, nossa questão central é como as infâncias com as quais convivemos e as filosofias que nos afetam tem constituído nossa docência.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz em seu eixo “o eu, o outro e o nós”, alguns encaminhamentos como ouvir o outro, reconhecer as diferenças

¹⁰ Etimologicamente, a palavra infância vem do latim, “infantia”, e refere-se àquele que ainda não é capaz de falar. Na sociedade atual, considera-se a infância o período que se estende do nascimento até os 12 anos de idade. Entretanto, ao longo da história, o conceito de infância passou por uma série de variações decorrentes do modo como a sociedade era organizada. Aqui tomamos a infância como experiência e memória.

¹¹ A Constituição cidadã, como ficou conhecida é um documento que permitiu a abertura política do Brasil. Se tornou o início de um processo de democratização que ainda está no seu início, pois nosso passado colonial ainda presente em coronelismos, autoritarismos, enfim, é um processo longo, mas que teve seu início em uma constituição que permitiu a todos terem o direito às suas vozes, assim como ações.

entre culturas. Entretanto a filosofia não está presente, nem a ideia de intervir filosoficamente no processo. E por isso através desse texto, também, perguntamos: como é o pensamento na educação infantil? O que as crianças pensam sobre a educação e a suas infâncias?

No exercício de filosofar com as crianças lançamos perguntas como: o que é uma escola? O que é brincar? O que é o trabalho? Entre outras que vamos, nas atividades cotidianas, criando em conjunto com as crianças, realizando um repertório de reflexões filosóficas. É um modo de agir com relação ao mundo, ao conhecimento humano e as pessoas. Nada menos que uma maneira de viver, de existir, de colher as experiências que vão nos tornando humanidade, seres que precisam uns dos outros, sejam para comer ou seja para filosofar.

Este trabalho está geolocalizado no território contestado. Da localidade, o capítulo primeiro tem como tema a geolocalização, apresentando um panorama da cidade e do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Sagrada Família. Um lugar onde o tempo e o espaço estão disciplinados, organizados pela institucionalização escolar da vida. Mas que carrega várias possibilidades de ação que no trajeto da escola vão permitir que as crianças tenham suas Infâncias valorizadas ou não, e que o processo de escuta acontece.

No segundo capítulo apresento alguns aspectos em que filosofias podem confluenciar com as infâncias. Nos questionamos sobre que filosofias nos inspiram. Neste momento apresentamos o encontro com a filosofia de Walter Benjamin, de Raul Fornet-Betancourt, Paulo Freire, Enrique Dussel, bell hooks, Sônia Kramer. Estes encontros no levaram a outros, tais como as contribuições de Wanderson Flor do Nascimento, Boaventura de Souza Santos, Magda Costa Carvalho, Walter Kohan, Ailton Krenak, Antônio Bispo (Nêgo Bispo), Renato Nogueira, entre outros autores e autoras que são parte do meu processo formativo e que atravessam o *quefazer* na busca de que as crianças tenham uma maneira de ouvir e se expressar.

No terceiro capítulo nos propomos a pensar o brincar, como não poderia deixar de acontecer em uma dissertação que versa sobre infâncias. Isso porque o brincar é o caminho pelo qual as crianças criam culturas, brincando de fazer de conta, de escrever, de ler, de cuidar dos filhos, de pensar etc. e desse processo pensam e repensam a realidade que estão cercadas e o que herdaram das pessoas que fazem parte do seu convívio.

A escola, em sua tradição bancária (Freire, 1987), portanto, autoritária, é desafiada a se realizar como experiência da infância e do pensamento contra processos de esquecimento de subjetividades e de negação de pensamentos autônomos. Pensamentos filosóficos relacionados às culturas das infâncias com as quais fomos produzindo um mosaico que envolveu: Escutar as crianças, desenvolver atividades, sistematizar experiências e escrever sobre a docência em suas confluências entre infâncias e filosofias.

A filosofia é aqui tomada como contextual (Fornet-Betancourt, 2001) e como atitude filosófica, procurando seguir o conceito de filosofia radical (Heller, 2018) que em sua demanda humana precisa dar o espaço necessário para que as perguntas surjam.

Ao pensar o brincar expressamos nosso *quefazer* do filosofar brincante nas tentativas de escrita e desenhos produzidos pelas crianças com idades entre 4 e 5 anos que participam da escrita do texto através das suas palavras e atitudes, que foram sendo produzidas no âmbito do dia a dia na sala de aula e, também em ambientes fora dela. A escrita produzida por mim é acompanhada de pessoas que me cercam não teria sido possível, em muitos âmbitos.

Mathew Lipman, na década de 60-70 do século passado, desde os Estados Unidos, iniciou um trabalho que teve repercussão, inclusive no Brasil, de filosofia para crianças, que denominou educação para o pensar. Sua perspectiva filosófica é pragmatista, nos marcos da democracia liberal e o programa de educação filosófica para as crianças que criou teve como centralidade o ensino do pensar logicamente, através de textos, de narrativas que seriam adequadas ao tempo das crianças.

Walter Kohan, no Brasil, percebeu que o melhor caminho seria com as crianças, relacionando seus saberes e culturas. Sem desconsiderar o que veio antes, dialogamos com Walter Benjamin, Paulo Freire, bell hooks e a filosofia como *quefazer* intercultural trilhando um caminho comprometido com valorização do pensamento infantil, não como sendo menor ou pior que o pensamento adulto, mas que possamos valorizar criatividade, audácias e criticidades, mas sobretudo para expressar como acolher infâncias tem constituído nossa docência, na intercomunicação adultos e crianças.

Nesse processo, não foram poucos os desafios, desde o tema que não é comum, assim como o contexto pandemia e pós-pandemia por Covid 19 que afetou as crianças de modo terrível. Várias retornaram à escola com o desenvolvimento da

fala atrasada para a idade, assim como com dificuldades nas relações interpessoais. Com um pouco mais de trabalho conseguimos recuperar esse tempo perdido, que para nós adultos foram dois anos, mas para as crianças foram metade de suas vidas até o momento.

1. GEOLOCALIZANDO A PESQUISA

Desde 1492 (Dussel, 1993) há um encobrimento do outro, por parte da racionalidade europeia. Dentro de suas fronteiras age com humanismo e pensamento crítico e permite que fora de suas fronteiras as maiores barbáries aconteçam em nome de um tipo de civilização que deveria “*iluminar*” os outros, os demais povos, “salvar” aqueles que estão na escuridão, mas esse projeto se mostra cruel quando percebemos que serve para usar o mundo como recursos, (Krenak, 2020), esse pensamento tem causado a destruição do único lugar em que a humanidade vive.

De onde viemos, para onde vamos, quem somos, são algumas perguntas básicas que fazemos e começamos a responder quando entendemos nossa geolocalização. Nosso pertencimento, história, cultura, humanidade. Todos viemos de um lugar e mesmo que parte da Filosofia se diga universal está localizada historicamente. Alguns são mais lembrados que outros, se tornou comum julgar que vencedores são lembrados e perdedores esquecidos.

Subverter as barreiras do pensamento colonialista e entender que as fronteiras do pensar são maiores que aquelas que foram sendo implementadas é o papel que nós, pensadoras e pensadores latino-americanos precisamos pensar para que o mundo não tenha seu fim, (Krenak 2019). As filosofias são expressões de todos os seres humanos, não exclusividade de um continente.

Kusch (1976) explana sobre a relação entre cultura e território na América Latina. Explora como a identidade e a filosofia são influenciadas pelo espaço geográfico e cultural, valorizando a sabedoria e os modos de vida tradicionais. Focando na relação entre cultura e território. Enfatiza a importância de entender a filosofia a partir da perspectiva dos povos originários e das culturas locais, valorizando a sabedoria e os modos de vida tradicionais. Reconhecer essas fronteiras é o primeiro passo para perceber quem somos. Se muitas vezes imaginamos que estamos do lado dos vencedores, por não sermos os indígenas, por exemplo, somos acossados pela perspectiva de que somos oprimidos por não estar nos centros de poder que seriam a Europa e mais recentemente os Estados Unidos da América. E.U.A.

Dessa forma, precisamos entender quem somos para podermos pensar os inéditos viáveis que irão permitir que sejamos ouvidos, não enquanto acadêmicos de uma universidade europeia, mas como aquilo que somos, professores, mulheres, crianças etc. Esse processo precisa ser pensado e repensando para que possamos tecer novos caminhos, ou pelo menos entender de que lado da fronteira estamos para procurarmos nosso espaço, nossa voz. Esse entendimento chegou a mim pelo estudo da filosofia latino-americana que me apresentou a interculturalidade como um *quefazer* imprescindível para a valorização das diversidades de pensamentos. E aqui incluo as infâncias e seus pensamentos.

Procurei trazer para as infâncias esse reconhecimento e esse aprendizado para que cresçam em uma relação dialógica com o mundo, para que aprendendo a ler o mundo através desses signos, possamos auspiciar uma sociedade mais justa. Cada espaço cria ideias sobre muitas coisas, seja sobre a vida, aprendizado, beleza, justiça, felicidade, bem, mal etc. Isso se deve a diversidade humana, sendo único pensam unicamente, mas amalgamar esses pensamentos em um modo comunitário de pensamento é outra função que a língua falada possui (Bakhtin, 2008).

Com Benjamin (1987) as narrativas entram nessa maneira de agir e muitas vezes é através delas que o pensamento encontra maneiras de ser reproduzido. Opressores e oprimidos estão sempre em relação dialética, muitas vezes somos as duas coisas, ao mesmo tempo, enquanto homem adulto percebo que sou valorizado por isso, mas enquanto professor da educação infantil ainda não tenho a valorização que seria adequada. Vivendo desse conflito percebemos que as crianças têm suas maneiras de repensar suas vivências, ressignificar o mundo de acordo com seu pensamento.

Ao lembrar como foi minha infância, ressignifico algumas práticas, se não fui uma criança que se sentiu ouvida, entendida, procuro proporcionar esse tempo e espaço para as crianças que sou professor. Assim ao contar uma história, lembranças, da maneira como lidam com a religião instituída, com a cultura, com as normas, criamos a desobediência epistêmica (Mignolo, 2008) e que permite a sobrevivência de modos de pensar que não se calam, mas que ao longo do tempo vão se transformando. Através das histórias que nos legam há o germe de um pensamento, conceitos, ideias, mas que ao olharmos com atenção nos permite perceber pensamento não moldado pelo cânone, mas de maneira sincrética aparece nas práticas cotidianas.

Pensando nisso optamos por sinalizar que há narrativas que precisam ser ouvidas para se tornarem presentes, para que através de interculturalidade possamos pensar outras possibilidades do conhecimento na pluriversidade, não apenas no nível teórico, mas no prático.

Essa escrita parte de infâncias subalternas, que são muitas vezes esquecidas por narrativas hegemônicas que povoam o mundo. Vindo daqueles que aparentemente não tem voz, os infantes, apresenta uma perspectiva de como algumas pessoas fora do círculo da filosofia canônica pensam. Sobre como percebem a vida ao seu redor. Se parece que não há um aprofundamento das questões por eles, cabe uma pergunta: o que é esse aprofundamento nas questões? Quem delimita o que é ou não profundo, quem tem essa autoridade? Lembrando que estão em fase de aprender a língua falada, precisam de tempo e de contato com diversas maneiras de expressar o pensamento para que criem suas próprias formas de pensar e de agir no mundo. Ao proporcionar essa experiência de pensamento estamos dando condições de possibilidade de práxis que levam para a vida toda. Trata-se de um *quefazer* que desejamos possa contribuir para inspirar modos de realizar a educação infantil.

Falamos do pensamento de crianças de uma cidade no sul global. Iremos apresentar uma experiência de pensamento com crianças da educação infantil, em uma cidade do interior do estado do Paraná. Esta experiência nos leva a partilhar atitudes com relação ao conhecimento que não é apenas receber, mas compartilhar e expressa o filosofar com as infâncias como nosso caminho em prol do *quefazer* docente. As infâncias da mesma forma se apresentam através da curiosidade epistemológica das crianças, seus desenhos e falas no caminho da autonomia de pensamento é aqui autobiografado no reaprendizado da prática docente.

Como profissional da educação aprendi a escutar as vozes que as crianças possuem e agora estou aprendendo a expressar minha voz e conversar em outras formas com os pensamentos que no meu cotidiano me encham de alegria. Ir contra um paradigma comum que ouvimos, de que crianças não sabem filosofar é um processo que não se encerra em si mesmo. Elas não pensam da maneira dos adultos, suas perguntas pueris¹² podem parecer simples, mas encobrem um desejo

¹² Outro termo que se refere as infâncias, como sendo menos amadurecido, banal e fútil, vem do latim, “puerile” menino ou criança. <https://www.meusdicionarios.com.br/pueril/>

por saber, conhecer o mundo e assim como todos os subalternos do mundo, precisam ser valorizadas enquanto culturas para que dessa relação intercultural possamos recriar um mundo a imagem dos seres que o habitam. Escolhemos narrar como estratégia de escrita. Esta narrativa que se segue é sobre um adulto/professor e algumas crianças, em uma cidade cortada por um rio. Uma cidade que é nosso lar.

1.1 A Região do Contestado

No Estado do Paraná há um rio que nasce na sua capital Curitiba e vai fluindo pelo interior chamado Rio Iguaçu. Esse rio vai descendo pelas camadas do Estado e chega em várias cidades, afluindo com suas águas. Uma dessas cidades se chama União da Vitória, com cerca de 55 mil habitantes, que já viveu muitos ciclos de exploração e conflito ao longo de sua história. Um desses conflitos foi o Contestado. Uma guerra entre caboclos e o Estado Brasileiro pelo direito ao território.

O território contestado é composto por aproximadamente 48.000 mil km², compreendendo uma área que envolve o sul/sudeste paranaense e que ao adentrar ao Estado de Santa Catarina se estende pelo planalto norte, oeste e região serrana. São mais de 50 municípios que somam população superior a 500 mil habitantes e que possuem a Guerra do Contestado (1912-1916) como elemento fundante do processo de formação sócio territorial.

A Guerra do Contestado teve como centralidade conflitos que emergiram por terra-território e, por consequência, pelos contraditórios significados a respeito da dinâmica econômica e produtiva, do processo de trabalho e da relação da sociedade com a natureza e com outros sujeitos sociais, que repercutem no espaço-tempo no processo de conformação da estrutura deste território até os dias atuais. Esta região é marcada pela precarização das condições de vida, de trabalho, desigualdades sociais e culturalmente por certa naturalização de situações de violências e discriminações. O município de União da Vitória, cidade em que esta pesquisa foi desenvolvida, está situado neste território e de acordo com último censo tem uma população de 55.033 pessoas (BRASIL/IBGE, 2022).

Os dados de vulnerabilidade à pobreza neste município são de 31,6% da população que vive com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por

pessoa. As desigualdades sociais e a pobreza podem ser mais bem compreendidas ao observarmos que o PIB per capita de 2021 é de R\$ 33.607,71 (Brasil/IBGE, 2022). O censo, também, apresenta um dado particularmente preocupante sobre o percentual de crianças vulneráveis à pobreza, atingindo 41,90%. (IBGE, 2022).

As desigualdades sociais brevemente citadas acima ilustram que o fenômeno do conflito que gestou a Guerra do Contestado segue atual e não superado, tendo em vista a reprodução das desigualdades. Ao aproximarmos estes dados da comunidade em que está situado o Centro de Educação Infantil (CMEI), onde desenvolvemos este trabalho, observamos que são famílias que precisam trabalhar para se sustentar, para ter o mínimo e que as vezes o mínimo falta. Fruto da concentração de renda, não apenas no município, mas em todo o planeta, esse processo vem acontecendo apesar dos esforços para uma vida melhor.

A Guerra do Contestado foi um conflito que oficialmente ocorreu entre 1912 e 1916, início do século XX em que a população cabocla da região perdeu suas terras para uma empresa internacional que veio implantar os trilhos do trem e explorar a madeira na região. Apesar do “progresso” a empresa acabou se aproveitando e usando dessa prerrogativa, com o apoio do Estado Brasileiro, e se apropriou de muitas terras ao longo da região sul/sudeste do Paraná e norte, oeste e região serrana de Santa Catarina, o que deixou as pessoas que por aqui viviam em conflito com a maneira como foi feita a apropriação das terras e como as pessoas perderam tudo que tinham para o capital internacional. Muito parecido com a invasão dos portugueses que desde o início vinham tirar qualquer coisa que lhes fosse interessante, apenas porque eram mais fortes. Muitos desses caboclos eram filhos dos povos tradicionais que viviam aqui antes da invasão, juntamente com os filhos dos imigrantes que vieram para essa região em busca da sobrevivência básica, que lhes era negada na Europa iluminada.

Esse conflito ficou marcado pela crueldade com que o Estado lidou com os camponeses que aqui viviam, usou-se da melhor tecnologia disponível na época, para amparar a multinacional que aqui vinha trazer a ferrovia e tinha concessão para explorar madeira. A ferrovia trazia os trens, alguns negócios e em troca a empresa levava a madeira, derrubando as florestas, desalojando as pessoas que ali viviam e retirando o poder de subsistência das pessoas, os caboclos que aqui viviam.

As pessoas se revoltam, não é possível que não se sintam incomodadas quando são exploradas, as pessoas que viviam por aqui tinham uma vida difícil, a

experiência de vida construída era de luta, lutar contra a fome, sobreviver. E de uma hora para outra essa possibilidade vinha ser tirada. Com o amparo do Monge São João Maria, perceberam que teriam que lutar pelo que era deles. Se formos imaginar como era a vida dessas pessoas naquela época, vamos perceber que não havia outro caminho, cresciam lutando pela sobrevivência, desde cedo nas roças, na lavoura, no mato caçando e isso criava uma experiência de vida em que a luta era matéria cotidiana, se uma criança quisesse comer alguma coisa teria que ajudar aos pais, não por obrigação, mas pela maneira como viviam. Se fizermos um exercício de imaginação iremos nos deparar com uma vida onde os meios de sobrevivência estavam em todo lugar, havia a floresta, havia o rio, havia as roças, havia diversos caminhos, pelos quais uma criança era ensinada pelo exemplo, e que ao mesmo tempo era violento e bucólico, e iam crescendo nesse mundo, assim como no nosso, onde aprendem com os mais velhos a como o mundo funciona em um processo de formação que vai muito além da escola.

Apesar da luta a população cabocla foi massacrada, destituídas do seu lugar, tiraram tudo que podiam e tiraram a possibilidade de contar suas histórias, porque a violência os marcou de tal forma que a maioria se calou. Os horrores daquela guerra tiveram muitas testemunhas, poucos narradores chegaram até nós, seja na maneira de escrita ou na forma oral. A experiência que surgiu é de que era melhor calar o que as pessoas com o poder econômico exigem. Pois elas possuem quase tudo, o poder político e o militar, e para nós os explorados apenas a fala, as palavras, a linguagem, as histórias. Mas o tempo passado precisa ser revivido para que possamos nos lembrar e a lembrança é o nosso poder, assim como os escravizados usavam as lembranças de sua origem, e misturadas às imposições da nova rotina, criaram suas histórias.

Precisamos ressignificar esse passado, para aprender com seus erros e acertos, tentar alcançar um caminho onde todos possam ser ouvidos. Assim as crianças precisam aprender sobre seu território, para que possuam o entendimento da história, não apenas dos vencedores, mas principalmente dos vencidos.

As crianças têm uma grande capacidade de resiliência, brincam em muitos lugares tomados por destruição, Walter Benjamin expõe que preferem os destroços, aquilo que não é “útil” para os adultos, mas ainda assim há um resquício do medo e do terror.

Elas se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam — na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos. O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos — talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos. (Benjamin, 1987, p. 238)

Os detritos, podemos dizer, são os tijolos com que constroem as suas percepções, suas narrativas, assim como da decadência da saga se originou o conto de fadas, cada criança ao ouvir uma história, recontar, revisitar o conteúdo, aprende os elementos do pensar. É através dessas pequenas coisas, do ritmo diário do contar as histórias, do medo ao ouvir um conto de terror ou da alegria de ouvir uma aventura, que o gosto pela leitura, assim como pelo pensamento de como seria se aquilo fosse palpável, inicia o processo de autonomia de pensamento, mas quando não permitimos que escutem diversas histórias estamos cortando as asas da imaginação, estamos preparando o terreno para a monocultura da mente (Shiva, 2003) que não escuta outras histórias, apenas aquelas que passam na TV.

Desses detritos constroem seus mundos, suas maneiras de pensar e agir, suas concepções do porquê a vida ser o que é. Cada uma delas está criando suas impressões, suas experiências do mundo através do contato com essa diversidade de opiniões e vivências que a escola e a sociedade apresentam.

Da região do Contestado, do interior de um Estado no sul do Brasil, narramos sobre a prática docente, educação infantil, filosofias e infâncias. Prática atravessada por diversas referências, as mais presentes são uma maneira de encarar a Filosofia como saber memorial, contextual, como experiência de pensar, de questionar como na maiêutica socrática, a educação libertadora de Paulo Freire, o pensamento de Walter Benjamin, o enfrentamento do analfabetismo biográfico e comunitário da filosofia intercultural de Fornet-Betancourt, a desobediência epistêmica de Mignolo, são algumas das referências para um trabalho cotidiano. A base de um *quefazer* intercultural no qual pensamento e vida é próprio dos seres humanos, indo ao encontro do outro, mesmo que desconhecido, na intercomunicação além fronteiras.

Desse amálgama, desde o território que nos constitui, surge uma maneira de ser e de estar (Kusch, 1976). De nossa posição geográfica iremos adentrando em maneiras de pensar e agir que são diferentes daquelas que estão acostumados os eurocentrados, a relação com o lugar em que vivemos, as maneiras de agir e de falar, se relacionam com a nossa identidade.

O território é o que nos performa. Sem ele não seríamos da maneira que somos, seríamos outros. Nosso pensamento então, atrelado ao que somos, as confluências que tivemos, a tudo aquilo que experimentamos é o passo inicial de nossa vivência, que para ser transformado em experiência precisa ser narrado para o outro, precisa dessa fronteira que é o outro para que esse saber tenha algum significado.

1.2 A Educação Infantil: o espaço em que experienciamos confluências

Começemos com uma imagem:

Figura 1
Acervo do CMEI



O que seria o ideal para espaço físico para educação infantil? Seria um lugar mágico, onde as crianças pudessem correr com facilidade, onde a segurança de seus corpos e suas atitudes fossem sempre preservadas, onde não se ferissem por motivo algum, mesmo quando caíssem no chão com os joelhos. Seria um ambiente emborrachado, além de uma redoma de vidro em cada uma delas para que não se ferissem. Não haveria passagens, tudo seria iluminado,

“elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos – material educativo, brinquedos ou livros – que fossem apropriados para crianças é tolice” (Benjamin, rua de mão única, 1987, p.18).

Da mesma forma, dizer como seria esse ideal de escola é uma ilusão que muitas pessoas, pedagogos ou não, possuem sobre a escola. Escola é um lugar aonde vamos para aprender. Precisa ser um ambiente seguro, mas isso não significa que precisa ser uma prisão. Não desejamos que as crianças fiquem presas dentro desses ambientes, mas que aprendam.

Surge então um lugar cheio de escadas, passagens que se conectam. Um lugar com vários andares, que ao longo do tempo foi sendo ampliado sem muita organização. Poderíamos deixar que explorassem o ambiente e que fosse permitido que andassem pelas escadas sem muita atenção dos adultos. Mas falamos de crianças que ainda estão aprendendo a andar, sua coordenação em desenvolvimento, assim como o reconhecimento de certos perigos precisa ser levada em conta, dos labirintos da escola, nos colocamos entre paradoxos do cuidar e do educar, qual o limite para uma criança autônoma? Deixar se ferir gravemente para que aprenda, ou limitar o acesso a certas atitudes que podem ser prejudiciais?

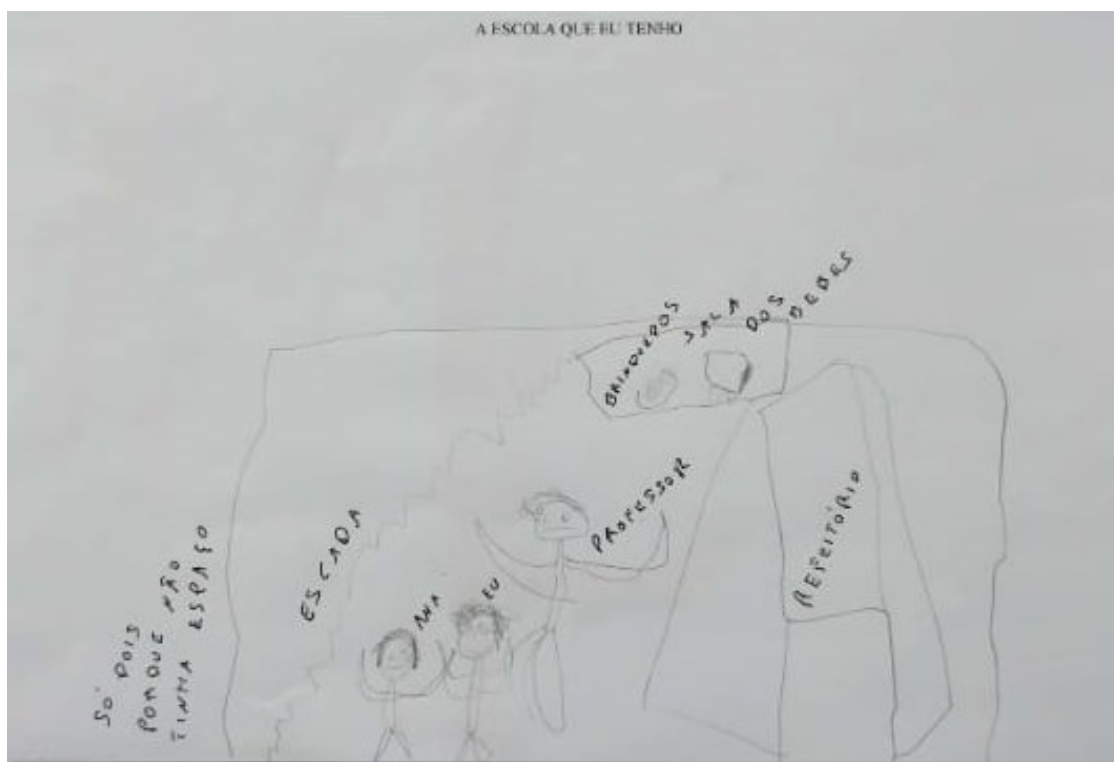
Alguns paradoxos se mantêm porque o desejo da iluminação é as vezes o desejo por proteger a vida de percalços que poderiam ser evitados com uma boa conversa por exemplo, os labirintos são interessantes para aprender a nos mover, mas certos cuidados precisam ser tomados, não podemos nos jogar inconsequentemente, apenas para descobrir as coisas, enquanto professor mediador, preciso entender entre o cuidar o educar, para que eles estejam seguros, mas que aprendam. Desse equilíbrio entre o iluminado e o não iluminado precisa surgir uma prática dialógica, onde o que precisam e o que a sociedade exige está em conflito, o currículo é esse conflito, eu preciso ensinar muitas habilidades que precisam para viver em sociedade, mas ao mesmo tempo preciso deixar que explorem livremente, como lidar com esse paradoxo?

O CMEI onde a pesquisa se desenvolveu atende cerca de 230 crianças. É o único no município que tem dois andares. É o único em muitos aspectos, suas escadas não foram feitas pensando na acessibilidade, seus corredores parecem um monastério em alguns aspectos. O prédio não é propriedade do município e sua construção foi erguida para a Igreja Católica. Sua arquitetura não foi pensada

para receber crianças. Escadas estreitas, lugares escuros, vias e desvios que não se conectam, lembra um labirinto e para aqueles que não tem experiência no lugar se perder é comum. Para as crianças as escadas são o elemento principal, seja para acessar os diversos lugares que fazem parte da estrutura, seja pelos degraus.

A imagem a seguir expressa a percepção de uma das crianças sobre o espaço do CMEI:

Figura 2
Imagem do autor



“Só dois porque não tinha espaço”. Reduzido assim o contato com os outros colegas essa criança nos mostra como percebe o subir das escadas. O objetivo da atividade for conhecer o espaço escolar, atividade que é sempre feita no começo do ano, para que possam interagir com o ambiente, conhecer onde ficam as coisas e num espaço como o desse CEMEI precisaria ser feito várias vezes para que pudessem ter um certo entendimento do que é o prédio. A criança expressou através do desenho seu pensamento.

Enquanto professores planejamos e desenvolvemos atividades que por vezes as crianças não estão desejosas de pensar sobre aquilo no momento, cabe a nós escutarmos.

A seguir algumas imagens de espaços do CMEI feitas por nós:

Figura 3
Imagens do autor



Figura 4
Imagens do autor



Figura 5
Imagens do autor

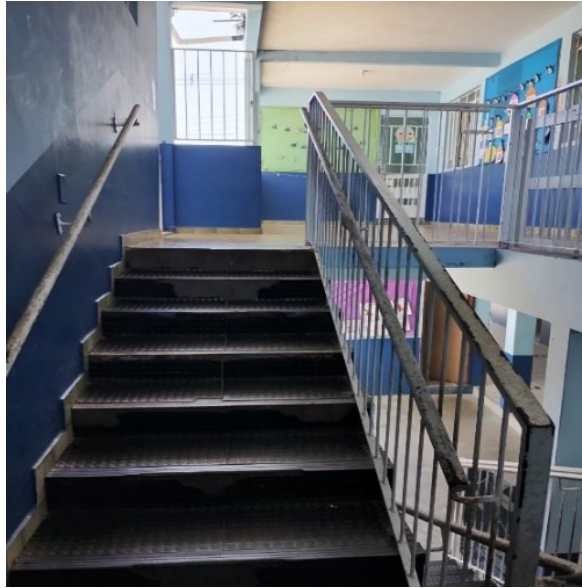


Figura 6
Imagens do autor



Na figura 1 o parque de areia, com brinquedos que podem ser explorados sem medo. As crianças correm, brincam, pulam, um tempo e um espaço livre de muitos impedimentos e nas outras imagens escadarias que dão acesso a outro andar do prédio. Em alguns lugares podemos fazer o que desejarmos e em outros teremos que ter cuidado. Um é definido pelo adultos como brinquedo outro não. Ambos são convites para subir, descer. Assim expressam dizeres de crianças ao não

entenderem por que não podem correr nas escadas. Isso é o mundo adultos e crianças, nem sempre podemos ser livres e em alguns momentos precisamos do cuidado. As crianças inventam brincadeiras interessantes nas escadas, não são poucos os que da parte de baixo jogam bolas para a bola descer e não são poucos que de cima jogam brinquedos para ver sua queda. Em todos os lugares se pode brincar, basta um pouco de autonomia e cuidado.

Na infância os espaços para que possam usar a imaginação, seus corpos e seus movimentos são necessários, não apenas o da sala de aula, mas espaços onde a curiosidade possa vivida. Um pedaço de grama, uma pedra colorida, um céu com uma cor diferente etc. são possibilidades de percepção que as crianças precisam para sentirem o mundo, existirem no mundo e não apenas conhecer o porquê os raios de sol transformam o céu em azul, mas vivenciar isso para que faça sentido para o corpo. Sentir o aroma das flores é tão necessário quanto saber qual o nome científico delas, são pequenos momentos que trazem a vida para dentro de nós.

Enquanto professor busco outros olhares para os espaços que possuímos, ainda que muitos prefiram restringir-se a sala de aula, deixando as crianças presas entre quatro paredes, sempre há quem entenda a importância do contato com a natureza, o ar livre, o brincar com outros objetos, com outras possibilidades, assim como na educação como um todo, há sempre quem busca diversificar sua prática docente. Em relação aos espaços físicos na educação infantil somo a proposição de Léa Tiriba¹³ de que é urgente desemparedar as crianças na educação infantil:

Mas, se elas chegam às IEI aos 4 meses e saem aos 5 anos; se, até os dois anos frequentam raramente o pátio, e, a partir dessa idade, adquirem o direito de permanecer por apenas uma ou duas horas ao ar livre, brincando sobre cimento, brita ou grama sintética; se as janelas da sala onde permanecem o restante do tempo não permitem a visão do mundo exterior; se assim os dias se sucedem, essas crianças não conhecem a liberdade... o que foi conquistado como direito, em realidade constitui prisão. (Tiriba, 2010, p. 6).

O espaço em que trabalho não foi construído para a educação infantil, foi adaptado, além disso é necessário a reflexão sobre o direito a infância com

¹³ TIRIBA, L. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

liberdade para brincar no período em que estão no CMEI. Trata-se de corpos que muitas vezes são contidos. Infâncias, filosofias e educação contêm corpos no mundo.

A educação é um processo de corpo inteiro porque o conhecimento é fruto da ação do sujeito no mundo, mobilizada pelo desejo, possibilitada pelo corpo, guiada por processos sensoriais (GUIMARÃES, 2008). Sendo assim, é fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos. (Tiriba, 2010, p. 9)

Outro aspecto está na influência da concepção de infância como ‘não-ser’, como tempo em que a ingenuidade, em que a falta de um tipo de racionalidade está presente. Essa visão iluminista de jardim de infância onde o professor vai regando com ideias as crianças e pouco a pouco vão se tornar cidadãos do mundo, que vai permitir que sejam moralizados com contos de fadas que muitas vezes trazem a ideia de bem contra o mal como se apenas isso fosse possibilidades da infância. *Tabula rasa*¹⁴, como diria Locke¹⁵, essas infâncias são vistas baseadas nessa maneira, não sabem, não pensam, são apenas seres que ainda serão, no futuro. Essa visão iluminista, serve para que seus corpos e suas ideias sejam condicionadas, se não pensam, não precisamos ouvir o que tem a dizer e todas as atividades em sala de aula, todos os desenhos e impressões são apenas desenvolvimento, serão no futuro, não são agora, não tem suas culturas, suas infâncias.

Cada criança tem suas próprias capacidades e desafios, e é crucial que pais e professores reconheçam isso. A ideia de que todas as crianças são uma “tabula rasa” que pode ser moldada é, de fato, uma visão limitada. A educação que leva em conta as necessidades e os talentos únicos de cada criança pode ser muito mais

¹⁴ *Tabula rasa* é um conceito filosófico que designa que a mente não é inata. Mas é defendido que ela se trata de algo como uma folha em branco.

¹⁵ Ensaio sobre o Entendimento Humano, Locke, John, Calouste Gulbenkian, Braga 2014.

eficaz. Isso não só ajuda as crianças a aprenderem de maneira mais eficiente, mas também promove um ambiente onde elas se sentem valorizadas e compreendidas.

Para Walter Benjamin (1987) as crianças são seres criadores de cultura, que estão aprendendo e reutilizando de diversos modos aquilo que apreendem do seu cotidiano. Aprendem muitas coisas com os adultos, entre elas, com o mundo. Podemos imaginar que isso atravesse a vida de todos, mas quando a formação não permite que as perguntas saiam, que encontrem o mundo e retornem para as pessoas em forma de resposta. As perguntas, quando não são trabalhadas, quando não damos espaços para que surjam e se tornem outras coisas, quando vamos criando barreiras para o diálogo e o questionamento contribuimos para a ausência de autonomia de pensamento e de ação.

A Educação Infantil que temos hoje é resultado de uma longa luta para que fosse reconhecida como uma etapa da educação básica, deixando de ser concebida como assistencialista. A visão assistencialista na educação infantil “reduz a educação a cuidados básicos, desvalorizando o papel educativo das creches e pré-escolas, fruto ainda de uma visão iluminista o modo como a Escola vê esse tempo do desenvolvimento humano é tacanho.

Segundo Kramer¹⁶ (2007 pg.14) no século XX as crianças tiveram um papel de destaque em algumas pesquisas, principalmente a de Philippe Ariès que tecendo comentários sobre a história de como as crianças eram tratadas na Europa, trouxe à tona a necessidade de se pensar as infâncias e do trabalho com a Educação infantil, não apenas o cuidar, como era comum antes da década de 1970, mas de que esse momento da vida é a base de todas as futuras experiências que irão permitir que um ser humano seja autônomo.

No nosso país, a Educação Infantil, é ofertada em Centros Municipais de Educação Infantil, CEMEI's. Primeira etapa do processo de formação humana. Essa preocupação provém de um processo histórico que começa na década de 1930, através do desejo de mulheres operárias que precisavam de um lugar para deixar os filhos pequenos, um lugar onde fossem bem cuidados para que elas pudessem trabalhar fora, ou seja, a preocupação inicial era cuidar. Ao longo do processo de implantação desse modelo de educação, foi sendo percebida as necessidades das

¹⁶ Kramer, Sônia; Ensino fundamental de nove anos, orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade; Brasil, Ministério da Educação, 2007.

crianças, e mais recentemente, mais claramente explicita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a preocupação em educar.

No Estado Brasileiro a oferta da Educação Infantil é dever dos municípios, que seguem as leis federais e estaduais, mas que possuem cada qual, suas especificidades, que vão desde a valorização dos profissionais até a estrutura das escolas e CEMEI's. Em nossa cidade, há um movimento de valorização, tímido muitas vezes, mas que vem acrescentando mudanças nos processos de ensino e aprendizagem que nossas crianças possuem. Por exemplo, desde 2012 não há mais distinção entre professores de creche e professores do ensino fundamental, equiparando cargas horárias e a possibilidade de trabalhar em qualquer faixa etária dentro do município. Recentemente vem sendo melhorado os espaços para a educação infantil, como parques ao ar livre e materiais diversos para o trabalho em sala de aula, mas, isso é um processo longo e muitas vezes de política pública no qual não entraremos no mérito.

Ser um CMEI grande na nossa cidade significa que crianças vem de muito longe para serem atendidas nas suas dependências. As vagas para a educação infantil ainda são muito disputadas e apenas o infantil 4 possui obrigatoriedade do Estado dar conta de vagas, gerando assim nas outras faixas etárias um déficit. Que vem ano e vai ano continua.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, no art. 8º, estabelece que as interações e as brincadeiras são os eixos centrais na Educação Infantil. Assim, é preciso que o cotidiano seja inventado para proporcionar o interagir, brincar, criar, aprender, para poder seguir interagindo, brincando, criando, aprendendo. Sobre o brincar realizamos uma atividade com as crianças sobre expressarem os lugares e como brincam no CMEI.

Nos desenhos podemos olhar como as crianças pensam sobre isso:

Figura 7
Imagem do autor

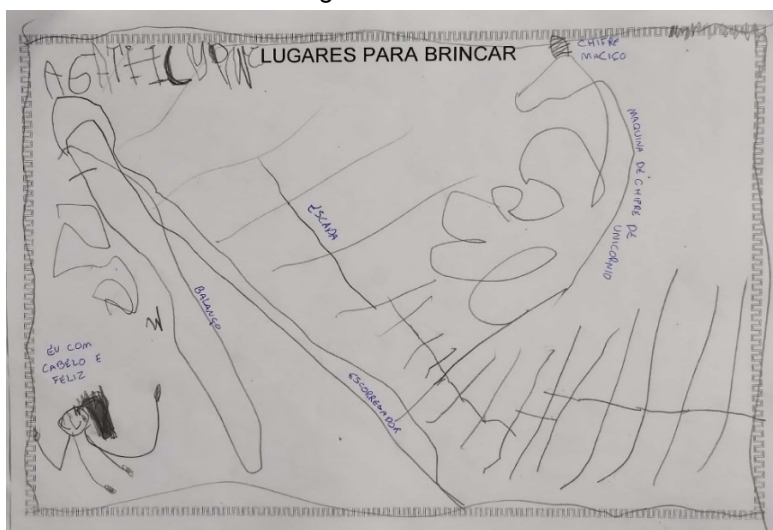
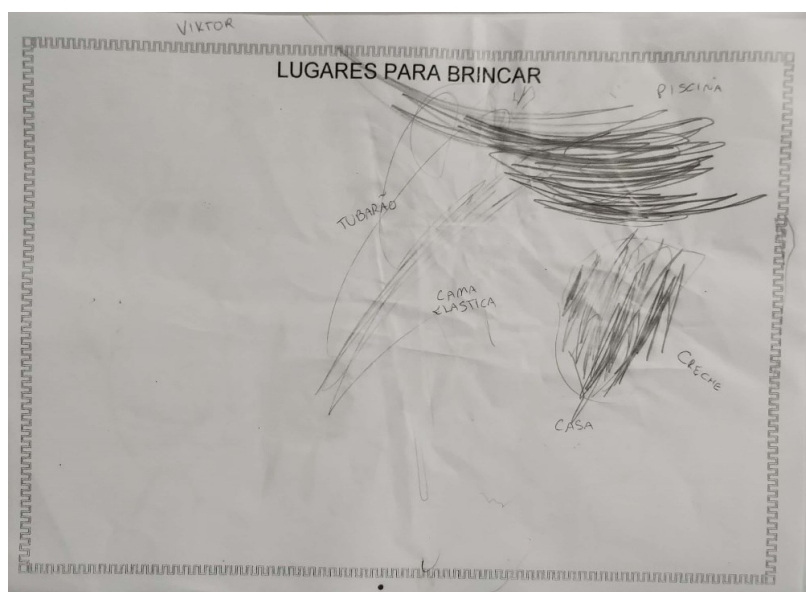


Figura 8
Imagem do autor



Os dois desenhos expressam ideias diferentes sobre os espaços do CMEI e o brincar. O primeiro (figura 7) é de uma menina que está no CMEI desde bebê, gosta de conversar, muito falante, criativa e o desenho da figura 8 é de menino que entrou este ano, cheio de ideias, mas que ainda não se sente seguro o suficiente para explicar suas preferências. Mas as ideias confluem. O escorregador que a menina cita é no parque, área externa, a escada do CMEI está presente no desenho, assim

como sua criatividade literária. Tanto a escada como o escorregador são espaços do brincar para ela.

No desenho da figura 8 a criança explicita lugares para brincar em casa e na creche, talvez porque ainda se sinta um pouco confuso com as mudanças de rotina, em que o CMEI surgiu em sua vida. Ambos soltando a imaginação veem que tem direito de pensar e ao brincar.

Brincando com as ideias, vamos permitindo que explorem conceitos e relacionem com outras coisas que vamos apresentando. Na escola podemos brincar sempre? Será que apenas na escola aprendemos alguma coisa? Como sabemos que aprendemos algo?

Desse espaço onde podem pensar através do desenho e imprimir através de seus lápis de cor o que desejam. Ao escrever o que desenharam há uma mediação entre aquilo que fizeram no desenho e a escrita, algo que ainda irão aprender. Assim como uma mediação entre o que sabem sobre o mundo e sobre aquilo que ainda precisam aprender. Dessa maneira, lembram do que desenharam ao ouvir o professor comentar sobre e percebem que seu modo de pensar, de desenhar, de agir, não é apenas mais uma das atividades que são propostas em sala de aula, mas sim uma obra que feita pelas suas mãos que significa a expressão de autonomia de pensamento.

Assim como na descrição oral de um outro menino sobre a divindade na qual ele acredita: “Ele teria os braços do Hulk (da Marvel) e pode destruir tudo, assim como construir”, pois, segundo a mesma criança “a escola não é de ninguém, mas é de todos, e que foi o Deus quem construiu.”

Esse pensamento de uma criança de 5 anos nos faz lembrar que das interações com as pessoas vamos tecendo nosso conhecimento sobre o mundo. Não entende ainda conceitos que falou, “o Deus” sendo um deles, mas está interagindo, analisando o que tem de concreto, a escola, com aquilo que ainda não tem de concreto, como as ideias de Deus. Pensa, mas não conforme um professor, tem contato com a sua região, seus colegas, professores e familiares, conhece sua casa e a escola, vai analisando o mundo e tecendo suas ideias. Do contato com outras ideias vai tirando outras conclusões, assim como a filosofia que ao longo de sua história e através das interações com outras formas de pensar criou seu arcabouço.

As tradições filosóficas ocidentais, que são a base do eurocentrismo, iluminismo e racionalismo, positivismo, não reconhecem que negros, indígenas, mulheres e crianças sejam capazes de pensar, negando o pensamento dessas pessoas e culturas como irracional. Entretanto, com o ápice razão instrumental¹⁷, do século XX, percebemos que a sociedade precisa mudar e ampliar olhar para essa tradição e acolher maneiras de pensar que historicamente foram excluídas, ampliando o mapa-múndi da filosofia.

Quem tem essa autoridade para dizer o que é ou não é Filosofia? É uma pergunta que me coloco todas as vezes que começo o trabalho com as crianças em um exercício de autocrítica para que não caia no lugar comum de fazer o trabalho pelo trabalho, a práxis precisa ser disciplinada para que seja fecunda (Freire, 1987).

Nós adultos proporcionamos algumas condições, mas são as crianças que produzem sua própria cultura, seus pensamentos e atitudes, criando suas experiências, como diria Walter Benjamin. Por isso é uma relação intercultural, também, pois cada ser que está em uma sala vai produzindo cultura e das interações vamos tecendo a relação intercultural. Nosso caminho de pesquisa se nutre dessas impressões que ao longo dos anos vão tomando forma, não apenas através das leituras, mas da escuta e observação do que está acontecendo em sala de aula, assim como da minha circunstância. Do choque entre as diversas maneiras do agir e do pensar, do Filosofar que vamos construindo a prática em sala de aula. Aqui vemos a Filosofia surgir enquanto pergunta, base de todo o pensar, de toda ação.

Quando começa e quando termina o filosofar? Qual a melhor idade com a qual podemos iniciar o processo de filosofar? Mas ensinar a questionar, presentificar outras ideias, mudar e experimentar, para usar uma categoria de Walter Benjamin¹⁸, isso podemos fazer. Um bom começo é quando damos ouvidos para as perguntas que o outro nos traz ou que nós nos damos conta, criando as experiências de pensamento. As experiências fazem parte do mundo, da vida, precisamos tentar errar, acertar, mudar, aprender, tentar novamente, em um processo que não termina,

¹⁷ Razão instrumental é um conceito do filósofo da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer, no contexto da teoria crítica, para designar o estado em que os processos racionais são plenamente operacionalizados e esvaziados de sua dimensão crítica. Fonte: ALVES, E.C. O desenvolvimento da 'razão instrumental' ou 'agir racional com relação a fins' no Fausto de Goethe.

¹⁸ Benjamin, Walter, Magia e técnica, arte e política; tradução: Rouanet, Sérgio Paulo; 3ª edição, 1987; ed. Brasiliense.

assim como o filosofar que se repete ao longo dos séculos, com variados nomes, mas sempre com o objetivo de refletir sobre nossa existência. Não há idade para começar ou terminar, pois há pessoas de muitos anos que ainda não pensam por elas mesmas e pessoas de pouco tempo no mundo que já são muito sábios.

As crianças, assim como os adultos, têm sentimentos, sentidos e razão. Gostam de aprender e viver no mundo, tendo várias experiências éticas, estéticas, políticas, culturais etc. Todos nascemos com o desejo de aprender, por isso é necessário antes de tudo permitir o desenvolver o desejo pelo saber, pela pesquisa, pela conversa produtiva onde os seres humanos reunidos aprendem uns com os outros, concordam ou não concordam, mas percebem o outro como ser de desejos e aspirações, nada diferente do que cada pessoa nesse mundo é.

Quais são nossos objetivos quando ensinamos? Qual a identidade que desejamos para os novos no mundo? Aquela na qual fomos forjados, onde as verdades viriam nos salvar, ou o pensamento autônomo onde a possibilidade de pensar por eles mesmos é o melhor caminho? Optando pelo segundo caminho precisamos perceber que o saber é sempre desenvolvido em conjunto e que através de nossas experiências, de nosso lugar no mundo somos. Valorizar o fazer das filosofias nesse lugar de buscar o conhecimento, de ter amizade pelo saber.

Entender a situação atual significa que somos seres brincantes em uma escola, e que a escola por mais que tenha diversos problemas ainda é um caminho para que possamos conhecer a nossa realidade e que possamos transformá-la. Entender que temos o direito ao brincar. Conhecer nossos direitos e deveres para que realizemos uma transformação social mais profunda, um modelo de pensamento coletivo que o capitalismo em suas mais variadas formas procura impedir.

É fascinante observar como a diversidade e a individualidade das crianças se manifestam em sala de aula. A escuta e a adaptação das práticas pedagógicas são essenciais para atender às necessidades de cada criança, respeitando suas formas únicas de expressão e interação. A filosofia intercultural é uma abordagem valiosa nesse contexto. Nos incentiva a construir pontes entre diferentes culturas e perspectivas, promovendo um ambiente inclusivo e democrático. Segundo o filósofo Raúl Fonet-Bettancourt (2001), a interculturalidade não é apenas uma questão de coexistência pacífica, mas de diálogo e transformação mútua, onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas. A inclusão, portanto, não é apenas uma prática pedagógica, mas um princípio ético que deve guiar todas as nossas ações na

educação. Como Paulo Freire destacou, a educação deve ser um ato de liberdade, onde todos têm a oportunidade de participar e contribuir.

O contexto pós-pandemia trouxe desafios únicos para a educação, especialmente para crianças pequenas. A interrupção das rotinas escolares e a transição para o ensino remoto afetaram significativamente o desenvolvimento social e emocional das crianças. Durante a pandemia, muitas crianças experimentaram isolamento social, o que pode ter impactado suas habilidades de comunicação e interação. No retorno às aulas presenciais, foi necessário um esforço redobrado para reintegrar essas crianças ao ambiente escolar, respeitando suas diferentes formas de expressão e necessidades emocionais.

A escuta e a criação de um ambiente acolhedor se tornaram ainda mais cruciais. As crianças que passaram por esse período podem apresentar comportamentos que refletem ansiedade ou desconforto, e é essencial que os educadores estejam atentos a esses sinais e ofereçam suporte adequado. A filosofia intercultural pode ajudar a lidar com essas diferenças, promovendo um ambiente onde todas as crianças se sintam incluídas e valorizadas. Perseguindo vários objetivos ao mesmo tempo seguimos em busca de entender melhor essa experiência e como podemos enriquecer ainda mais a prática, através da teoria.

A interculturalidade esteve neste percurso como um *quefazer*, como *sabedoria prática*¹⁹ (Fals-Borda, 1998, p. 12) em que adulto e crianças aprendem juntos a prática docente vai de constituindo realizando deslocamentos, acolhendo pensamentos e experiências de si e das infâncias. Interculturalidade como intercomunicação prática, diálogo e reaprendizagem do pensar com as crianças.

1.3 Narrativas e infâncias

Desde a infância, as narrativas que ouvimos, lemos ou assistimos moldam percepções, valores e até mesmo nosso vocabulário. Não são apenas uma forma de entretenimento, mas, também, uma ferramenta de desenvolvimento emocional e cognitivo.

¹⁹ Fals Borda utiliza sabedoria prática no sentido grego de *phrónesis* ampliando o conceito de práxis ao qual considerava faltar um método de investigação sociológica concretamente vinculado a transformação social e propõe o IAP (Investigação-Ação-Participativa).

Walter Benjamin, em “O Narrador”, destaca a importância da narrativa e como está se tornando uma arte em extinção. Argumenta que a capacidade de contar histórias é essencial para a transmissão de experiências e sabedorias de geração em geração. No contexto educacional, as histórias são especialmente importantes para as crianças, pois ajudam na construção de suas identidades. Ao ouvir histórias, as crianças podem se ver refletidas nos personagens e situações, o que contribui para o desenvolvimento de sua autoimagem e compreensão do mundo ao seu redor. Além disso, as histórias estimulam a imaginação, a criatividade e a empatia, permitindo que as crianças explorem diferentes perspectivas e emoções.

Incorporar uma variedade de histórias, sejam audiovisuais, escritas ou orais, é criar um ambiente de aprendizado rico e acolhedor. Isso não só enriquece o vocabulário das crianças como amplia seu repertório de sentidos e significados, as inserem na cultura, ajudando-as a se tornarem indivíduos mais completos e conscientes:

Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele. Ou melhor, esses traços aparecem, como um rosto humano ou um corpo de animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção (Benjamin, 1987, p.197)

Narrar tem se tornado uma arte em extinção em muitos ambientes, seja em casa ou na escola, isso porque temos muito menos tempo para processar as informações e criar essas narrativas, fruto de uma sociedade afoita, ansiosa, acelerada. Isso se reflete na maneira que as crianças aprendem, assim como na construção de suas identidades.

Para que uma criança exista são necessários muitas pessoas, pai, mãe, avó, avô, bisavó, bisavô, apenas para ficar nos mais próximos. E para que exista são necessárias outras pessoas ainda, como, professores, outras crianças, outras famílias, sociedades e toda a sua história. Geralmente quando trazemos alguma história as crianças se interessam, a história é o que abre o apetite para o saber.

Quando Aristóteles²⁰ diz que o ser humano é curioso e que gosta de aprender, precisamos concordar, mas ao perceber que as telas, que as mídias sociais e sociedade acelerada estão diminuindo essa fome, precisamos agir. Usando uma analogia, estão saciados com as telas? É um alimento nutritivo ou apenas comida que causa problemas de saúde? Qual a nossa responsabilidade enquanto professores e demais adultos?

Percebemos que crianças pequenas, quando são incentivadas a pesquisar, a não ter medo do mundo, acabam criando a autonomia de pensar e de buscar. Por muito tempo as narrativas eram o caminho pelo qual aprendíamos sobre lugares longínquos, no tempo e no espaço, ou percebíamos maneiras de ver aquilo que nos rodeia, era uma experiência de pensamento, não apenas ver e ouvir, mas sentir os fatos acontecendo enquanto o narrador desenvolve, desenrola, com sua narrativa os acontecimentos, não é apenas relatar com uma pretensa objetividade que o jornal burguês inventou para dizer que fala sempre a verdade, não, é algo mais, ela deve transmitir sentimentos unindo fios da meada tornando sólido os saberes, há uma grande dose de intuição por parte dos que ouvem, há um processo imaginativo que não é apenas reter as informações e repassar para outrem, mas sim perceber que o momento do conflito entre as interpretações, detém a ampliação do horizonte da linguagem.

Muitos pais, mães, familiares não tem tempo, ou espaço para contar histórias, nossa sociedade tem exigido cada vez mais que sejamos individualistas. Romper com isso e traçar um caminho coletivo é um desafio, estão acostumados a darem suas opiniões, mas não a pensar nelas. Dessa forma podemos dizer, junto com Benjamin que as crianças criam suas histórias com aquilo que lhes oferecemos, vão interagir com outras formas de pensamento e permitir que o *outro* explique seu ponto de vista, mudar de opinião ou apenas entender. Estão aprendendo com os mais velhos no mundo a lidar com informações, exercitar o tempo para pensar é dar espaço para o pensamento acontecer. Permitir que as perguntas sejam feitas, parece simplório, mas no cotidiano da escola muitas vezes isso é negado para as crianças, aquela que pergunta demais é tida como incomoda.

²⁰ “todos os homens, por natureza, desejam saber” (Metafísica, Livro I). Essa curiosidade inata nos impulsiona a explorar, descobrir e aprender sobre o mundo ao nosso redor.

A reflexão de Walter Benjamin sobre o aprendizado através da experiência e da interação com outros se alinha com as críticas de Paulo Freire à educação bancária (Freire, 1987). Freire descreve a educação bancária como um modelo onde o conhecimento é “depositado” nos alunos, que são vistos como recipientes passivos. Nesse modelo, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno apenas recebe informações, sem questionar ou interagir ativamente com o conteúdo.

Freire propõe uma alternativa a essa abordagem: a educação libertadora ou problematizadora. Nesse modelo, o aprendizado é um processo ativo e dialógico, onde os educandos são incentivados a questionar, refletir e participar ativamente do processo educativo. A educação libertadora busca desenvolver a consciência crítica, permitindo que compreendam e transformem a realidade ao seu redor.

Assim como Benjamin sugere que o aprendizado significativo ocorre através da experiência e da interação, Freire argumenta que a educação deve ser um processo de construção do conhecimento, onde tanto professores quanto estudantes aprendem e crescem juntos. Esse tipo de educação promove a autonomia de pensamento e a capacidade de agir de forma crítica e transformadora na sociedade. Ao relacionar essas ideias com o contexto educacional atual, especialmente no pós-pandemia, vemos a importância de criar ambientes de aprendizado que valorizem a diversidade de experiências e formas de expressão das crianças. Permitir que as crianças façam perguntas e explorem diferentes áreas de interesse é fundamental para desenvolver sua autonomia e pensamento crítico.

Walter Benjamin discute o caráter da narrativa. Argumenta que a verdadeira narrativa sempre contém uma dimensão utilitária, seja através de ensinamentos morais, sugestões práticas, provérbios ou normas de vida. O narrador é alguém que sabe dar conselhos cuja narrativa tem um valor prático e formativo para quem a ouve. Destaca ainda que essa transição da narrativa oral para a forma escrita do romance e que o romance, ao ser lido individualmente, promove uma experiência solitária e introspectiva, enquanto a narrativa oral cria um senso de comunidade e compartilhamento entre o narrador e os ouvintes.

Benjamin vê a narrativa oral como uma prática que não apenas entretém, mas também, educa e conecta as pessoas, transmitindo conhecimentos práticos e culturais. A perda dessa forma de narrativa, segundo ele, representa uma perda de coletividade e de uma forma mais rica e interativa de transmissão de saberes.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. (Benjamin, 1987)

Essa preponderância do livro surge com a ascensão burguesa, antes havia uma preocupação com os livros, mas não com o romance, aquele escrito por Balzac talvez seja um bom exemplo do que estamos pensando quando falamos de romance. Entretanto, o romance não é um problema, existia desde a antiguidade e como toda forma humana tem suas facilidades e dificuldades, o problema é tornar o único meio pelo qual podemos chegar as narrativas, ou ouvir boas histórias, contar em comunidade, ao redor de um grupo de amigos, é um processo humano básico.

O problema da falta de narrativas se apresenta maior do que a falta de uma aula mais divertida, apresenta um tema sensível em muitas regiões, sendo que são poucos aqueles que tem o direito de falar a sua história. Os brancos, aqui no sul do Brasil, descendentes de europeus, sabem de onde vieram e como vieram, mas aos negros e aos indígenas isso é negado, em um claro silenciamento de quem somos, se somos mestiços precisamos saber de nossas origens, dos caboclos que foram massacrados na Guerra do Contestado sabemos muito pouco sobre quem eram.

Para pensar mais um pouco sobre esses processos, iremos adentrar no tempo das filosofias e como isso acontece em sala de aula. Esse tempo serve de sucedâneo a um lugar precarizado nas escolas que é o ouvir e dialogar. Além do mais as filosofias e a educação são temas correspondentes em muitas formas, as duas se preocupam com o conhecimento, com a formação humana. Enquanto a primeira é o pensamento sobre como isso acontece a outra é a prática. Mas a teoria sem a prática não existe, então adentremos nesse percurso.

2. FILOSOFIA E SEU ENSINO

A filosofia como disciplina na educação brasileira tem história, no escopo deste trabalho não iremos aprofundar este tema, mas pontuamos brevemente.

Em 1555 o rei D. João entregou aos jesuítas o Colégio das Artes, por ele fundado em 1548, destinado ao ensino público de latinidade e filosofia. O ensino de filosofia no Brasil se deu, ao longo de quase dois séculos, para poucos, mas na vigência do Ratio Studiorum, método pedagógico dos colégios da Companhia de Jesus:

[...].O Ratio Studiorum estabeleceu, para o ensino de lógica, de psicologia, de ética, das matérias referentes às ciências da natureza (especialmente a física) e de metafísica, não só a sua subordinação à teologia, como também a sua fundamentação na doutrina aristotélica. (Cerqueira, 2002, p.33-4).

A Filosofia no Brasil, país desigual, estruturalmente violento, racista, foi sempre um luxo para elites ilustradas reproduzindo hábitos aristocráticos eurocêntricos. Como disciplina passa a ocupar alguns espaços a partir da década de trinta do século XX, em alguns currículos escolares. Com a ditadura militar instaurada no país em 1964 passa a ser proibida nas escolas, mesmo contexto em que Paulo Freire e dezenas de outros intelectuais vão para o exílio, outros são presos, torturados e mesmo assassinados pelo aparelho repressor do Estado ditatorial. Ou seja, a filosofia está para a democracia.

Anos após a redemocratização da sociedade brasileira a institucionalização do ensino de filosofia no currículo escolar no Brasil ocorreu com a alteração da LDB 9394/96, quando aprovada da Lei nº 11.684/08 que alterou o art. 36 da LDB, estabelecendo a inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Esta legislação foi resultado de mobilizações e reivindicações de décadas de lutas fazendo justiça histórica e epistêmica ao garantir a filosofia como disciplina obrigatória. Foi neste contexto que cursei a graduação de filosofia, num período em que a oferta da disciplina no currículo do ensino médio vinha sendo garantida e junto a isso crescia as pesquisas na área.

Atualmente com a reforma do Ensino Médio e implementação da Base Nacional Comum Curricular vivemos o avanço do neoliberalismo e do conservadorismo na educação e mais uma vez a filosofia, junto com outras disciplinas da área das hu-

manidades são reduzidas nos currículos para dar lugar a temas como projeto de vida e educação financeira. Mais uma vez a educação subordinada a mercantilização da vida e a filosofia ameaçada, assim como a democracia.

A quem interessa reduzir as humanidades dos currículos escolares? Àqueles que não interessa que crianças e jovens aprendam a pensar sobre si e o mundo. Aprender a pensar se dá com pessoas mediadas pelo conhecimento e a escola é fundamental para isso. Conhecer é um direito humano e é crucial para lidarmos com os desafios da vida. A democratização do conhecimento, filosófico e outros é condição para a humanização, a aprendizagem do diálogo, da comunicação e interação com o mundo. Condição para o crescimento pessoal e coletivo, mesmo quando há discordâncias.

Quando a sociedade possibilita o acesso a diversidade de conhecimentos, possibilidade a perguntas e a respostas, enriquecemos nosso entendimento e podemos promover ambientes mais justos e equitativos. Por outro lado, a exclusão conhecimentos de modo deliberado nos currículos escolares, assim como de vozes, culturas e perspectivas diferentes das nossas leva ao epistemicídio²¹, que é a supressão de conhecimentos e saberes.

Paulo Freire, em sua crítica à educação bancária, oferece uma perspectiva valiosa para entender esses desafios. Argumenta que a educação bancária trata os estudantes como recipientes passivos, onde o conhecimento é “depositado” pelo professor. Esse modelo de ensino não promove o pensamento crítico ou a reflexão, mas apenas a memorização de informações a servido da exploração de mão de obra. Freire propõe uma educação libertadora, onde o aprendizado é um processo ativo e dialógico. Nesse modelo, os estudantes são incentivados a questionar, refletir e participar ativamente do processo educativo. Isso se alinha com a visão de Cerletti (2007), que sugere que a Filosofia deve ser ensinada de maneira que envolva os estudantes de forma significativa, permitindo-lhes explorar e desenvolver suas próprias ideias.

Aliada a luta para manter a institucionalização da filosofia nos currículos escolares é importante repensar e revitalizar o ensino dessa disciplina. Em vez de

²¹ Boaventura de Sousa Santos trouxe à tona um conceito crucial para entendermos como o conhecimento é produzido e valorizado em nossa sociedade. O epistemicídio destaca como as contribuições culturais e sociais de muitos povos são sistematicamente marginalizadas ou apagadas pelo saber hegemônico ocidental.

tratar a Filosofia como apenas mais um conteúdo a ser absorvido, podemos buscar maneiras de integrá-la de forma que promova a reflexão crítica e o desenvolvimento pessoal. A luta pela inclusão e permanência da Filosofia nas escolas é essencial para democratizar o acesso a esse campo do saber, que historicamente foi reservado as elites.

Quanto a Filosofia para crianças o norte-americano Matthew Lipman, na década de 1970, foi pioneiro ao propor o Programa de Filosofia para Crianças, que visava desenvolver o pensamento crítico desde cedo. Lipman²² acreditava que as crianças têm uma capacidade natural de se maravilhar com o mundo, semelhante à dos filósofos, e que essa capacidade deve ser cultivada através de uma educação reflexiva e investigativa.

No livro “Philosophy in the Classroom” (Lipman, 1980) defende que a Filosofia nasceu de Homero que através de suas histórias fez refletir gerações de pessoas, que realizando a tarefa de analisar os dois lados da guerra de Tróia, percebeu que havia mais coisas que poderiam ser analisadas, a justiça, a ética, o saber, sendo alguns dos conceitos que poderiam ser discutidos.

Pensando nisso Lipman se deu conta que as histórias, as narrativas, os paradoxos, entre outros, podem ser a via de acesso ao pensamento, à lógica. Ou seja, é uma maneira de ensinar a pensar, a filosofar através de histórias que foram sendo criadas para falar a língua dos jovens, de maneira até impositiva ele cria então uma rede para ensinar professores a repassar o conteúdo de Filosofia, de Lógica, mais precisamente.

Lipman juntamente com outros autores e autoras criam o Programa Educação para o Pensar através do qual criaram novelas filosóficas, livros didáticos, para ensinar filosofia para crianças. Este programa se organizou na forma de franquias e se espalhou por vários países por meio do qual formava professores para capacitá-los para desenvolver o trabalho de educação para pensar. A perspectiva filosófica de Lipman é pragmatista, de origem liberal burguesa e chegou no Brasil nos anos 80-90 do século XX e teve maior adesão em escolas privadas, pois era necessário comprar o curso e o acesso aos materiais didáticos.

²² Filosofia para crianças: Educação para o pensar (pedagogiaaopedaletra.com)

Walter Kohan, diferente de Lipman, pensa que devemos fazer com as que as crianças pensem conosco, fazer o processo de pensamento emergir com elas é o objetivo, sem regulamentação sobre pensamento bom ou ruim, mas pensamento, tendo em vista o tempo de mundo que elas tem, precisamos de ferramentas que auxiliem no pensamento autônomo, não na reprodução bancária.

Essa maneira de ver a Filosofia, está em Sócrates, através da maiêutica, qualquer um pode filosofar e se Homero foi o primeiro a pensar maneiras de analisar as situações, os conceitos com narrativas, com poesia, porque não poderíamos nos apropriar desse conceito e aproveitar com as crianças, para ver o que elas pensam? Ou ainda mais, usar as histórias, as narrativas que são produto de nossa ancestralidade para pensar nosso mundo, nossa realidade, se estamos na escola para ensinar tudo isso, ao mesmo tempo, podemos nos apropriar dessas ideias e gerar uma maneira humana de ensinar, fugindo do pensamento bancário, indo em direção ao pensamento autônomo, baseado na nossa cultura. Ou nas culturas que fazem parte de nossa existência enquanto seres latino americanos

Freire argumenta que a educação antidialógica trata os estudantes como objetos do conhecimento, em vez de incentivá-los a pensar criticamente e a participar ativamente do processo educativo. Aplicar essa crítica ao ensino de Filosofia para crianças significa criar um ambiente onde possam explorar ideias, fazer perguntas e desenvolver suas próprias respostas, em vez de apenas memorizar conceitos.

Desse modo precisamos pensar maneiras de aproximar o saber das infâncias, com o saber que as filosofias trazem em sua história. De que maneira podemos aproximar esses dois campos que parecem distantes? Para isso, vamos voltar as crianças em sua ânsia por perguntar (Costa, Magda, 2020, p. 75). Elas mesmas, tão simples e tão diretas que fazem parte daquilo que as filosofias fazem. Baseado nisso o trabalho proposto é uma visão particular de como as filosofias e as infâncias podem estar em confluências em nossa prática docente com crianças por meio de suas e nossas narrativas.

Trazer essas possibilidades para a Educação Infantil é mais uma maneira de valorizar as culturas que as infâncias possuem, aquilo que cada criança cria. É permitir que as perguntas tenham voz, para então o ser que pergunta também tenha sua voz.

Infante²³ etimologicamente significa alguém que não fala, mas é também uma categoria social, aquele que não fala ou aquele que não tem permissão de falar sobre si, sobre a escola, a educação a vida. Esta palavra usada para descrever crianças: infância. Tempo daqueles que não falam ou que não lhes é permitido falar. Se não fala, não pode perguntar e se não pergunta não pode filosofar, assim como por muito tempo se disse das mulheres, dos negros, dos povos ancestrais. O mundo mudou, os chamados *outros* vem questionando esses poderes, apresentando outras perspectivas. Fazendo pesquisas, falando por si mesmos. Ouvir o infante é tirar ele da condição de subalterno e colocar na posição de ser humano, com suas escolhas e história.

Cuidar para que todos sejam ouvidos deveria ser o caminho da sociedade democrática. Na escola estamos aprendendo a lidar com isso. Assim precisamos aprender qual a nossa voz, o que desejamos, precisamos ser ouvidos, entender que nossos direitos e deveres, nos permitem sermos seres. E valorizar o pensamento de cada ser humano é um processo intercultural, um *quefazer* que nos propomos desde a infância, sem pestanejar se isso é uma tarefa difícil, ou que precisa de muito trabalho para ser posta em prática.

Essa prática é fundamental para criar um ambiente onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas. Vai além de simplesmente ouvir; envolve prestar atenção genuína ao que o outro está dizendo, reconhecendo suas perspectivas e respondendo de maneira que demonstre compreensão e respeito. A ideia de círculos de diálogos inspirada por Paulo Freire, é um dos caminhos que pratico com as crianças. Essa abordagem promove um espaço onde diferentes saberes, vozes, pensamentos são valorizados e integrados. Em vez de apenas dar um espaço para falar, é sobre criar um ambiente contínuo de troca e aprendizado mútuo.

Se trata de criar espaços para experiências de pensamento, onde o ser humano em questão precisa se sentir tocado pelas perguntas que os seus colegas fazem ou apresentar alguma questão que para ela é de suma importância e que o incomoda. Criar espaço é do escopo dessa pesquisa, muitas vezes esse espaço não é exatamente um círculo, mas pode se dar em outros tempos e lugares, como no brincar, desenhar, ouvir uma história. A filosofia se nutre desses momentos, dessa troca, por que não permitir que as crianças tenham acesso a esse modo de *quefazer*?

²³Áries, Philippe; História Social da criança e da Família; 2ª edição; tradução: Flaksman, Dora, 1986.

2.1 Filosofia na Educação Infantil

É comum afirmar que a Filosofia e as Infâncias têm em comum a ânsia em perguntar o porquê das coisas, a curiosidade com relação ao mundo etc. Isso é um começo, entretanto, percebo que ao longo do processo é necessário construir consistência no perguntar e gerar perguntas cada vez melhores. A acolher a voz das infâncias, que precisam ser ouvidas, é também uma experiência de filosofar sobre a docência que pode ser sempre reavaliada, repensada:

Mas do que se trata quando se fala em juntar a filosofia e a infância? A resposta é demorada, mas comecemos pelo princípio: pela pergunta. Assim tão simples e assim tão complexo: grande parte do trabalho da filosofia com crianças consiste na atividade de fazer (e convidar a fazer) perguntas. (Costa, 2020, p.76)

Permitir que as crianças mostrem o que sabem, ouvir seus pensamentos e dessas conversas gestarem perguntas e perguntas, talvez algumas respostas apresentando outras possibilidades, interagindo com saberes e conhecimentos presentes na coletividade da sala de aula. As perguntas são caminhos que usamos para direcionar a curiosidade, criando mosaicos de pensamentos diversos, uma práxis que coloca o conhecimento como algo que deve ser buscado não pela sua utilidade ou pela resolução de algum problema técnico, sim por tudo isso e mais, pelo prazer de buscar o saber, assim como na Filosofia e seu amor pelo conhecimento surge como *philia*, um amor que não é apenas desejo, mas algo constante e que aumenta conforme vamos amando mais, assim buscar o saber é, sempre querer mais, e nessa necessidade de conhecer, vamos nos descobrindo e percebendo o mundo.

Logo repetir informações de filósofos, não nos interessa. O tempo é de praticar, de criar atividades que permitam que exista o brincar com as ideias, com as perguntas, mostrar que as questões são importantes, porque somos seres curiosos. Sendo assim, o fundamento da filosofia em confluência com as Infâncias é o brincar. Brincar com o pensar, com as palavras, com o desenhar, o corpo, com os espaços e os resignificar. Brincar tem sentido ontológico, não somente lúdico ou de entretenimento.

O pensamento necessita de esforço, tempo, disposição em conhecer em seguir a curiosa pergunta que nos aflige, e nesse tecer de possibilidades nos

formamos e transformamos aquilo que julgamos ser relevante. Do cultivar no sentido antigo²⁴ é que falamos, não apenas cultivar como um ídolo e seguir nos mesmos caminhos, mas de criar, fazer mudar, transformar aquilo que necessitamos.

Experimentar é uma das coisas que as crianças mais gostam, estar atentas a novas maneiras de executar, agir, fazer as atividades, o encantamento está no agora, é nele que existimos, sentimos e pensamos, nem apenas no futuro ou no passado. Mas no instante mágico onde tudo acontece, onde decidimos para onde ir, ou aquilo que fazer, as crianças existem nesse instante.

Vivendo em um tempo diferente, as crianças nos proporcionam respostas que não são comuns. Muitas vezes apresentam com seus pontos de vista diferentes, outros olhares para as mesmas coisas, seu apreço pelas pequenas coisas permite que vejam mais coisas na paisagem cotidiana, um processo que enquanto professor filósofo devo estar atento.

Aquilo que ficou registrado são algumas produções gráficas, com ideias que vão desenvolvendo ao longo do tempo, são desenhos nos quais representam suas maneiras de ver o mundo e aquilo que lhes interessa naquele instante²⁵. Suas habilidades técnicas não são o objeto da avaliação, mas sim o conceito, as ideias que produzem com aquilo que sabem.

Conversar sobre o que estão desenhando, ao mesmo tempo que se escreve aquilo que pretendem é um passo que muitas vezes é associado apenas a alfabetização, mas vejamos, ouvir o que o outro desenha também faz parte da Filosofia e se chama Estética, ver uma obra de arte e se perguntar o que é aquilo o que representa não é apenas um processo pedagógico, mas humano. Pois se não há perguntas que uma obra nos cause, para que iremos vê-la? Se a pergunta se a Monalisa está ou não rindo não houvesse, que interesse haveria naquela pintura? Perguntar o que desenharam faz parte do processo estético onde vão desenvolvendo suas habilidades ao mesmo tempo que vamos mostrando que podem se permitir realizar.

²⁴CÍCERO, M.T. Discussões Tusculanas [online]. Traduzido por Bassetto, Bruno Fregni. Uberlândia: EDUFU, 2014.

²⁵Freire, Paulo, Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra / Paulo Freire, Donaldo Macedo; Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

O apreço que Walter Benjamin fala sobre os detritos na infância pode ser colocado sob a égide da imaginação. Para as crianças imaginarem que aquilo já foi parte de outras coisas, é brincar com a realidade, jogar com os conceitos, com as palavras, na medida em que tudo faz parte de outros conjuntos, sempre há esse movimento e isso é impressionante para qualquer um que se deixa arrebatado por esse conceito. Qualquer objeto pode ser uma obra de arte, ou pode se transformar dessa maneira, desde uma pedra da rua, até um pedaço de galho, ou uma folha caída de uma árvore, ou um pedaço de madeira que antes era uma casa. São muitas as possibilidades desde que estejamos preparados para deixar a arte ascender nossa existência, o que para as crianças é tema cotidiano, sempre estão prontas para fazer arte, seja ela bagunça, ou usar os materiais artísticos que a pedagogia preconiza.

Isso mostra que os temas não são díspares, apenas nos permitem sentir melhor o quadro geral da situação, ou dos objetivos que validam as maneiras de organizar e agir do ser humano. Por isso precisamos ouvir melhor o que a Filosofia e a Pedagogia de maneira ampla tem a dizer, assim como permitir que aqueles que são a finalidade de todo esse processo que são as novas gerações aprendam a viver no mundo, sejam ouvidas, sejam vistas como sujeitos de direitos e não apenas como objetos de intervenção pedagógica.

Nossa ideia não é revolucionar a maneira como se ensina ou como se pratica a filosofia, nem a Educação Infantil, longe disso. É apenas perguntar se há outros caminhos, se existem outras possibilidades para realizar esse processo e auxiliar a minha prática em sala de aula. Assim como nas possibilidades que essas ideias podem trazer para as crianças, o que é mais importante, permitir que elas e eles tenham o espaço de qualidade, ou um tempo em que possam pensar e criar suas próprias experiências e memórias.

2.2 O Desafio de aproximar as Filosofias e as Infâncias

O que é a educação infantil de que estamos falando? Seria apenas mais um tempo em que os conteúdos que o currículo da escola pública se faz presente? Que tipo de tempo e espaço é esse onde as pessoas vão aprender, mas que tipo de aprendizado seria esse? É o tempo do cuidar e do educar. Não apenas ensinar coisas, informações, mas cultivar certos hábitos e costumes. Para esta escrita iremos nos concentrar em hábitos como: Ouvir o que o outro fala, expressar suas opiniões argumentando, experimentar uma nova ideia, ir atrás de uma informação, desejo, emoção etc. Pesquisar em diversas fontes, sejam adultos, crianças, o mundo, e muitas outras possibilidades. Questionar as coisas que existem ou que sentem a necessidade de perguntar. Dar vazão a todas as perguntas.

Na educação Infantil temos por obrigação trabalhar de forma Integral a criança que chega nos CMEIS:

A educação integral tem como propósito a formação e o desenvolvimento global dos estudantes, compreendendo “a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BNCC, 2017, p. 14).”

Educação Integral, tem muitos sentidos. Mas vou me concentrar em um modelo de formação que busca o saber e o cuidar, deixando o corpo falar, assim como as perguntas. Dando possibilidade para que diversas formas de expressão sejam postas na mesa. Pode ser desenho, dança, fala. E por isso iremos adentrar no tema das narrativas. Narrar é basicamente falar, isso as crianças podem fazer, e podem também escutar, ter atenção a um relato, por isso é a maneira que foi escolhida para que as crianças expressem suas ideias e pensemos juntos, professor e alunos.

Pensar as narrativas como um caminho em que a Filosofia poderá acontecer na Educação Infantil, é um processo que vem acontecendo ao longo do trabalho, se no início temos a pergunta se seria possível as crianças filosofarem e com assertiva podemos dar início a outra pergunta, como seria esse processo de filosofar, através da escrita seria de grande dificuldade, mas através da fala, do desenho, da conversa, da dança, seria um caminho pelo qual as crianças iriam ter acesso a algumas perguntas, como por exemplo para que ir à escola, que tipo de escola querem,

passando por perguntas que fazem no dia a dia, sobre porque o tempo é assim, porque o sol é da cor que vemos, porque o mundo é do jeito que é, porque não podem brincar sempre, porque não podem comer o que desejarem, porque tem que seguir algumas regras de convivência, etc.

Argumentação através da fala e o círculo de cultura (Freire, 1987), onde as crianças aprendam a ouvir e argumentar é uma maneira de agir, de *quefazer* que permite que as crianças aprendam a pensar sobre o pensamento, filosofar, assim como aprendam a ouvir e argumentar, não é um processo que se encerra em si mesmo porque se criam as condições de possibilidade de pensar por si próprio que irão resultar lá na frente em outras atitudes. É um tempo do pensar, do analisar e isso carrega um ensinamento que usamos para a vida toda, para nossa formação. É um espaço possibilita apresentar questões, sem medo de serem rispidamente acusadas de estarem incomodando. É saber que existe o pensar através de erros e acertos que vamos construindo ao longo do tempo, e, que muitos pais e professores ocupados não permitem que as crianças tenham suas dúvidas. Suas perguntas são incômodas, assim como as filosofias questionadoras.

A BNCC apresenta algumas diferenças entre as crianças na aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil. Conforme os grupos de faixa etária: bebês de 0 a 6 meses de idade, crianças bem pequenas de 1 a 3 anos e 11 meses de idade, crianças pequenas de 4 a 5 anos e 11 meses de idade. Esses tempos, são generalistas, ou seja, são uma base pela qual podemos inferir no processo de ensino no qual eles estão inseridos, serve como marco para os desenvolvimentos que em sua maioria possuem de maneira semelhante. Mas nem sempre ao mesmo tempo, alguns levam um tempo maior, ou menor, alguns tem mais facilidade com isso ou aquilo, ou seja, são seres humanos com suas facilidades e dificuldades.

Quais as confluências entre a minha formação em filosofia e a prática docente? Que tipo de convivência e aprendizado com as infâncias possibilita uma escola de qualidade e democrática? Onde todas e todos possam ter sua voz e sentir-se parte da comunidade, não apenas como meros espectadores, mas como narradores de suas histórias? Assim como existe a Filosofia analítica e a existencial, uma Filosofia Platônica e outra aristotélica, podemos nos colocar como praticantes de uma Filosofia da ou com as Infâncias?

Praticar filosofia não é questão de idade, mas de seguirem as perguntas e das respostas formularem outras perguntas podemos pensar que isso se aplica a

todos. Com a valorização das vozes, seja da infância, seja de mulheres, negros, povos tradicionais democratiza-se o direito a liberdade de ser e de pensar. Desde as infâncias é um bom começo.

Nossa região, a do contestado, há um amálgama de pessoas em situação de opressão, podemos perceber que são pessoas que não tem voz ativa na sociedade na qual fazem parte e isso se reflete na maneira como é conduzida a educação de seus filhos e filhas, não permitindo o espaço para a expressão de perguntas, ou sentimentos, ou ideias. A imposição da luta pela sobrevivência, o passado colonial, as várias opressões que acontecem no cotidiano, que no final não permitem o tempo para que adultos escutem seus filhos. Em meu cotidiano, criar espaços de acolhimento e de escuta é um modo de resistir, de criar boas experiências e boas memórias com as crianças.

O processo de esquecimento das agruras do passado, se torna um problema quando a escravidão, por exemplo em que o Estado “esqueceu” de sua responsabilidade em garantir direitos aos negros “recém-libertos”. No Brasil o Estado sempre foi violento com os pobres, marginalizados desde a invasão dos europeus. Pois os que aqui viviam foram “esquecidos” em função de uma história oficial de descoberta, ora, já havia pessoas aqui, logo, não houve descoberta e sim uma invasão e o esquecimento do Outro (Dussel 1993) do Indígena e do Negro é a regra. Contra esse modo de esquecimento precisamos lembrar, narrar, pensar, imaginar, para aprender com os erros do passado e enfrentar o futuro. Então a necessidade de expressar ideias, não é apenas pelo conhecimento, mas também, pela força política que isso implica, pela estética das mais variadas formas de expressar o que sentimos e pela ética que permite acontecer, onde todos os seres humanos precisam ser respeitados.

O passado e o presente são intuições nossas. Sempre que desejamos compreender o que acontece hoje, vamos ao passado, aquilo que aconteceu, há fatos que precisamos perceber antes de dizer que conhecemos realmente um fato histórico, qualquer que seja. Para entender como chegamos no fato de que há creches, por exemplo, precisamos voltar ao passado e perceber as mudanças, os acontecimentos que foram sendo pensados e realizados por muitas pessoas ao longo de muitos tempos e espaços, não é apenas ver o CMEI e dizer, há um lugar onde se pode deixar as crianças. Esse realismo pueril não serve para quem procura fazer uma pesquisa séria, realmente, porque para cada acontecimento há outros que

se juntam e dão sentido, assim como contar uma história, não é apenas relatar o que aconteceu o que se disse, mas produzir sentidos em conjunto com outras pessoas para entender o que se passa e criar perspectivas de ação. Poderia dizer que isso em partes é uma dialética histórica. Por isso precisamos comunicar as crianças as histórias que fazem parte de nosso arcabouço cultural, para que tenham saberes iniciais de como a nossa sociedade foi sendo criada e como sendo construída com esses elementos criou o que somos hoje.

Uma imagem que permitiria às pessoas perceberem as tradições e como elas permitem ou não suas liberdades, suas percepções de mundo. O messias, ainda segundo essa passagem, vem como o salvador e como aquele que vence o anticristo, que poderíamos caracterizar como os seres que desejam a morte, a fome, a guerra e a falta de esperança nas pessoas, para realizar os desejos de alguns poucos. A repetição de ações, de histórias, de situações, através da mimesis do brincar, resulta em uma formação plena, os aspectos vão sendo desenvolvidos pelas crianças, que não se relaciona apenas com a idade cronológica, pois estamos sempre brincando, inventando, mesmo que enquanto “adultos” tenhamos a impressão de não haver mais espaço para isso pistas de como apreender as perguntas das crianças.

A história falada é um registro que a escrita não consegue abarcar. Podemos realizar uma descrição detalhada do que está sendo dito, mas não podemos descrever completamente certos sentidos que apenas nos trejeitos, nos olhares podem ser compreendidos. Falar e escrever são coisas completamente diferentes, não por qualidade, mas por serem registros da realidade de outro modo, assim como um alfabeto é diferente de uma escrita através de símbolos. Essa é uma discussão muito complexa, cheia de nuances e autores díspares, o que nos interessa em tudo isso é saber que estamos validando a fala, a oralidade não como um meio menor de saber, ou porque as crianças não escrevem então optamos que falem. A fala é um meio de expressão tão importante quanto a escrita.

Outro ponto a se destacar são experiências passadas oralmente entre as pessoas têm se perdido, não aquelas através do vídeo que vemos nos canais de diversas plataformas, pois é algo sempre editado, mas sim a volta da conversa entre as pessoas que existem em um mesmo lugar, depois da pandemia isso piorou, uma geração que se concentra nas telas, mas não sabe escutar o outro, pessoas que ficam caladas durante horas e horas rolando a tela do celular, rindo ou chorando

sozinhas, sem comunicar-se com aqueles que existem no mesmo espaço em que estão.

E essas crianças são o fruto dessa falta de conversas, aqueles que tem pais mais falantes fica nítido a sua desenvoltura nos encaminhamentos escolares, já os outros que tem pais que conversam pouco com eles, aquela conversa boa, que tem histórias, tem experiência de vida, tem informações, tem cuidado e amor ao outro, são mais confiantes no que sabem e naquilo que podem aprender. Não é por acaso que a psicanálise tem como método de pesquisa a conversa é através dela que conhecemos o outro ser humano e quando isso é mediado por um aplicativo perdemos muitos sentidos que a linguagem humana possui, pois o corpo, o som da voz, os gestos, os olhos, são muitas as coisas que analisamos quando conversamos com alguém, se aquilo que falo é verdadeiro ou não, ou se aquilo incomoda.

A frase lapidar de Benjamin precisa ser inserida: “porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência da estratégia pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes” (Benjamin, 1987, p. 198). Essa experiência que sente falta Walter Benjamin, poderia ser pensada atualmente com toda a facilidade em tempo de pandemia e uso intenso de telas. O contato com os seres humanos se tornou mais distante. Não há mais o tempo para estar à disposição de algo, para encarar o outro, mas sempre para julgar o outro.

Até agora os seres humanos precisavam estar no mesmo espaço para conversar, com as redes sociais e as reuniões online tudo isso perdeu um pouco do seu momento, não porque não precisamos mais disso, mas porque queremos acreditar que não precisamos e que atrás do aplicativos e das plataformas podemos esconder o que somos do outro, porque ao longo do século XX e XXI fomos esquecendo que as experiências que acumulamos com os outros seres humanos são essenciais para nos tornarmos seres existentes, pois sem o outro não existimos. Estamos cada vez mais pobres de experiências comunicáveis.

Um problema na frase de Benjamin é que esses soldados que voltaram dos campos de batalha não eram os filhos daqueles que tinham tempo de ouvir o que tinham para contar, eram filhos de trabalhadores e trabalhadoras que na guerra foram obrigados a se apresentar e lutar pelo seu país, e tinham por obrigação realizar o seu trabalho, ou seja obedecer os superiores hierárquicos, não foram criados para questionar ou para contar histórias, como o Ulisses da Odisseia, foram

ensinados desde pequenos a escutar o que o chefe fala, seja ele o pai ou o líder, e aceitar que não possuem voz. Aquele momento de contação de experiências se perdeu porque não ensinamos mais a contar histórias, mas sim a obedecer e a contar fatos, no dia que aconteceu isso e aquilo, na hora que foram esses os acontecimentos, como um computador que apenas repete o que já se sabe, sem nenhuma impressão nova, ou perspectiva.

Sendo assim, como contariam suas histórias se não sabiam como vocalizar aquelas experiências que haviam sofrido? Outro aspecto é que o autor denuncia que diante do trauma o silêncio comunica, expressa o indizível, o incomunicável. Como uma criança vai aprender a contar sua história, a ter liberdade de falar e ouvir se o que aprende é apenas a ouvir e rolar a tela que lhe oferecem? Se uma criança aprende desde cedo que tem que matar seus inimigos, como temos a audácia de exigir humanismo delas? Se elas foram condenadas pelos pais, avós e terceiros a pensar e penar de uma maneira, levarão muito anos para perceberem que a vida de morte não é a melhor, e podemos pensar das crianças do Contestado, o que aprenderam com todas aquelas mortes? Apenas que quem tem poder de fogo manda, e que não tem obedece. Não há espaço para o pensamento e a experiência comunicável diante dos horrores do mundo.

Como as crianças serão bons narradores no futuro, relatando suas experiências sobre a pandemia por exemplo se aprenderam que devem calar e rolar a tela apenas? Se aqueles soldados tivessem alguém para ouvir suas histórias, o saber envolto nos horrores da guerra poderia não permitir que outras se formassem apenas pela cupidez humana, seja pelo dinheiro, terras ou um pretense poder sobre os outros humanos. Mas não havia tempo para isso, para entender tudo aquilo, o que importava era voltar à normalidade que os culpados fossem julgados e presos, por outros poderosos, e, tudo continuaria como estava, o que não aconteceu, porque depois de qualquer experiência, nós somos diferentes e tudo que antes fazia sentido acaba perdendo seu significado.

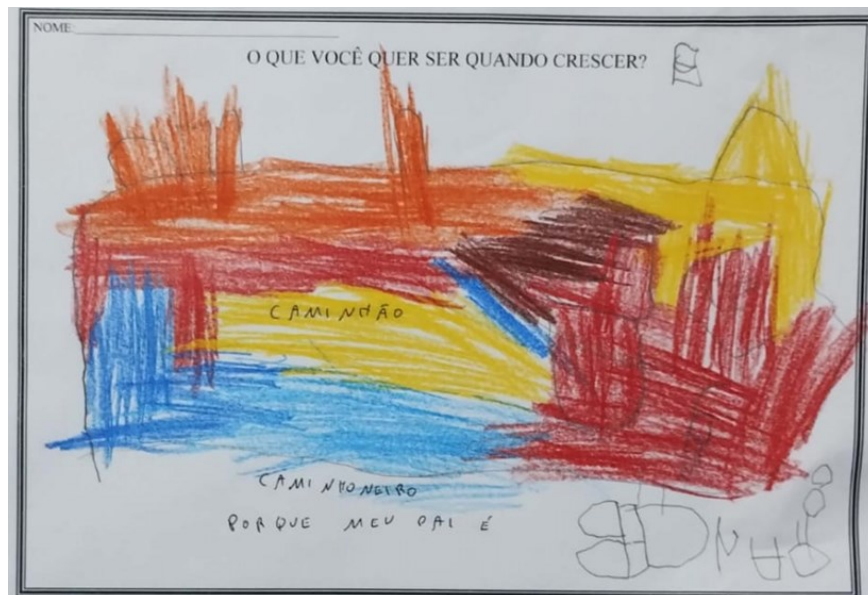
Assim como a pandemia mudou alguma coisa dentro de nós que ainda não sabemos. Precisamos escutar o que as crianças e os outros falam, não para transformar tudo em um mundo maravilhoso onde todos serão felizes, mas para gerar a *catársis* que uma boa história deve causar. Algo comum no pensamento, e

que bell hooks apresenta bem no seu texto “A teoria como prática libertadora”²⁶ (2013).

Basicamente ouvir e conversar sobre os temas que aparecem nas histórias que iremos contar. Histórias da nossa região, escolhemos essas para que conheçam um pouco de sua realidade, para conhecer aquilo que nos formou enquanto comunidade. Pois de nada adiantaria falar em geolocalização, sem contar primeiro as histórias de nossas paragens.

Para narrar isso fique trago abaixo um desenho de uma criança sobre o crescer e a importância dos pais, da comunidade no pensamento de um ser humano que está a cinco anos no mundo:

Figura 9
Imagem do autor



O que podemos imaginar com este desenho? O que ele comunica? Essa criança está sempre falando de seu pai caminhoneiro, as vezes esquece a mãe e diz que não quer ser igual a mãe, a imagem que deseja é de ser outra. O que não o impede de fazer coisas pela sua mãe, como da vez em que desenhou de um lado caminhões e do outro chocolates e outras coisas para a mãe. Podemos questionar a imagem que tem da mãe, mas podemos apreender como percebe o mundo, não porque está na TV que deveria ser assim ou daquele jeito, mas porque os pais como

²⁶ Hooks, bell, Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade, Martins Fontes, São Paulo, 2013.

presença humana permitem que pense a sua realidade e se projete neles, os adultos como referências. Sem essas interações com outros humanos, que tipo de pessoa seríamos? Que tipo de humanidade seríamos se não pensássemos em comunidade? Seria uma onde cada um iria lutar pelo seu lugar ao sol e esquecer todos os outros? Um mundo onde o que importa é o ter, o poder, não o humano? Isso tudo provém de um tipo de sociedade que é a capitalista, onde o que importa é ganhar dinheiro, mesmo que isso signifique destruir o mundo onde existimos. Para isso precisamos pensar em comunidade. E podemos nos inspirar em um tipo de formação social que perdurou por milhares de anos.

Comunidade que se inspirando na Filosofia Ubuntu²⁷, onde um ser humano não existe sem o outro e as crianças são o elo que une a tradição e o novo, não apenas como alguém que precisa aprender a viver no mundo, mas como alguém diferente de tudo que já aconteceu, não são adultos em miniatura, são seres novos que vieram para o mundo através de seus ancestrais e não como um novo objeto para que os pais tenham. As crianças não são a propriedade de ninguém, mas seres humanos que existem, que tem suas existências atreladas a suas escolhas, que eles ainda estão aprendendo a lidar, testando, analisando, olhando, pensando e sendo moldados pelo ambiente material e social que os cercam.

Essa comunidade de seres humanos que fomos criando ao longo dos séculos, não deveria lutar entre si pela sobrevivência, todos podemos conversar e pensar um meio onde todos pudessem sobreviver tranquilamente com o que temos e até criar outras possibilidades. Entretanto, por muitos anos os mais fortes se sobrepuseram aos outros, criando uma disritmia entre o que todos querem e o que todos precisam. Todos querem sobreviver, mas todos precisamos viver no mundo, somos animais raros no universo, vida que ainda não achamos em nenhum outro lugar, para que toda essa ânsia em nos destruir? Se somos mais fortes em algumas coisas, outros são melhores em outras, não há a necessidade de matar uns aos outros, poderíamos viver em paz, ou pelo menos sem ninguém morrer por um pedaço de terra, ou pedaço de metal dourado. Mas são anos de um mercantilismo descarado, logo, para mudar esse cenário iremos precisar de muitos anos e pensamento, usando a lógica, o pensamento, tudo que podermos a favor da comunidade e não de

²⁷ Flor do nascimento, Wanderson, Entre apostas e heranças. Contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil, NEFI Ed. 2020.

alguns poucos. Porque precisamos uns dos outros e se isso não acontecer o genocídio climático que se avizinha, irá retirar a humanidade da face da Terra, independente de sermos bilionários ou não.

Falar de comunidade e infância implica em pensar, como que se dá a transferência de informações entre as pessoas? Essa pergunta se relaciona com a memória, para sabermos o que se passou, ou algo que há muito se sabe, para isso usamos a memória, que pode ser impressa, em vídeo, foto ou falada. Por muitos anos foi o meio pelo qual os saberes eram socializados, com todos aqueles que não sabiam, para isso se utiliza de várias maneiras, uma delas é a narrativa.

Comunidade e infâncias em nossa experiência fazem confluência com a memória de que a filosofia é uma prática comunitária e contextual (Fornet-Betancourt, 2004). Filosofia é saber memorial, portanto, aproximar infâncias com a filosofia é rememorar e criar memórias, articular pensamento e vida.

A humanidade enfrenta complexos desafios em nível global e é preciso compreendermos que agir localmente, desde nosso cotidiano, em nossas escolas e CEMEI's pode contribuir para que estes espaços sejam formadores de pensamentos, de valores e sentimentos solidários em relação à vida. Nosso espaço de trabalho possibilita intervir no mundo. Um aspecto que considero relevante é a necessidade de desconstruir filosofias antropocêntricas, consumistas que induzem práticas sociais atuais. Como professor sei que posso dialogar com o melhor de nossas tradições culturais – negra, indígena e de outras etnias que compõem a nação brasileira – valores distintos daqueles que moldaram uma história de apropriação privada, dominação e controle sobre a natureza, produzindo desequilíbrio ambiental, desigualdade social e sofrimento psíquico.

Educar crianças é uma grande responsabilidade e o tempo presente nos convoca a repensar nossas relações com o planeta, entre nós mesmos e demais seres, entre cultura e natureza, deixando de pensar pessoas e natureza como recursos, mercadoria. A dimensão global de crise social e ambiental expressa os perigos que ameaçam a vida no e do planeta. Não existe um único modo de ser e estar no mundo, a pluralidade de possibilidades para o bem viver precisa ser dialogada e escolhida:

Sabemos que a Terra é um ser vivo que assegura a sobrevivência dos seres humanos e de todas as espécies que nela habitam. É esta compreensão que permite respeitar e celebrar o seu caráter sagrado, resistindo a que seja transformada em matéria-prima morta para a economia industrial (MIES, SHIVA, 1997). Sabemos também que a felicidade não é uma mercadoria! Ela pode estar nas rodas de conversa, na contação de histórias, no plantio de uma horta, em práticas que afirmam a criatividade e o fazer junto, em atividades que estão voltadas para o cuidado das pessoas, das sociedades e da natureza. Por isso, alegram os corações, alimentam sonhos, desencadeiam utopias. (Tiriba, 2010).

Filosofias e infâncias na educação infantil são oportunidades de criar comunidades educativas em prol de outro mundo possível reprimendo a ser adulto/professor.

2.3 Brincar com a Memória

Para início de conversa cito aqui Wanderson Flor do Nascimento:

Mais do que a pressuposição de que as crianças são folhas em branco que podem ser preenchidas com o que a comunidade quiser, há a percepção de que elas são a própria expressão desse tempo passado e, portanto, carregam o dever de atualizar essas narrativas (Nascimento, 2020, p. 59)

A memória que citamos aqui não é a capacidade de lembrar informações, mas uma capacidade humana de usar as informações que possui de sua experiência de vida para dar um significado, um sentido a sua existência. Nosso lugar de fala, nosso lugar no mundo interfere sobremaneira nessa narrativa que construímos e que vai muito além de apenas relembrar fatos e narrar com coesão e coerência. Não é apenas linguística, ou gramática, mas um sentimento com relação a vida.

Falar de memória com as crianças é perguntar o que lembram, aquilo que pensam, não é uma tarefa para duas ou três horas por semana, mas uma atividade que precisa ser pensada sempre, usar a memória não é apenas chegar ao conhecimento adquirido ao longo do tempo, usar essas memórias e depois passar para o próximo, como se fosse uma lista de tarefas que precisa ser realizada, ou como em uma daquelas fábricas antigas onde cada um tem sua função e a obrigação é lembrar qual é, não, memória é aquilo que nos torna pessoas, sujeitos de saberes, deveres e direitos.

Quando pergunto para as crianças o que era memória não sabiam muito bem como explicar, quando perguntei do que lembravam falaram de quando eram bebês, lembraram do jogo da memória que usamos para praticar uma atividade, perguntei o que gostavam mais de serem bebês ou de serem mais velhos a maioria respondeu que gostava de ser bebê para poder brincar, aqueles que preferiam ser mais velhos gostavam porque poderiam brincar, mas de outras maneiras. Para elas a memória, o lembrar das coisas não é um problema, porque estão vivendo no tempo aiônico, para elas o problema é que horas podem brincar, até entendem que precisam fazer a atividade para seguir os ritos que os adultos inventam, mas seu desejo mais intenso é brincar, sua vontade está em brincar, realizar livremente suas atividades, imaginar mundos e criar narrativas.

O lúdico, como modo de aprender e viver ainda é uma ideia que não está presente no cotidiano das pessoas que trabalham nas escolas, ainda o paradigma da escola tradicional, onde as crianças precisam ao menos repetir alguma coisa que os adultos ensinam, é o desejo de pais e alguns professores não se preocupam em fazer uma avaliação diferente daquilo que as crianças, sabem, não perguntam o porquê aprender isso ou aquilo.

Nascimento ainda, nos apresenta um conceito de memória, ou do trabalho que precisamos desenvolver com todos:

Como em expansão estão as crianças, em expansão está a memória, não por acumular mais dados do passado, mas por sempre rearticulá-los recriando, nas narrativas, um sentido sempre diverso em torno do já vivido. Não se trata, propriamente, de reinventar, mas de visitar a história, percebendo o mesmo cenário desde outros encontros, de modo que a memória se apresenta como um palco de um outro-mesmo e de um mesmo-outro que se encena sempre que uma história é contada, ouvida, sentida. (Nascimento, Wanderson flor; 2020, p. 60)

A memória é um processo relevante que envolve o permanente ressignificar a vida, não se trata de preencher vazios, mas de tornar lembranças significativas e mesmo reinventar sentidos ao vivido, mostrar caminhos, questionar, reviver experiências com a palavra. Memória é direito, pode ser individual como coletiva. Ouvir narrativas de memórias de outras pessoas nos modifica, podendo contribuir para existimos de forma melhor.

A filosofia é um saber memorial (Fornet-Betancourt, 2004), portanto, é relevante nos perguntarmos que memórias preservamos na filosofia. Ao pensarmos sobre confluências entre filosofias e infâncias torna-se imperativo ético, político e epistemológico refletir sobre que filosofias e quais infâncias.

Narrativas levam para o seu cotidiano, quaisquer coisas servem para inventar alguma história, pequenos pedaços de massinha de modelar, viram muitos objetos, alimentos etc. Tudo para poderem brincar, usar as coisas que tem acesso para criar outros mundos, ou inteira-se de suas ideias:

Não se trata apenas de um caminho para assenhorar-se de terríveis experiências primordiais mediante o embotamento, conjuro malicioso ou paródia, mas também de saborear, sempre de novo e de maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias. O adulto, ao narrar uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início [...] a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (Benjamin, 1987, p. 253)

Brincamos com a memória, o lembrar e o esquecer, relatar, ouvir novamente as mesmas histórias, para o deleite das crianças, relembra as passagens marcantes, não para entender melhor, mas pelo prazer de ouvir de novo aquilo, de ouvir o rugido do lobo antes de atacar a chapeuzinho, de dançar novamente as mesmas músicas. Narrar, brincar com a memória é deixar que o prazer de viver, de contar uma história, de dizer uma piada, ou falar alguma coisa que pensou, novamente e de novo e de novo. Não apenas para lembrar as coisas do passado, mas para sentir os sentimentos atrelados aquilo e não esquecer, não deixar que as nossas histórias se percam no mundo.

Entretanto, a forma como temos pensado o tempo, a infância e a memória, no Ocidente, são carregadas por uma via de mão única que não deseja permitir que outras vias sejam vistas. Não sendo a única forma válida de imaginar a passagem do tempo e sua relação com a Infância. Continuando com o texto de Benjamin:

Ele decorou seu discurso, vai repeti-lo uma vez mais. Seus ouvintes sabem disso tão bem quanto ele. E o mais interessante para eles é ver como ele vai afinando e enriquecendo suas histórias com variações, ou de outras vezes, apresentando alguns trechos destacados com a mesma entonação e a precisão de um gramofone. (Benjamin, 2018, p. 14)

As narrativas, estão cheias disso, muitas vezes aquela história que ouvimos mais uma vez apresenta outras coisas, outros sentimentos e saberes, que na primeira vez não notáramos, muitas vezes outras versões conduzem a histórias completamente diferentes e apenas são importantes porque são passadas de geração para geração. A cultura não é uma coisa que podemos seccionar e imaginar que podemos levar para outro lugar facilmente, uma história que contamos para outros povos vai ter uma outra dinâmica. Podemos imaginar que contar a mesma história sempre é a mesma coisa, mas já sempre é outro momento, outro estado de espírito, outras pessoas, mesmo que as mudanças sejam imperceptíveis, ou que muitos não possam perceber, mas cada dia é diferente, mesmo que o sol nasça no mesmo lugar e se ponha na mesma direção. De que forma apenas transplantar as histórias? Elas dependem das raízes que determinada população possui, não é apenas a história, mas as lembranças que temos de quem conta essas histórias, de com isso chega até nós. Até eles.

Histórias são histórias, podemos pensar com elas, podemos apenas sentir o que elas pretendem ou pensar algo diferente delas, mas precisamos de um tempo para aprender, para escutar, para que as confluências se façam presentes. Muitas são as inspirações para essa ideia, uma delas é como a tradição oral promove os saberes necessários através de histórias, de diversos sentidos, assim como na antiguidade não havia essa maneira de tratar o saber como algo técnico, mas havia o cuidado em apresentar as ideias de maneira que fossem belas e formativas. A Paidéia é um bom exemplo, é uma maneira de tratar o saber e o conhecimento que muitas vezes é esquecida pelas pessoas que trabalham em escolas. Apesar de haver muitos estudos que promovem essa maneira de ensinar, seja lúdica, ou através de histórias, ainda é muito esquecido o sentido com que isso acontece na educação como um todo, ainda impera o modo “científico” onde as informações devem ser repassadas para os alunos, em uma educação que Paulo Freire chamava de bancária²⁸.

As narrativas que apresentamos para as crianças são diversos, sejam inventadas com a ajuda deles/as, sem a ajuda, com brinquedos, fantoches, livros, vídeos etc. São caminhos para a Filosofia que tomamos todos os dias,

²⁸Freire, Paulo, Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

rotineiramente. Para os pequenos a rotina é aquilo que forma neles o tempo, não de maneira que sejam obrigados a seguir as ordens da rotina, mas como eixo estruturante, diz a neurociência que estão em um período muito caótico, com milhões de neurônios que ainda não fizeram conexões, com muitos deles morrendo, com a formação da linguagem e de muitos fatores socioemocionais que irão impactar no seu futuro, seja de maneira positiva ou negativa. Precisam assim, da rotina, para desenvolverem uma organização, um planejamento de suas atividades e interações, pois sem planejamento, sem critérios, não podemos conhecer muita coisa. Assim a Filosofia é mais um elemento para que desenvolvam suas ideias acerca da vida e como irão ser reconhecidos em sociedade.

Por muito tempo as histórias que se conta são moralmente boas, deveriam iludir seus sentidos, promover um tipo de sociedade que não pode existir, uma sociedade onde todos seriam perfeitos, isso é uma utopia baseada nas ideias platônicas, podemos concordar que pode ser uma boa ideia, mas, na prática, implica que nenhuma pessoa erraria, e isso não permitiria a experimentação, pois essa maneira de ver o mundo exige muitos erros e acertos, até que a experiência seja tida como tal.

A pobreza da inteligência, reflete as monoculturas da mente que se fez comum com a globalização, uma pequena parcela da sociedade que se denomina elite, mas que precisa das outras pessoas para qualquer coisa, desde fazer suas casas até o alimento que ingerem. Isso tudo é parte do arcabouço ideológico, não de todas as outras pessoas do mundo, as epistemologias do sul (Souza-Santos, 2009) que são discutidas, são um grito da luta contra a opressão epistêmica.

A como monocultura na agricultura empobrece o solo ao limitar a diversidade de vida, um sistema educacional monocultural que valoriza apenas o desenvolvimento intelectual, em detrimento de outras formas de crescimento, empobrece a formação integral das crianças. Nêgo Bispo (Santos, 2023) se preocupa com os rumos dessa globalização, o euro cristão humanista, pretende nos convencer que toda a ideia de globalização é boa que vai render frutos, mas o que vemos na verdade é uma dinâmica onde as pessoas são condenadas a pensar da mesma forma. Quando imaginamos global, não queremos um mundo igual, onde todos sejam parecidos, com a mesma língua, com os mesmos costumes e com as mesmas formas de pensamento.

Queremos diversidade, não queremos unicidade, que nos condena, nós os subalternos a ler o mundo com as palavras dos opressores, queremos, assim como na favela, enfeitçar a língua, usar ela a nosso favor, criar conceitos que nos favoreçam, porque nós temos o direito de pensar, para que esses conceitos possam nos incluir e as crianças precisam de seu espaço, de serem ouvidas para que suas ideias sejam postas em curso, não apenas seguir o que os adultos acham melhor. A importância da confluência de ideias e a necessidade de uma abordagem intercultural na educação e na vida em comunidade. A metáfora da monocultura e a comparação com a diversidade de pensamentos são extremamente pertinentes.

Educação dialógica inspirada por Freire, é fundamental para criar um ambiente onde todos possam compartilhar e aprender uns com os outros. As crianças, com suas perspectivas únicas e imaginativas, têm muito a nos ensinar, e é essencial que valorizemos essas contribuições. A ideia é enfatizar a interconexão e a comunidade, e uma filosofia que possa guiar nossas ações para promover uma sociedade mais inclusiva e justa. A interculturalidade nos desafia a abrir nossas mentes para novas ideias e perspectivas, enriquecendo nosso entendimento e evitando a “aridez” do pensamento único. A ideia de viver nas fronteiras dos tempos e espaços, onde nossas ações podem ser tanto de “crianças” quanto de “adultos”, é uma maneira de reconhecer a fluidez e a interconexão de nossas vidas.

A valorização da comunidade e do pensamento coletivo é fundamental. Os quilombos, são um exemplo inspirador de como a união e a diversidade de pensamentos podem coexistir e prosperar. Nos mostram que é possível criar espaços onde as ideias são discutidas, debatidas e desenvolvidas em conjunto, sem a imposição de uma única forma de pensar. É ótimo ver como as crianças podem trazer questões tão importantes e atuais para a discussão, mesmo em momentos de brincadeira e leitura. Organizamos os tempos e momentos para que as crianças possam expressar suas ideias em um processo de educação dialógica e inclusiva.

Por exemplo, a discussão sobre o papel das mulheres na sociedade, iniciada por uma pergunta simples, mostra como as crianças estão atentas ao mundo ao seu redor e como suas experiências pessoais influenciam suas percepções. Mesmo que o interesse tenha mudado rapidamente para outra história, o fato de terem discutido sobre o empoderamento feminino já é um passo importante.

Conversando com professoras que já estão a mais tempo na Educação, relatam que antigamente as crianças pareciam pensar de maneira mais lenta, um

fantoches, seja um brinquedo. Um pouco, segundo elas, é que não havia tanto acesso a objetos, brinquedos como agora, outro ponto é que as crianças não tinham acesso a muitas informações, apenas a TV era um ponto de acesso, mas, eram crianças que tinham habilidades motoras muito melhores, assim, ao que parece elas perceberam que as crianças de hoje em dia são mais inteligentes, pegam mais fácil as informações repassadas e tem um arcabouço maior de informações, ao mesmo tempo que suas habilidades motoras estão ficando cada dia menos desenvolvidas e não tem muita paciência para esperar. Assim como não aprendem a ouvir o mundo ao seu redor, não tem os pais para ensinar, porque muitos deles estão trabalhando o tempo todo para sobreviver.

O que se percebe como uma falta, é mais uma vez a técnica e seus dispositivos tomando conta da humanidade, se Benjamin (1987) percebeu que as experiências estavam em baixa, depois da primeira guerra, onde os dispositivos que criamos para a vida em sociedade, como a economia, e as máquinas de guerra. Agora temos a impressão de que seremos sugados pelas máquinas, controlados por elas, assim como fizemos com a natureza, que os robôs irão nos ultrapassar e o ser humano será usado como moeda de troca para um novo capitalismo. As atuais gerações têm esquecido, ou não permitido que as narrativas sejam pensadas, tudo é rápido e rasteiro. As crianças ainda não estão presas nesse mundo apressado, apesar de que cada vez mais cedo tem acesso as informações sem tempo de refletir sobre o que recebem. Ainda há tempo de criar hábitos de pensar sobre, o hábito para que desenvolvam suas histórias e que possam através do contato com diversos modos de pensar e agir.

Muito daquilo que nos propomos enquanto ação pedagógica é algo que os mais velhos, nossos avós faziam com as crianças, escutar o mundo, para ler o mundo. Não as informações sobre ele, mas o mundo mesmo, todas as palavras são reflexos das coisas do mundo e voltar ao mundo é natural, para aprender qualquer coisa precisamos estar no mundo para podermos experimentar e criar as experiências sobre o que estamos vivendo.

3. BRINCAR COM A FILOSOFIA E AS INFÂNCIAS

3.1 Algumas possibilidades do Brincar

Brincar. Para que serve o brincar? Essa pergunta, se inscreve no mesmo sentido da pergunta para que serve a Filosofia.²⁹ E deve ser respondida de maneira peremptória. Não serve para nada. Entre as coisas úteis da vida, do mundo e das essências brincar e filosofar não servem para nada. Mas subvertem coisas, jogam com as palavras e brincam com a seriedade/tradição de alguns. Sua utilidade está muito mais em dar um golpe e mudar tudo de lugar, outra maneira de ver as coisas, outros sentidos nas palavras, do que propriamente ser útil. Coisas úteis há demais e uma pedagogia filantrópica (Benjamin, 1987) esqueceu, ou não desejou que o brincar se tornasse o veio pelo qual aprendemos a viver no mundo. Quantos golpes a vida nos legou que precisamos nos esquivar?

Qual o trabalho de uma criança? Como deve proceder em seus dias na face desse mundo que pensa com pressa sobre o que fazer com o tempo livre? Qual a maior obrigação que uma criança tem no seu dia a dia? A resposta é sempre, brincar. Não brincar para aprender alguma coisa, para adquirir conhecimento útil, mas sim brincar, criar, imaginar viver sua vida de maneira brincante.

A colonização nos incutiu traumas e desvios (Rufino, p.52). Se aceita muito prontamente que uma criança deve brincar, mas sempre tem um, porém, brincar para a aprender alguma coisa, por ser útil, brincar para desenvolver suas habilidades. Não brincam porque é divertido. A Filosofia segundo Mathew Lipman (1980) serve para melhorarmos nossos argumentos, nossa fala, nossa maneira de expressar ideias, não é porque nos divertimos com isso, porque gostamos e porque argumentar, ficar em silêncio, esquecer, lembrar seja coisa humana. Esse desejo por ser lógico, é o que seria, para Lipman, a Filosofia, e a mesma, não pode ser brincante, brincar com as palavras, porque isso seria ofício dos poetas. Apenas.

Os detritos (Benjamin, 1987, p.238) são o produto que toca a imaginação das infâncias e permite que se criem outras coisas maravilhosas com isso. E a criança como sendo um ser de criação percebe no que se joga fora, ou naquilo que os

²⁹ Deleuze, Gilles, Guattari, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo : Ed 34, 1993/1991.

adultos não usam mais, algo que pode ser desmontado, quebrado. Suas imaginações têm o direito de criar porque não é mais nada, assim como o brincar com um galho, que para o adulto não tem significado algum, para as infâncias adquire um significado imprescindível. Suas vidas dependem daquele galho se transformar em outras coisas e mesmo assim, quando sentem o desejo de mudar de brincadeira, por achar qualquer outra coisa, mudam sem pestanejar, não se prendem ao objeto, porque sabem que aquilo que cria é a imaginação, não o objeto. A coisa é apenas o veículo de sua imaginação.

A criança ainda tem o impulso, desejo em reutilizar, em criar perspectivas, com aquilo que não é mais útil, entretanto, o colonialismo tem incutido desde cedo o desejo por coisas novas, o consumismo como modo de viver não percebe que muitas coisas podem e devem ser reutilizadas, por uma questão ecológica, o lixo não é coisa que se deve jogar fora como se não fosse o suficiente para a vida humana, mas sim ser aproveitado de outras maneiras, para isso exige imaginação, vontade de transformar as coisas, o que não é permitido, tudo deve permanecer como está, principalmente a geração de lucros e dividendos. Qualquer coisa que não se relacione com dinheiro é tida como menos importante, até descartável, assim como um escravo que não produz mais não serve. Aos poucos, o desejo por transformar é mesclado e transformado nesse desejo por coisas novas, pelos brinquedos mais impressionantes que as propagandas induzem a comprar, ou se você não puder comprar fica com aquele sentimento de não ser bom o suficiente para o mundo moderno.

Logo a criança se torna objeto. A lava do vulcão que esfriando se torna rocha, aos poucos toda aquela intensidade, desejo, amor às coisas são transmutados em frieza e distância, ou apreço a algo fora de nós, não aquela criatividade que explode de nossa mente quando encontramos tempo para pensar na vida, para testar, destruir, construir, fazer novamente até chegar em um ponto que desejamos. Tudo isso é uma brincadeira com as coisas, os movimentos e os sabores que os adultos sérios não querem pensar, querem apenas que tudo siga no mesmo passo. A perda da infância como testemunho do empobrecimento da experiência.

A brincadeira e o riso tiram as coisas do lugar-comum, são ações que tiram o caráter sisudo das coisas, da vida e nos permite explorar, inventar, criar a vida em sua poiésis. Estar à disposição do riso e da brincadeira e não da luta contra as coisas, brincar torna tudo mais leve mais profundo e nos permite diálogos com

coisas que na sisudez não nos é permitido, olhar para as coisas de outra perspectiva, traçar outros limites, unir coisas que parecem distantes, são muitas as ações que podemos realizar ao dar um passo simples, rir e brincar com as coisas da vida.

Rufino, (2021) nos apresenta uma maneira de ver os mais velhos de outros modos que apenas aqueles mais sérios de todos. Quando imaginamos um filósofo com mais tempo no mundo, pensamos naquele homem branco, preso dentro de um escritório, cercado de livros, associado a um tipo de universidade, entre outras condições para ser um pensador, mas será que todos os pensadores da Filosofia foram esse tipo específico de pensador? Sócrates, foi morto, Diógenes o cínico, vivia em um barril, Nietzsche morreu isolado, isso para contar alguns casos. Então por que temos a impressão que apenas um tipo específico de ser humano faz Filosofia e outros não fazem? O nome disso é colonialismo, epistemicídio, retira a validade dos pensamentos de outrem apenas porque não são feitos na língua materna da Inglaterra, França ou Alemanha.

Os mais velhos no mundo possuem uma conexão com as crianças, através do brincar, quando não foram completamente colonizados:

Dessa maneira, é por meio da brincadeira que os mais velhos comunicam para os mais novos os valores da comunidade e de sua cultura. Valores esses que são contrários ao controle do tempo por uma métrica linear. A brincadeira rasura esse tempo linear e proporciona, através de um tempo espiralado, o trânsito, o contato, o deslocamento e a integração entre a criança e a anciã. (Rufino, p 52)

Dessa ação brincante surgem as dobras, as possibilidades dos tempos distintos, o tempo aiônico. A ação descolonizadora deve permitir que as crianças tenham esse tempo e o contato com essas pessoas, pois muitas vezes sua educação é feita por adultos compenetrados que não brincam, que não riem das coisas da vida e apenas lutam pela sobrevivência, claro que isso tem o peso que o capitalismo sobrecarrega os ombros de muitos em detrimento de poucos, mas precisamos usar um jogo de corpo para sairmos dessa potente prisão que nos colocaram, a nós os condenados da Terra, os impossibilitados de ser.³⁰

³⁰ Fanon, Frantz, Os Condenados da Terra; 1º edição; Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira, 1968

Dessa mesma maneira nos colocamos no chão da escola para ouvir o que as crianças têm a dizer, a explicar sobre as coisas do mundo. Esse brincar com a ideia de que apenas os adultos podem pensar sobre as coisas da vida, apenas os eleitos, aqueles com anos de estudo tem o direito de serem ouvidos é um problema no sentido que não deixa outros falarem, outros não são ouvidos e quando são ouvidos por charlatões acabam entrando no caminho da mentira e da fake news, para usar um termo contemporâneo.

As infâncias não possuem cosmovisão, mas sim cosmo sentidos, como explica Renato Nogueira em seu texto sobre o poder da infância³¹. Isso significa que não estão presos aquilo que veem apenas, mas sim a tudo que os cerca, pensar na infância e nas brincadeiras que proporcionam pensar em todas as possibilidades que o mundo em seu bojo alimenta a nossa imaginação, permitir o riso e a brincadeira, não é apenas uma maneira de escapar de uma realidade séria, onde somos constantemente acossados por problemas, dificuldades que muitas vezes os adultos sérios impõe. Deixar que as crianças brinquem e se divirtam é permitir também saídas para as atuais condições de pensamento e de ação às quais estamos condicionados. Ao jogar com o corpo, com as brincadeiras e com o riso, estamos jogando com as palavras e seus sentidos, subvertendo alguns conceitos, algumas ideias. Isso pode ser assustador para quem está no poder, mas precisamos dar uma gingada para não nos acabrunharmos como peso de uma realidade que não nos permite viver. Existir plenamente no mundo, no brincar, se torna possível, porque para viver é preciso imaginar e deixar a imaginação fluir. É algo que não nos acostumamos a fazer, pois a vida adulta nos impede disso. Muitas vezes, infelizmente.

Mas porque não permitir que aqueles que podem, tenham suas infâncias preenchidas com uma vida que está se fechando dentro de casas? Quando chega a pandemia e todos precisamos estar dentro de casa percebemos a importância da rua, das outras pessoas, do caminhar, do estar próximo de outros seres humanos. Todo aquele processo nos permite observar que as crianças que não brincam longe das telas acabam perdendo muitas coisas, habilidades sim, possibilidades também. São muitas coisas que elas e nós adultos perdemos. Então precisamos deixar que a

³¹ Revista; Momento: diálogos em educação, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019

vida tome conta do mundo digital e que possamos usar como precisa ser usado, como um elemento para nos aproximar e não para nos prender dentro de casa em frente a telas e máquinas.

A Infância é a emergência de um acontecimento que interrompe o fluxo corriqueiro das coisas, suscitando algo, ao mesmo tempo, ímpar e banal. Ímpar porque cada momento é único e extraordinário, e, banal porque tudo que acontece é ordinário e comum. Infância nos convida a reinventar o mundo (Nogueira, p 131, 2019)

Quando somos infantes, no sentido alegre, percebemos outras possibilidades que a vida nos permite. Não é apenas aquilo que nos lega a tradição, mas usando aquilo que temos, aquilo que já foi construído recriamos outros sentidos, outros sentimentos com relação ao que acontece. Brincar nesse sentido tem o mesmo objetivo de uma pesquisa na academia, usar as referências para buscar o novo, para buscar respostas para perguntas que nos colocamos. Esse movimento de procurar, de buscar respostas para nossas indagações passa pela reformulação daquilo que vivemos, daquilo que sentimos enquanto seres humanos. As pessoas sérias têm seu tempo todo cronometrado, são cheias de afazeres e passam a vida sem sentir a sua existência, sem refletir sobre o porque estarem fazendo o que estão fazendo e o novo³²é aquilo que nos permite sair da zona de conforto.

Precisamos então dos encantamentos, das utopias, dos inéditos viáveis para que possamos reviver a criança que perdemos. Sempre que estou em contato com as crianças em sala de aula em suas perguntas e respostas tenho que cuidar para não deixar apenas o professor falar e permitir ser criança para brincar. Muitas vezes no parquinho ou nos outros ambientes o medo de que se machuquem pode fazer com que não permitamos que façam certas coisas, mas qual o limite para esse cuidado e qual a fronteira onde isso se torna aprendizado. Uma criança pular de uma mureta e acabar sentindo dor é por pular errado, é uma falta de cuidado ou um aprendizado que quando for fazer novamente vai pensar em usar o corpo de outra forma para não se ferir? Ao contar uma história, onde ressignificam e se permitem outros finais, assim como outras interpretações da divindade, seria um erro ou apenas estão aprendendo a escrever suas histórias, a pensar por si mesmos?

³²Kohan, Walter, Infância. Entre Educação e Filosofia. 1º ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2005.

Ainda Benjamin nos permite pensar o conto de fadas:

O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga – A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou, pelo menos, os utiliza para ligar seus elementos. (Benjamin, 1987, p 238)

Dessa perspectiva cabe a pergunta: o que criarão as crianças quando tiverem mais contato com o pensamento filosófico? Irão recriar a Filosofia e pensar um mundo diferente? A resposta para isso está até bem clara, irão fazer o que sempre fazem, brincar com as palavras, os sentidos, os pensadores e pensadoras, com as histórias e ao longo de seu processo de vivência irão criando suas perspectivas, usando aquilo que lhes interessa, e jogando fora o que não importa, naquele momento. Brincando com todo o arcabouço da humanidade ao longo de seu tempo de existência nesse planeta e sabemos que algumas crianças têm uma infância que leva anos para se completar e não se tornam adultos, esses sérios que não sabem brincar e levam a vida como um peso, para esses não há mais o que fazer a não ser apresentar uma perspectiva brincante, para que sua seriedade extrema possa ser tocada pela seriedade do brincar.

Os detritos, aquilo que não serve para a construção da sociedade iluminada, utilizada pelas crianças, na falta de materiais, encontram o maior tesouro de todos, dos detalhes, dos pedaços da vida comum se retiram os tijolos com os quais podemos criar mundos, novos conceitos e novas formas de encantar o mundo.

3.2 Pobreza de narrativas

Há muito viemos nos preenchendo de informações. Antes, era o jornal que trazia em seu bojo inúmeras informações, sabia-se sobre o mundo todo, um pouco de cada coisa, desde economia até esportes. Cada um tinha uma opinião e isso foi sendo sustentado pela imprensa escrita ao longo do tempo que sobreviveu o jornal, cada ser tem sua opinião que deve ser valorizada, principalmente se você pode comprar o melhor jornal e ler os melhores livros para se informar sobre as coisas. Estava assim fundada a sociedade da informação. (Castells, 2011)

Essa sociedade é pensada para tecermos o máximo de tempo possível com os dispositivos que nos conectam ao mundo. Estamos fartos de informações, cheios de coisas para falar, mas ansiosos para saber qual vai ser a próxima discussão que iremos nos meter. Pode ser sobre a guerra no Iraque, pandemias, vacinas, entre tantas outras pautas que aparecem todos os dias e nos digladiamos nas redes sociais buscando vencer. Ou em alguns casos um acordo tácito onde todos estamos certos, o que vale é mostrar sua opinião.

Eis então o campo fértil para as fakenews e para as maiores mentiras que se pode contar, o aparato nazista de Hitler é pequeno perto da audácia de tantas questões que são apresentadas. Mas como lidar com tudo isso, essa mixórdia de informações que nos assaltam todos os dias, como lidar com o fluxo inenarrável de coisas que temos que lidar, mas que não sabemos como? Como lidar com toda essa pobreza de experiências que nos afetam? Como lidar como um tempo em que estamos muito conectados, mas não conseguimos traduzir isso em experiência de vida e lidar com muitas das demandas que diariamente nos assolam?

Walter Benjamin em *Experiência e Pobreza*, apresenta o argumento de que a atualidade vem experimentando um aumento da pobreza de experiências comunicáveis. Cada vez mais pessoas têm muita coisa para falar, mas não tem vivências em que as outras pessoas possam se espelhar para apreender alguma coisa daquilo, ou para desenvolver narrativas, agora, tudo é papel, e mais recentemente foto e vídeo:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e cosmovisões do século passado nos mostrou tão claramente onde conduzem a simulação ou a imitação da experiência, que é hoje em dia urna prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, admitamos: essa pobreza de experiências não é urna pobreza particular, mas uma pobreza de toda a humanidade. Trata-se de uma espécie de nova barbárie. (Benjamin, 1986, p. 196)

Quão legítima essa citação se torna quando pensamos na atualidade da internet. Na era da informação há um acúmulo de mentiras, em uma escala incomensurável onde a verdade importa, mas é sempre aquela que me favorece, de algum modo, principalmente econômico. Dessa maneira o caráter de busca pela verdade se reveste de outro problema, como achar a verdade no caos de

informações que possuímos? A resposta é simples e ao mesmo tempo difícil, lidar com a verdade é conectar com a nossa experiência de vida, não apenas o tempo que temos no mundo, mas o modo como pensamos as coisas, sentindo mais profundamente o que precisamos e não o que o marketing tem feito acreditar que precisamos.

Nesse sentido as filosofias lidam com a busca pelo saber, logo é um caminho que já foi percorrido muitas vezes de como lidar com o excesso de informações, ou com a falta dela. Ao longo do seu processo histórico são várias as maneiras de lidar com isso e se tornou nosso patrimônio cultural, aquele no qual podemos sustentar, ser de certa forma um alicerce que nos ajuda a pensar a nossa realidade. Nada muito distante da forma como os mais velhos lidam com a transmissão do conhecimento para os mais jovens nesse mundo, como na Filosofia africana³³, isso significa que há diversos caminhos de encontrar o saber, e que esses caminhos seguidos por diferentes povos e pessoas, precisam ser pensados no arcabouço humano, não como menos ou mais importantes, mas como maneiras de entender o mundo.

Nosso patrimônio cultural parece ser inconsistente quando nos comparamos com a Europa, com seus séculos de filósofos e filósofas que pensaram a sua realidade. Quando olhamos para o que já produziram de muitas maneiras, podemos ter a percepção de que não produzimos nem um pouco daquilo. Mas cabe perguntar: para que nos comparar com uma realidade diferente da nossa? Para que buscaremos respostas em outras realidades se a nossa é completamente diferente? Para isso precisamos buscar naquilo que nos permite sermos o que somos. Nossas experiências de vida são muito diversas daquelas que vemos na Filosofia europeia, porque antes de tudo fomos obrigados a pensar como eles e todas as vezes que procuramos pensar como nós, somos desvalorizados. Há comentadores há muito tempo no Brasil, tradutores, pesquisadores etc. Não que isso seja ruim, nem bom, cada um realiza aquilo que é seu desejo, não há uma hierarquia dos saberes, assim como a ideia de que um pedreiro não possui saberes é absurda, saber construir uma casa é um saber muito importante para a existência humana, não é nem pior, nem melhor, apenas um saber. Traçar essa linha e dizer que se pode fazer pesquisa em

³³ Nascimento, Entre apostas e heranças: Contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil – 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2020

diversos níveis e possibilidades é algo muito importante para a nossa capacidade de pensar, sem o início, sem começar de algum lugar, não iremos a lugar algum.

Aproximar filosofia e crianças é dar a elas as ferramentas para que busquem suas respostas e suas perguntas. É pensar o início da pesquisa, da busca humana por formação e principalmente, por experiências de pensamento que nos transformem e nos permita continuar a caminhada ao longo do tempo de nossa vida, seja ela acadêmica ou da vida cotidiana com seus diversos saberes. Abrir esse espaço para as infâncias perguntarem, não é mera questão de idade, mas sim de tempo, de possibilidade de pensamento.

A pobreza da época atual se refere ao universalismo que a indústria do entretenimento e a Internet tem proporcionado, as crianças conhecem muito bem os super-heróis, séries, filmes, da grande indústria, mas são meros consumidores, não criadores e mesmo as possibilidades de se criar um canal no Youtube por exemplo consiste na mesma proporção de gerar riqueza que nos tornarmos milionários jogando na megasena, usando uma alegoria. Significa que são muito poucos aqueles que podem se sustentar, quem dirá se tornar rico, como grande parte da indústria nos faz acreditar. E essas crianças não escutam as histórias dos mais velhos, porque sua atenção está concentrada nas telas, ainda mais depois do tempo da pandemia que ficamos em casa, ou melhor, longe de aglomerações e imersos nas nelas. “Sim, admitamos: essa pobreza de experiências não é uma pobreza particular, mas uma pobreza de toda a humanidade. Trata-se de uma espécie de nova barbárie” (Benjamin 1986, p. 196).

Podemos argumentar que toda a humanidade ao qual se refere Benjamin é a Europa, por ser de lá ele pensa o seu mundo. Daqui da América Latina podemos dizer que resgatar a experiência é ver como as pessoas lidam com os problemas que tiveram ao longo do seu tempo, que tipo de significado foi sendo construído com o passar das experiências coletivas de escravidão e colonialismo, se, Walter Benjamin ficou impressionado com a mudez daqueles que voltaram da primeira guerra, de que maneira podemos reagir ao perceber que somos colonizados e escravizados ainda hoje. As perguntas que seguem são: será que os movimentos dos negros e indígenas ao longo do tempo não acharam meios de expressar o que sente ou o que pensam? Como eles lidaram com toda essa experiência de ser subalterno ao longo de centenas de anos, será que não houve modos que seu pensamento continuasse a existir, mesmo no pior dos momentos? Em se tratando

das infâncias: Como estas se expressam em nossa sociedade colonial/moderna? Como acolhemos o brincar como uma dimensão humana de experiência e de vida?

Na educação infantil brincamos com as crianças de muitas coisas, as brincadeiras de roda são parte de suma importância no processo que nos colocamos como ensinar, isso porque faz parte de nossa maneira de agir no mundo, não apenas de uma brincadeira. A brincadeira de roda na qual contamos histórias e outra que podemos colocar como muito importante para o desenvolvimento das possibilidades das infâncias, de todos os envolvidos, não apenas das crianças que estão em idade escolar. Nas brincadeiras de contar histórias, ouvir, interagir com os colegas percebemos algumas experiências de pensamento que vamos levando para a nossa existência nesse mundo.

Quando pensamos em atividades brincantes alguns seres mais sérios acham que isso é perda de tempo, mas como já explicamos acima, não se refere apenas ao entretenimento que uma certa indústria cultiva, mas sim dos jogos de linguagem que tecemos em contato com outras pessoas, principalmente quando são diferentes daquilo que estamos acostumados. Outro ponto importante é que as interações sociais são o que nos transforma enquanto humanos, sendo a Linguagem o grande ponto de intersecção da nossa estrutura social.

Dessa maneira o folclore, seus folguedos, cantigas de roda e no nosso caso as histórias, são um dos caminhos pelo qual a humanidade foi sendo construída, e nós enquanto latino-americanos devemos muito para quem originou essa maneira de ver o mundo, que são os povos originários, afrodescendentes e europeus que para cá vieram. Além de muitas outras perspectivas que foram sendo aliadas ao processo de construção de uma identidade enquanto nação que não é normativa, mas sim heterárquica. O folclore se mostra um elemento de grande importância quando percebemos que é o coletivo quem vai aceitando ou não as regras e maneiras de agir social que vão sendo apresentadas nas histórias e brincadeiras que vão sendo perpetuadas através da prática cotidiana em qualquer lugar do nosso território. Aprender não é apenas na escola, mas em todos os lugares e a maneira de agir nas circunstâncias que temos depende da maneira como nos comportamos nesses ambientes.

O pensamento de que o folclore é apenas um passatempo se relaciona com uma maneira de pensar na qual a vida é vista como apenas produto de um tipo de cultura que se relaciona com elites econômicas. Isso significa que aqueles que não

detém o poder econômico ou político não tem cultura, e que seus pensamentos são passatempos, ideias absurdas ou erros gramaticais. Entretanto, nossa perspectiva é valorizar esse pensamento e buscar junto com as crianças perguntas que se acumulam quando nos deparamos com uma história como a do Saci-Pererê, por que ele tem apenas uma perna? Quem são os pais dele e porque ele sempre apronta? Ele tem uma casa onde ele dorme? São muitas as perguntas dessa e de outras histórias que nos tocam quando olhamos para elas com atenção e cuidado, ou apenas com aquela liberdade que as crianças e os poetas têm de enfrentar as coisas da vida.

Seguindo aquilo que nos apresenta Benjamin sobre a experiência e as narrativas, queremos dar vida a esse modo de viver, de existir que vai ser esquecido se não dermos atenção para isso. Lembrar quem somos não é um processo findo no ato de escrever o nome, ou de repetir as letras do alfabeto em um papel, mas saber quem somos demanda saber sobre a nossa história e sobre a história de nossos pais, avós, da comunidade que nos cerca. Somos porque vivemos em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e afetos cultivados na infância têm um impacto duradouro, modelando a capacidade de interagir, questionar e, fundamentalmente, de ser humano. A escuta e o diálogo são ferramentas na construção de uma educação humanizadora. Elas permitem que as crianças não só se expressem, mas também aprendam a respeitar e compreender o ponto de vista dos outros. O desafio, claro, é preparar essas crianças para um mundo onde a diferença é constante, ensinando-as a ver a diversidade como um recurso, não uma ameaça

Refletir sobre essas práticas e registros é essencial, não só para o desenvolvimento das crianças, mas também para o crescimento contínuo como educador. É nesse processo que enquanto professor, preciso reinventar e encontrar novas maneiras de enriquecer a educação.

A educação deve ser um espaço de diálogo, onde as vozes são ouvidas e valorizadas. Incentivar a curiosidade e o pensamento crítico é essencial para formar cidadãos capazes de questionar e inovar. O sentido do diálogo é dimensão do humano e a educação dialógica é ato de criar formas de nos humanizarmos:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e re-criação, se não há amor que a infunda [...] a fé nos homens é um dado a priori do diálogo [...] não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. [...] finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade (FREIRE, 1992, p.79).

Como professor, estou desempenhando um papel significativo ao proporcionar esse ambiente acolhedor e reflexivo. Escutar e permitir que as crianças explorem suas próprias ideias, não só melhora a qualidade da educação, mas também humaniza o processo, criando conexões significativas e duradouras. E sobre essa ideia de brincar tão subestimada! Brincar desenvolve habilidades motoras, sociais e cognitivas de maneira orgânica e prazerosa. É incrível como as crianças encontram maneiras criativas de utilizar seu tempo livre. Dar esse espaço a elas é dar a chance de crescerem de forma integral.

Saber de onde falamos, de quem somos é um dos primeiros passos que precisamos dar em filosofias. Ao falar de algum lugar, temos experiências diversas dos outros pontos da Terra e não podemos dizer pelo outro o que apenas ele pode dizer. Eu não passei por uma pandemia enquanto criança e apenas isso já denota uma grande diferença. Assim, sou sempre eu falando sobre o que percebi que pensaram. Eles ainda podem ter vários outros pensares que não falam, ou que ainda não conseguem expressar. Nem através de desenhos, nem através do corpo, mas estão aprendendo, expressando, exercitando esse falar, narrar para que no futuro quem sabe falem por si o que pensam. Cabe a mim permitir que seus tempos e espaços sejam respeitados. E se vivemos no paradoxo do cuidar e do educar, podemos dizer que há outro paradoxo que muitas vezes esquecemos, que somos de um tempo e eles de outro. Procuramos entender o que gostam, pensam e sentem, mas essa fronteira, o outro, é algo que nos incomoda e nos causa admiração. Como pode alguém existir nesse mundo encantado que existimos, em um pequeno planeta girando a muitos quilômetros por hora?

Do espanto, da pergunta, do saber, procurei criar possibilidades de que as filosofias surgissem. Errei bastante até encontrar algumas possibilidades, que ainda precisam de mais desenvolvimento. Essa pesquisa é uma pergunta sobre as confluências entre um professor com formação em filosofia com suas crianças da educação infantil. Confluências sobre a experiência da docência pensada a partir de filosofias com as infâncias. Através das narrativas, das histórias que contamos para as crianças criamos e recriamos a docência. Escolher bem as histórias, para que sejam relevantes para suas identidades, assim como para seu pensamento é um desafio que nos propomos e por isso usamos o folclore, seus contos, suas lendas, para proporcionar a experiência do perguntar.

Houve um tempo em que achava que meu trabalho não seria suficiente para uma pós-graduação como o mestrado, pensava muitas vezes em outros temas, outras relevâncias para um projeto. Entretanto, como Paulo Freire fala, precisamos da prática assim como da teoria. Para o *quefazer* não basta que saibamos as teorias pedagógicas ou filosofias, precisamos aprimorar cada uma delas com a prática, com o cotidiano da sala de aula ou da vida. Aprender isso é algo que venho lidando desde que comecei esse processo, ainda na pandemia, entender que a minha prática docente é relevante porque permite que crianças tenham tempo e espaço de pensar e de perguntar, não é uma coisa menor.

Boal na sua estética do oprimido propõe que o teatro e a arte devem ser usados como formas de conscientização e mobilização política e todas as vezes que usamos histórias do nosso folclore, ou temas que são de nossas identidades, trazemos isso no seu amago, pois escolher um tema, que seja eurocêntrico por exemplo, não iria ajudar a nossa identidade, nem das crianças. Assim a criação desses espaços e tempos que narrei durante esta escrita, também, tem inspiração nele, para ouvir e promover um diálogo crítico e inclusivo, não apenas falação, mas falar e agir. Assim com inspirações de vários locais do mundo, vamos dando seguimento a esse tempo da escola, que muitas vezes é tida como a grande vilã do mundo, mas que na verdade é apenas uma forma de aprender. Tendo sua importância principalmente para as classes menos favorecidas e por isso é atacada todos os dias, seja com falta de recursos ou má vontade política que gera outros danos ainda mais profundos.

De todos os autores e autoras citados, talvez o que não tenha sido é Augusto Boal, isso porque ele está presente na maneira como ensino, ou na maneira que eu procuro lidar com o corpo e com as informações que o mundo me traz. Assim como Paulo Freire, bell hooks, Walter Benjamin, Fernet-Betancourt entre outros e outras que fazem dessa pesquisa a confluência de pensamentos que me proponho a realizar com as crianças.

Ouvir o mundo sempre foi um problema, timpanizar as palavras é outro processo que não apenas escutar. “Timpanizar” tem a ver com o martelo presente no labirinto do ouvido e que ao ressoar os nervos auditivos “escutam” os sons, claro que não podem fazer isso com todos os sons existentes então há um paradoxo, ouvimos, ou não ouvimos tudo que nos cerca?

Ainda parece difícil pensar em confluências entre infâncias e filosofias, mas no trabalho e no convívio com crianças, percebemos que tem ouvidos atentos, ainda não sabem escrever e da oralidade brotam curiosidades, vida, afetos, desejos e sons. A filosofia, assim como a infância lida com o ser e o não ser das coisas, o espanto, as dúvidas e permitir que as crianças não se percam do caminho de seguir perguntando, brincando e criando é nossa obrigação enquanto seres humanos.

Confluências entre filosofias e infâncias tem constituído meu modo de ser. Acolher estas confluências na prática docente, analisar elas tomando alguma distância mesmo estando mergulhado neste universo, foi o caminho difícil desta autobiografia como professor que se gesta com as crianças. Um dos aprendizados

que fica é que confluências com infâncias e filosofia é teimosia contracolonial em defesa do direito as infâncias na educação infantil. Que as crianças sigam me ensinando!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRIES, PHILIPPE; **História Social da criança e da Família**; 2ª edição; tradução: Flaksman, Dora, 1986.

ARISTÓTELES. **A Metafísica**. Edições Loyola, São Paulo, 2002

BAKHTIN, VYGOTSKY E BENJAMIN: **Infância e Linguagem**, 11ª edição, Editora Papirus, Campinas, São Paulo, 2008.

BNCC, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasil 2017.

BENJAMIN, Walter, **A Hora das Crianças, narrativas Radiofônicas**. Tradução, Aldo Medeiros. Nau Editora, Rio de Janeiro, 2018.

BENJAMIN, Walter: **Experiência histórica e imagens dialéticas** / organização Carlos Eduardo Jordão Machado, Rubens Machado Jr., Miguel Vedda. 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BENJAMIN, Walter, **Magia e Técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura, obras escolhidas, volume 1**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio, Jeanne Marie Gagnebin. 1ª edição 1985. ed. Brasiliense.

BENJAMIN, Walter, **A Modernidade e os Modernos**, tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva Arlete de Brito e Tânia Jatobá, 2ª edição tempo brasileiro rio de janeiro – RJ – 2000.

BENJAMIN, Walter, **Documentos de cultura. Documentos de Barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

BERLE, Simone. **Infância como Caminho de Pesquisa: o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e a educação Filosófica de professores e professoras**. 1ª edição. Rio de Janeiro: NEFI 2018.

BISPO dos Santos, Antônio. **A Terra dá a Terra quer**, São Paulo, ubu editora, 2023

BISPO dos Santos, Antônio. **Colonização, quilombos modos e significações**, Brasília 2015.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro, ed. Garamond, 2009.

COHN, C. (2013). **Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil**. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 13(2), 221–244. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARNEIRO Jr, Renato Augusto **Lendas e Contos Populares do Paraná/** coordenador.; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro, José Luiz de Carvalho, Juliana Calopreso Braga, Myriam Sbravati. - Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CERLETTI, Alejandro **O ensino de filosofia como problema filosófico /** Alejandro Cerletti ; [tradução Ingrid Müller Xavier]. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

CERQUEIRA, Luiz A. **Filosofia Brasileira.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CÍCERO, M.T. **Discussões Tusculanas [online].** Traduzido por Bassetto, Bruno Fregni. Uberlândia: EDUFU, 2014.

CIRINO, Maria Reilta Dantas. **Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina).** 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

COSTA. Magda Carvalho. **Filosofia para Crianças: a (im)possibilidade de lhe chamar outras coisas.** 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson; **Entre apostas e heranças: Contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil.** – 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo : Ed 34, 1993/1991

DUSSEL, Enrique. **1492: O Encobrimento do Outro: A Origem do Mito da Modernidade.** Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ, editora Vozes 1993.

FANON, Frantz, **Os Condenados da Terra.** 1º edição; Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Florestan. **O Folclore em Questão,** São Paulo, HUCITEC, 1978.

FORNET-BETTANCOURT, Raúl. **Interculturalidade y filosofía en América Latina;** Reihe Monographien/ serie monografías, tomo 36; editor: Herausberger; Wissenschaftsvedag Mainz in Aachen; 2003

FORNET-BETTANCOURT, Raúl. **Hacia una transformación intercultural de la filosofía Ejercicios teóricos y prácticos de filosofía intercultural en el contexto de la globalización;** Ediciones digitales Aachen / Barcelona 2020

FORNET-BETTANCOURT, Raúl. **Filosofar para nuestro tiempo en clave intercultural.** Reihe Monographien, band 37. Wissenschaftsvedag Mainz in Aachen; 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** 17º edição. ed. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra** / Paulo Freire, Donald Macedo; Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido** / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
recurso digital

FREIRE, Paulo, **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.

HELLER, Agnes. **Por una filosofía radical**. Edita ediciones 2001

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: Educação como Prática de liberdade**; Trad. Marcelo Brandão Cipolla; São Paulo Ed. WMF Martins Fontes, 2013

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista, da margem ao centro**, tradução Rainer Patriota. 1ª ed. 2019

JOBIM, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Ed Papiros, Campinas, São Paulo, 1994.

KRAMER, Sônia; **Ensino fundamental de nove anos, orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade**; Brasil, Ministério da Educação, 2007.

KOHAN, Walter. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. 1º ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2005

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del Hombre Americano**, 1976, colección estudios latinoamericanos, dirigida por Graciela Maturó

LIPMAN, Mathew. **Philosophy in the Classroom**. Philadelphia; Temple University Press; 1980.

LIPMAN, Matthew. **Philosophy goes to school**. Temple University Press, Philadelphia, 1988

LOCKE, John. **Ensaio sobre o Entendimento Humano**, , Calouste Gulbenkian, Braga 2014.

LOWY, MICHAEL. **Aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"** Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das Teses, Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller, ed. Boitempo. 2002..

MENEZES, S., Victoria, COSTELLA, Z. Roselane. **O método (auto)biográfico na formação inicial de professores de geografia**. Geografia Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 25, e12, p. 01-27, 2021.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, A. et al (orgs.) Vidas de professores. 2. Ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António, **o método (auto)biográfico e a formação**. Organizadores, António Nóvoa, Mathias Finger. 2º edição, Natal, EDUFRN, 2014

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do Futuro Presente**. 1. ed. Lisboa: Educa, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROCCHIETTI, Ana Maria; **Las Bases Histórico – Político de la interculturalidad / Ana Maria Rocchietti; Graciana Pérez Zavala; Jovino Pizzi, 1ª ed.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Superior del Profesorado Dr. Joaquín V. González, 2011

RODRIGUES, Allan de carvalho; Berle, Simone e Kohan, Walter Omar (org.) **Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar**. /Allan de Carvalho Rodrigues; Simone Berle e Walter Omar Kohan (org.). – 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2018 – (Coleção Eventos).

RUFINO, Luiz. **Vence demanda: Educação e descolonização**. (Recurso eletrônico) 1ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Mórula, 2001.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos. Modos e significados**. Brasília: INC-TI/UnB, 2015.

SOUZA Santos, Boaventura: **Epistemologias do Sul**, ed. Almedina. Coimbra, 2009.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e Biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHNORR, Giselle Moura. **A filosofia intercultural de Raúl Fornet-Betancourt: práxis dialógica e reaprendizagem do pensar**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2016.tde-19102016-150932. Acesso em: 2024-10-03.

Textos selecionados de filosofia latino-americana I. [recurso eletrônico] Organizadores: Carla Regina Rachid Otávio Murad; Lúcio Álvaro Marques – Pelotas: NEPFIL Online, 2021. 161p. - (Série Investigação Filosófica). Modo de acesso: Internet <wp.ufpel.edu.br/nepfil> ISBN: 978-65-86440-40-9

TIRIBA, Léa. **Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de Educação Infantil**. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel (Org.). *Vamos cuidar do Brasil – Conceitos e Práticas em Educação Ambiental na Escola*. 1. ed. Brasília: MEC, 2007. p. 219-228.

TIRIBA, Léa. **Crianças e Natureza**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas** / Tzvetan Todorov [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006. — (Debates; 14 / dirigida por J. Guinsburg) Título original: Pour une Theorie du Recit 3ª reimpressão. da 4. cd. De 2003

VINAO, Frago, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**/ Antonio Vinao Frago e Agustin Eseolano: [tradução Alfredo Veiga-Neto]. - 2. edição - Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

ZANIN, Raquel Aline. **Educação Filosófica: o jogo teatral como possibilitador dessa relação a partir de carecimentos das crianças**. Curitiba, 2019, Universidade Federal do Paraná.

YOUNG, M..(2007). **Para que servem as escolas?** *Educação & Sociedade*, 28(101), 1287–1302. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400002>

ANEXOS

PLANOS DE ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS

Tema: A escola que eu tenho

Objetivos de aprendizagem: reconhecer o ambiente em que está. Possuir noção da localização do prédio e das partes que o compõem.

Conteúdo: Passeio no prédio do CMEI. Passeio nos arredores do prédio.

Atividades: Realizar um passeio parando em cada sala de aula, ou lugar, para reconhecer o lugar, conversando sobre o que é aquilo, quem está ali. Perguntando, se possível, para as pessoas que estão nos espaços o que elas fazem. Depois através de registros em uma folha sulfite, pedir para que desenhem o que quiserem sobre o prédio, se algo que mais gostaram ou algo que menos gostaram, a partir disso iniciar uma roda de conversa sobre o porquê de gostarem menos ou mais. Assim como do porquê de as salas serem de uma maneira ou de outra perguntando o que eles acham que seria necessário mudar ou deixar da mesma maneira. Posteriormente, uma semana em média, voltar para a atividade e fazer um exercício de memória, lembrando o que desenhou e porque desenhou, assim como o que sentiu no momento da atividade.

Tema: a escola que eu quero

Objetivos de aprendizagem: Analisar o espaço ao seu redor. Desenvolver a oralidade e a concentração. Promover a interação com as ideias do outro. Realizar uma análise coletiva sobre um problema.

Conteúdo: Imaginar.

Atividades: Através do trabalho com as lembranças pensar com eles o que seria interessante ter mais na escola, se um lugar melhor para brincar, se uma sala maior, imaginar com eles uma escola ideal. Imaginar um lugar que eles gostariam de frequentar. Se esse lugar teria música, teria dança, ou mais parquinhos por exemplo. Imaginar com eles uma escola diferente.

Tema: Lugares para brincar

Objetivos de aprendizagem: Analisar um problema, onde podemos brincar e onde não podemos brincar e por quê. Possuir noção dos espaços. Perceber os limites para certas atividades. Brincar, pular, dançar etc.

Conteúdos: percepção do espaço

Atividades: Realizar um passeio pelos arredores do CMEI olhando as possibilidades do brincar. Questionando-os se eles poderiam brincar em determinadas ruas, ou calçadas, ou perto do rio por exemplo. Quais cuidados eles precisam ter para o brincar. Iniciar uma roda de conversa em que eles teriam que responder à pergunta: quais são os lugares proibidos de brincar e quais os locais permitidos. A partir dessa pergunta questionar junto com eles o porquê de isso ou aquilo ser. Imaginar com eles possibilidades do brincar onde não seria possível.

Tema: Desenho livre

Objetivos de aprendizagem: Desenvolver a autonomia, a criatividade e a imaginação. Ampliar espaços e tempos de expressão.

Conteúdos: Desenho livre

Atividade: Entregar uma folha de sulfite e não falar nada. Se eles perguntam o que é para desenhar não se pode responder. Então eles vão desenhando conforme seus desejos. Colorindo ou não as atividades. Quando os desenhos estiverem sendo construídos perguntar o que estão desenhando e realizar alguns questionamentos, se há apenas uma criança, onde está o pai? Se há apenas uma casa desenhada, onde está a família, e assim por diante, sempre olhando o desenho e questionando o que ela está fazendo e por quê. Ao longo do tempo essa atividade vai sendo feita de modo mais natural é uma atividade que deve ser feita toda semana, como sendo a principal atividade, não depois que eles fizerem alguma coisa de escrita no período em que estiverem na escola.

Tema: Contação de História

Objetivos de aprendizagem: reconhecer histórias que fazem parte do nosso cotidiano. Desenvolver a oralidade e a escrita. Ampliar repertórios literários.

Atividade: Contar histórias em livros, com brinquedos, com peças de encaixe, ou panos, ou papéis, qualquer objeto que a imaginação permitir. Assim como com livros. Permitir que cada criança conte suas histórias para o grupo todo. Essa é uma atividade diária.

Anexos

IMAGENS DE ATIVIDADES DAS CRIANÇAS

Atividade “o que você quer ser quando for adulto”



O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

FOFÓFA



Quero ser
artista



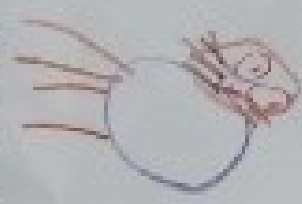
Quero ser
mágico



Quero ser
mágico

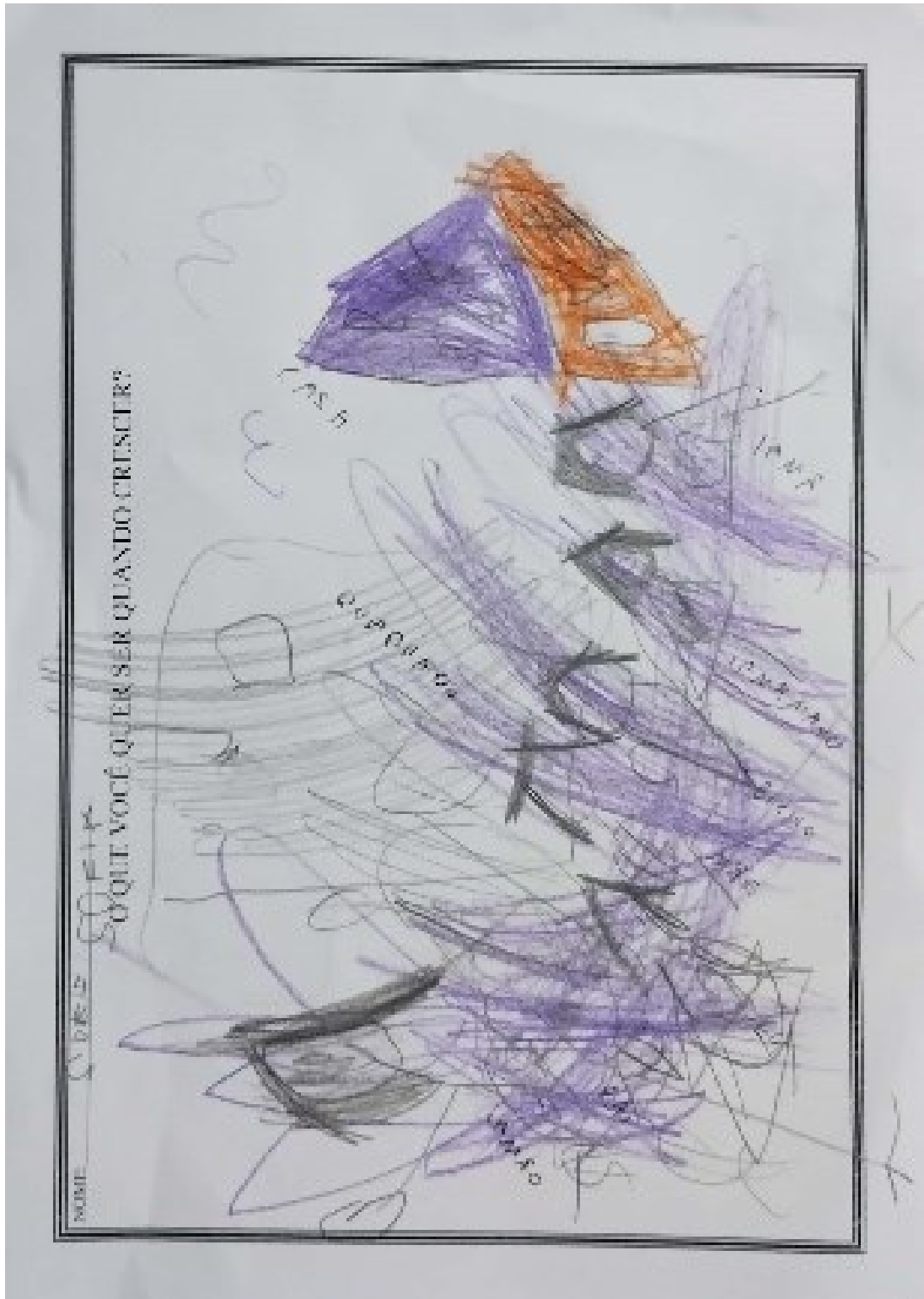


Quero ser
mágico



Quero ser
mágico





NOME _____

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

BA



CRIANÇA

Nome da criança

Por que nasceu aqui?

ABC

PREVISÃO

DATA

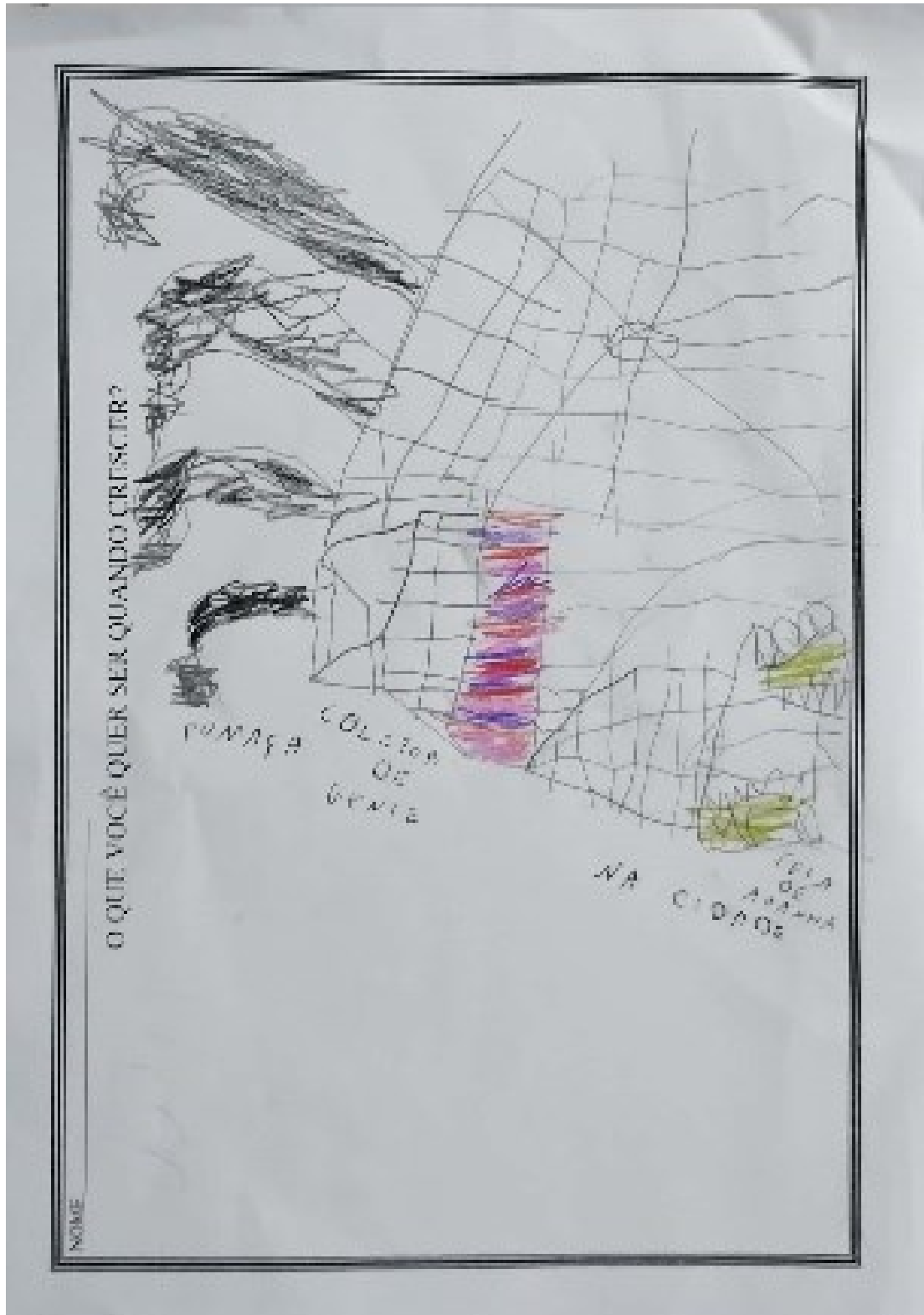
O QUE VOCÊ QUER SER QUANTO CRESCER?



EU QUERO SER

INSETO

PLANTA
ARVORE
FRUTIFERA







NOME:

ARLENE

QUANTO VOCE QUER SER QUANDO CRESCER?

DA D

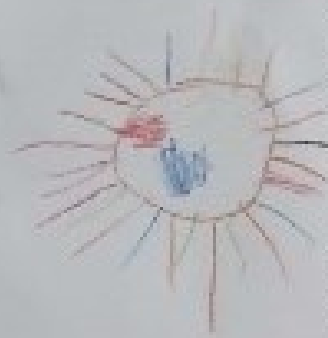
DA D

1000
1000 1000 1000
1000 1000 1000



NOME _____

U QUIF VOIT Q'ETR STR QUANDO CRESCER?



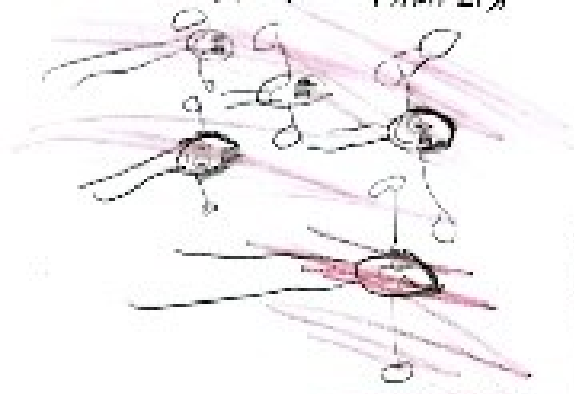
PAI E MÃE



Atividade “a escola que eu tenho”



MINHA FAMÍLIA



NOME _____

101005

ESCOLA QUIRIRITISHO



ESCOLA
ASSISTADORA

Je suis
pour que
l'année 1991

ESCADA

201

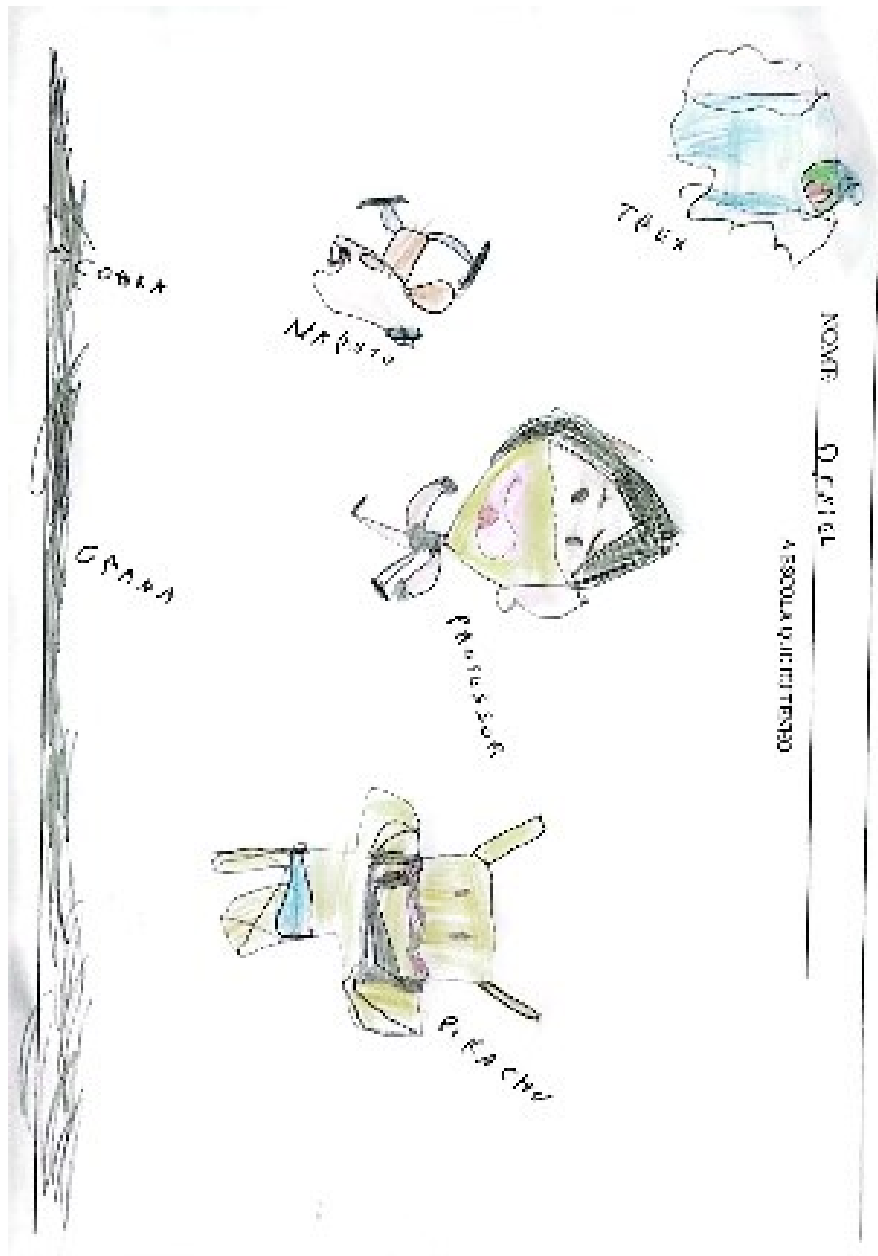
10

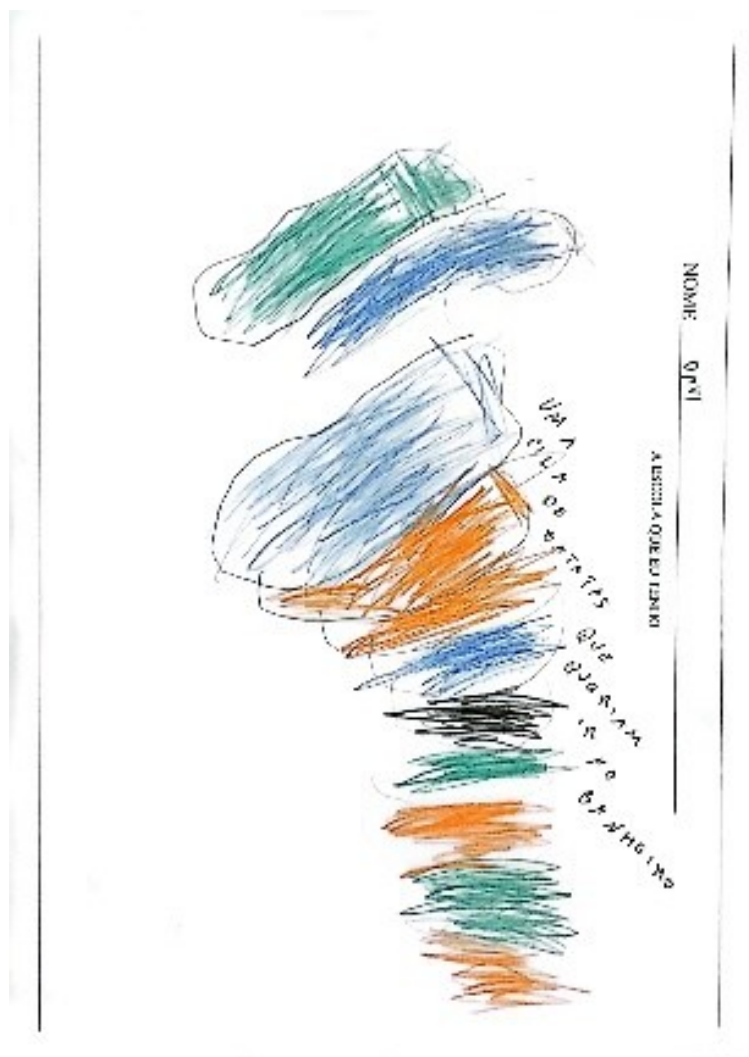
PARIS

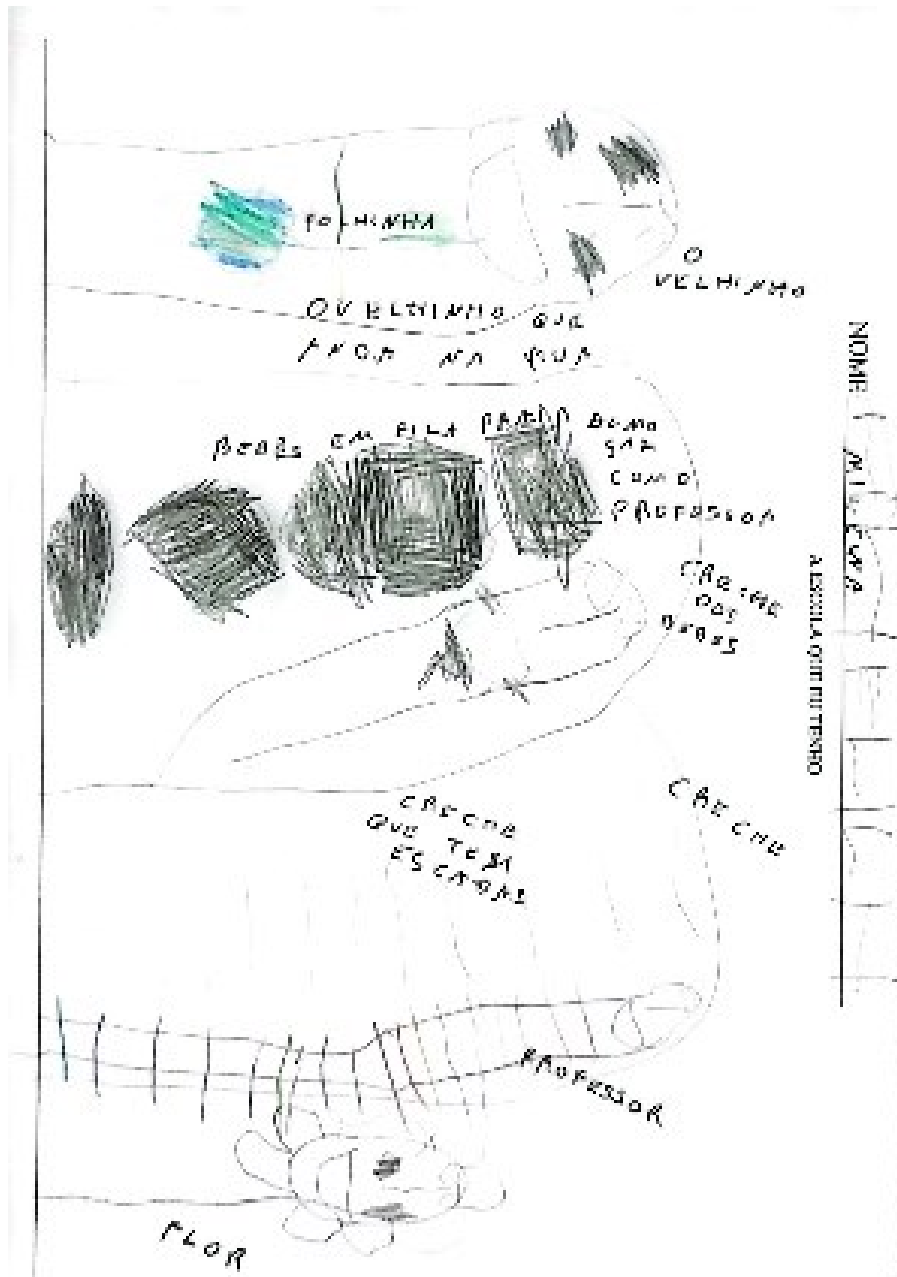
PARIS

PARIS

NUMERO 101 (101)
A PARTIR DE LA FIN



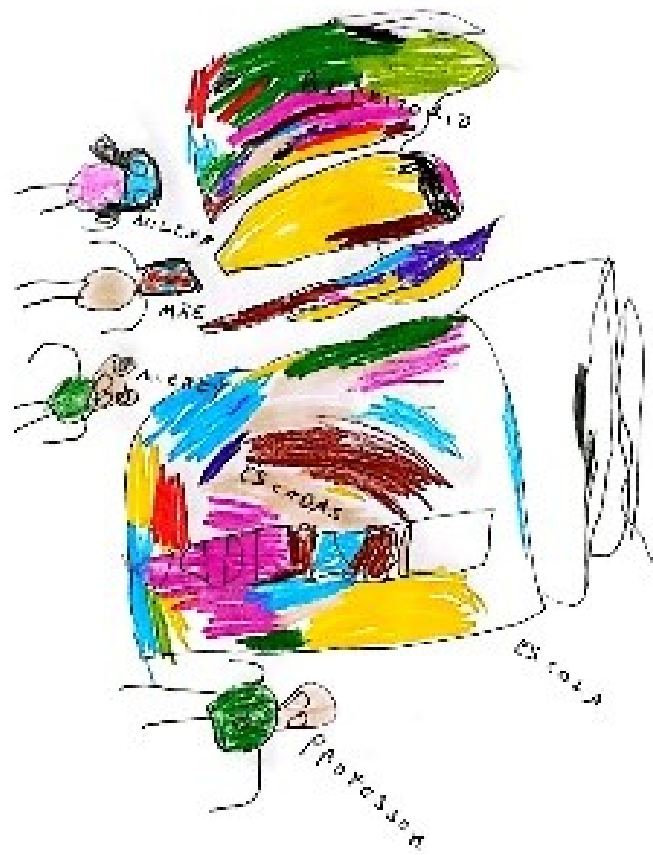




Nome: QUEEN ADA

A ESCOLA QUEM EU TENHO





CELL BIOLOGY
 NAME: M. A. J. S.